

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA**

ORLEY BARRETO MEDEIROS

ANÁLISE DA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

Porto Alegre

2020

ORLEY BARRETO MEDEIROS

ANÁLISE DA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Verdum

Porto Alegre
2020

ORLEY BARRETO MEDEIROS**ANÁLISE DA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcos Wellausen Dias de Freitas (UFRGS)

Profa. Dra. Lucimar de Fatima dos Santos Vieira (UFRGS)

Dedico esse trabalho, à minha companheira de vida, Daniela de Oliveira Pires, pessoa responsável por eu ter chegado até aqui, sem ela, nada disso seria possível.

Dedico também, à memória e ao trabalho diário dos funcionários do Jardim Botânico de Porto Alegre, eles foram e são fundamentais na transformação da paisagem, são os guardiões da história, de pesquisas e de cada cuidado com os jardins, plantas e tudo que compõe o espaço do JB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, ao meu orientador, Roberto Verdum, por todo o auxílio prestado, pela disposição em ajudar, e acima de tudo, pelos conhecimentos compartilhados.

Agradeço à toda equipe do setor de coleções do JB, local onde realizei meu estágio curricular obrigatório.

À professora Nina Simone Vilaverde Moura, minha orientadora durante o período de realização do estágio.

À Professora Eliana Lima da Fonseca, responsável pelo auxílio na elaboração de alguns dos mapas que auxiliaram na elaboração dessa monografia.

Um agradecimento especial, a todos os entrevistados desse trabalho, eles foram parte essencial, a alma do estudo.

Apenas com o trabalho e o reconhecimento da importância e da valorização das pessoas que contribuíram para a construção e manutenção de um espaço tão importante para a cidade de Porto Alegre é que conseguiremos preservar e lutar pela manutenção e ampliação de áreas verdes, bem como toda pesquisa científica que fora desenvolvida pela Fundação Zoobotânica ao longo de sua importante existência.

RESUMO

A presente monografia, possui como objetivo, a análise da paisagem do Jardim Botânico de Porto Alegre/RS, com vistas a fornecer subsídios para a tomada de decisão na definição de unidades de paisagem. Para fins desse estudo, será apresentada a paisagem urbana do Município de Porto Alegre, seu processo de urbanização e seus espaços verdes. Em seguida, será apresentado o contexto da criação do Jardim Botânico (JB) em 1958, e a criação do bairro que recebe o mesmo nome em 1959, mesmo ano da realização do primeiro Plano Diretor da cidade de Porto Alegre. Buscou-se o aprofundamento do estudo da paisagem, reconhecida enquanto categoria de análise da Geografia. Por derradeiro, foram analisadas as entrevistas realizadas com os funcionários do Jardim Botânico, com o propósito de resgatar a memória da construção da paisagem do JB. Para o desenvolvimento do estudo foi utilizado o roteiro metodológico para a realização da leitura da paisagem, com base nos estudos de Roberto Verdum (2012). Verificamos, ao final, a possibilidade de aplicação da referida metodologia na definição das unidades de paisagem, bem como a importância do Jardim Botânico como elemento, harmonizador da paisagem urbana, tanto do bairro Jardim Botânico, quanto para a cidade de Porto Alegre/RS. Destacamos também, a importância do JB para a educação ambiental e para o conhecimento e desenvolvimento da ciência para os biomas gaúchos ali preservados e estudados.

Palavras-chave: Paisagem. Jardim Botânico. Áreas Verdes. Paisagem Urbana. Memória.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to analyse the landscape of the Botanic Garden of Porto Alegre / RS, to provide support for decision making in the definition of landscape units. For purposes of this study, the urban landscape of the Municipality of Porto Alegre, its urbanization process and its green spaces will be presented. Then, the context of the creation of the Jardim Botânico (JB) in 1958 and the creation of the neighbourhood that received the same name in 1959, the same year of the first Master Plan of the city of Porto Alegre, will be presented. It was sought the deepening of the study of the landscape, recognized as category of analysis of Geography. Finally, the interviews with the staff of the Botanic Garden were analysed, with the purpose of recovering the memory of the construction of the JB landscape. For the development of the study was used the methodological roadmap for performing the landscape reading, based on the studies of Roberto Verdum (2012). Finally, we verified the possibility of applying this methodology in the definition of landscape units, as well as the importance of the Botanical Garden as an element, harmonizing the urban landscape, both in the Jardim Botânico neighbourhood and in the city of Porto Alegre / RS. We also emphasize the importance of JB for environmental education and for the knowledge and development of science for the gaúcho biomes preserved and studied.

Keywords: Landscape. Botanical Garden. Green areas. Urbanlandscape. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Limites do Bairro Jardim Botânico.....	29
Figura 2: Área do Jardim Botânico.....	34
Figura 3: Preparação para o plantio.....	35
Figura 4: Mapa Temático do Jardim Botânico.....	39
Figura 5: Mapa Hipsométrico do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	41
Figura 6: Mapa Clinográfico do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	42
Figura 7: Mapa Geomorfológico do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	43
Figura 8: Mapa topográfico do Jardim Botânico-POA, com a legenda das classes de solo encontradas no parque. Elipse – Argissolo; Triângulo – Neossolo e Cambissolo; Quadrado – Planossolo e Gleissolo; Losango – Tipos de terreno.....	44
Figura 9: Construção do acesso principal do Jardim Botânico.....	51
Figura 10: Sequência fotográfica sobre a Pedra do Brizola.....	59
Figura 11: Sequência fotográfica sobre a Pedra do Brizola.....	59
Figura 12: Sequência fotográfica sobre a Pedra do Brizola.....	60
Figura 13: Sequência fotográfica sobre a Pedra do Brizola.....	60
Figura 14: Placa comemorativa ao Dia do Árvore no Jardim Botânico de Porto Alegre, 1959.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese das Coleções do Jardim Botânico de Porto Alegre.....	37
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. 2. SOBRE A PAISAGEM URBANA.....	15
2.1 A CIDADE, URBANIZAÇÃO E AS ÁREAS VERDES.....	15
2.2 A PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE.....	21
3. 3. O JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE.....	27
3.1- O HISTÓRICO DO JARDIM BOTÂNICO NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE DE PORTO ALEGRE.....	27
3.2- ASPECTOS GEOFÍSICOS DO JARDIM BOTÂNICO.....	32
3.2.1 COMPONENTES DA NATUREZA NA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO.....	32
3.2.2 COMPONENTES DA DINÂMICA SOCIAL NA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO.....	44
3.3 A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM PELOS FUNCIONÁRIOS DO JARDIM BOTÂNICO: HISTÓRIAS PARA RECORDAR E GEOGRAFIAS PARA TRAÇAR....	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	624
5. REFERÊNCIAS.....	65
8	
6. ANEXOS.....	70

1. INTRODUÇÃO

Quando tratamos dos aspectos relativos ao Jardim Botânico (JB) de Porto Alegre, com o propósito de analisar sua paisagem, tomando por base as matrizes epistemológicas das dimensões morfológica, funcional, histórica, espacial e simbólica, pretendemos demonstrar que a paisagem, enquanto categoria de análise da geografia, pode ser definida e construída por critérios técnicos, a seguir apresentados, porém ressignificada, quando compreendida, a partir das vivências daqueles que fizeram do seu trabalho diário, uma extensão de suas próprias vidas. Ao mesmo tempo, significa estabelecer uma simbiose entre o exercício da sua profissão com o seu cotidiano privado fazendo parte dessa paisagem e a transformando a cada cuidado com aquilo que é público e de enorme importância para a conservação do meio ambiente. São, entre outras coisas, estudos e importantes coleções de plantas que caracterizam a flora gaúcha e seus biomas.

O objetivo geral desse estudo foi analisar a paisagem do JB de Porto Alegre, com vistas a fornecer informações, que poderão servir de base, para a tomada de decisão na definição de unidades de paisagem. Para atingirmos esse objetivo, estabelecemos a seguinte problemática de pesquisa: Quais são as informações necessárias para a definição de unidades de paisagem e que auxiliarão na tomada de decisões?

Do questionamento estabelecido, foram estabelecidos, os seguintes objetivos específicos para a pesquisa:

- a) Analisar os aspectos da paisagem urbana do Município de Porto Alegre;
- b) Compreender os aspectos geofísicos, históricos e sociais do JB;
- c) Analisar a construção da paisagem do JB, através da percepção dos seus funcionários, ao longo do contexto histórico de suas vivências e referências.

A justificativa para o desenvolvimento da pesquisa, se deve ao fato do pesquisador ter realizado o estágio curricular obrigatório no Jardim Botânico de

Porto Alegre (JB), no período de 17 de outubro de 2012 a 16 de abril de 2013, sob a supervisão da equipe do setor de coleções do JB, principalmente na pessoa do Mestre em Biologia, Roberson Setubal, e sob a orientação da Profa. Dra. Nina Simone Vilaverde Moura. O propósito do projeto de estágio era elaborar um mapeamento geomorfológico que representasse os principais compartimentos de relevo e os processos morfodinâmicos relacionados a sua formação no JB.

Durante o estágio, realizamos algumas atividades no sentido de aprofundar o conhecimento, sobre a respectiva área de trabalho. Participamos do monitoramento dendométrico de plantas vivas cultivadas, nas informações sobre as espécies vegetais cultivadas, da avaliação dos compartimentos de relevo e condições de drenagem dos arboretos e realizamos algumas entrevistas com alguns dos mais antigos funcionários em atividade no JB para conhecermos melhor, a partir dessas memórias, a história e nossa área de estudo.

A partir de todo material coletado durante o período de estágio e de outras fontes analisadas, foi possível perceber que, de alguma forma, era importante reunir tais informações e traçar uma imagem, uma paisagem visível para aqueles que apenas lêem este trabalho. E assim, foi desenvolvida a presente pesquisa. A perspectiva metodológica utilizada no trabalho está baseada nos estudos desenvolvidos por VERDUM (2012).

Sobre a metodologia de pesquisa, "quanto ao método de análise da paisagem podem-se adotar três possibilidades de encaminhamento: a descritiva, a sistêmica e a perspectiva". (Berque, 1995; Bertrand, 1995; Fontoura e outros, 2003; Verdum e outros, 2006 e 2007 *apud* Verdum, 2012, p.17). Sobre o método de procedimento, entende-se ser possível aplicar todas as três possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que nesse trabalho se propõe projetar para o futuro, definir as unidades de paisagem do JB de Porto Alegre.

Com relação à paisagem descritiva, foi realizado no JB levantamento geomorfológico, tendo sido produzidos três mapas, hipsométrico, clinográfico e geomorfológico, acrescido do levantamento de dados secundários de solo, vegetação e clima. Dentre as técnicas de pesquisa, foram realizadas entrevistas, com destaque, para a que foi realizada, com o funcionário aposentado, Sr. Julião, um dos primeiros funcionários do JB e com alguns dos mais antigos funcionários então em atividade. Entrevistas, que estão na íntegra, em anexo, na parte final do trabalho. A partir da tabulação das informações contidas nessas entrevistas foi possível traçar um panorama da paisagem, ao longo do tempo, a partir da memória descritiva de personagens que dedicaram sua vida ao trabalho no JB de Porto Alegre.

A perspectiva desse estudo, foi construída, com base na percepção da paisagem a partir da visão dos funcionários, por meio da realização de entrevistas de tipo semi-estruturadas. Sobre o enfoque sistêmico, é possível perceber a inter-relação entre as visões descritiva e perspectiva, aliada às tensões sociais, políticas e econômicas no JB. Como forma de definir as unidades de paisagem, foram utilizados quatro critérios: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica. No que diz respeito à forma, no trabalho analisou-se a morfologia, a cobertura vegetal, o solo e a presença de água (recursos hídricos). No que tange à função, foram observados os espaços construídos dentro e no entorno do Jardim Botânico e as atividades desenvolvidas nesse âmbito.

Ainda, sobre o critério estrutural, foi possível perceber as alterações da natureza social e econômica dos espaços construídos ao longo do tempo e que acabaram por interferir nas dinâmicas da paisagem, anteriores as intervenções sociais, tais como: construções, edificações, estradas, pavimento, ou seja, todas as transformações na paisagem. Por fim, tem-se a dinâmica que nos revelam as transformações da paisagem ao longo do tempo histórico. Assim, as memórias dos funcionários nos trouxeram informações que nos permitem visualizar o desenvolvimento da paisagem em sua contínua trajetória.

A monografia está estruturada, em dois capítulos de desenvolvimento, além da introdução e das considerações finais. Na introdução, foram apresentados os elementos teórico-metodológicos de forma mais ampla e a organização dos capítulos.

No capítulo dois, a análise dos aspectos da paisagem urbana, onde se insere nossa área de estudo, discutimos e foram tratados os dados sobre a cidade de Porto Alegre, sua urbanização e seus espaços verdes, traremos à discussão, a paisagem como categoria de análise do espaço urbano.

No capítulo três, foi apresentado, especificamente, o JB, trazendo o seu histórico no contexto da cidade de Porto Alegre. Foram apresentados ainda, os aspectos geofísicos do JB e a percepção da paisagem a partir do memorial de alguns funcionários do JB, onde traremos muitas histórias.

Os mapas foram realizados através da Base Altimétrica Vetorial Continua de Porto Alegre na escala 1:1000, elaborada por HASENACK et al. (2010) e utilizando como ferramenta o programa *Spring* e da análise aerofogramétrica, por meio da técnica da estereoscopia, a partir de fotografias aéreas da área de estudo fornecidas pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Porto Alegre (SMAM).

Quanto às características pedológicas do Jardim Botânico de Porto Alegre, foi realizada concomitantemente a nossa pesquisa, durante estágio curricular, a dissertação de mestrado do Engenheiro Agrônomo Luís Fernando da Silva (2014). Através de amostragens de diversas áreas do Jardim Botânico e do trabalho de laboratório desenvolvido ao longo desta pesquisa, observamos a morfologia e classificação, segundo as classes estabelecidas no Sistema Brasileiro de Classificação de solos (SiBCS – Embrapa, 2013) e no *Keys to Soil Taxonomy* (KST – *Soil Survey Staff*, 2010).

Por derradeiro, são apresentadas as considerações finais, a partir das categorias e dos elementos analisados, quanto ao tema da monografia, com o propósito de sintetizar as ideias apresentadas ao longo do estudo e

reafirmando a relevância do JB para a conservação dos biomas gaúchos, bem como sua importância como parque na paisagem urbana de Porto Alegre.

2. SOBRE A PAISAGEM URBANA

O presente capítulo pretende-se vislumbrar a cidade de Porto Alegre, sua urbanização e seus espaços verdes com vistas ao processo de transformação da paisagem e do entorno do Jardim Botânico de Porto Alegre (JB), no bairro que leva o mesmo nome. O propósito foi o de iniciar a análise, apresentando de que forma se deu o processo de urbanização da cidade, até a fundação do JB, na década de 1950, mesmo período da aprovação do primeiro plano diretor da cidade de Porto Alegre. Ao final, será analisado o processo de urbanização do bairro, aonde está localizado o JB, destacando a tendência de um maior crescimento da cidade nesse bairro, através da construção de empreendimentos, como prédios com o aumento vertical do padrão construtivo e condomínios horizontais.

2.1 A CIDADE, URBANIZAÇÃO E AS ÁREAS VERDES

Quando analisamos a expansão das cidades, por meio do processo de urbanização e a sua relação com os espaços verdes, é possível argumentar no sentido de que essa expansão, se deve em parte, pela possibilidade e a necessidade, da interação com tais espaços, a existência, ainda, de áreas não adensadas, acrescido do fato, de que o bairro está próximo do centro da cidade, facilitando com isso, o deslocamento das pessoas que trabalham nesta região, e que, em grande parte, significam, a maioria delas. Segundo, Adriano Lima Troleis e Luis Alberto Basso:

A cidade é um complexo fenômeno em contínuo processo de transformação no espaço e no tempo. Apresenta uma evolução espacial lenta delimitando e definindo no ambiente construído, espaços que são reconhecidos e vivenciados pelos seus habitantes; e uma evolução temporal cada vez mais rápida submetida a mudanças de ordem histórica e social. Esse espaço urbano é o local, por excelência, onde se manifestam as permanências, as rupturas, as continuidades e as relações do antigo com o novo. A síntese se dá a cada momento em relação a si e aos momentos anteriores da sua história. Depende dos valores da sociedade presente em cada momento de sua trajetória, a definição do que vai se constituir em patrimônio cultural compreendido como os elementos materiais e imateriais socialmente reconhecidos e que servem de referência ao seu desenvolvimento. (TROLEIS; BASSO, 2011, p.110).

Uma das especificidades da cidade de Porto Alegre, é pela razão, de ter sido, a primeira capital brasileira a elaborar um plano diretor, ainda no início do século XX, iniciando assim, a construção do seu processo de urbanização. Segundo informações retiradas do site da prefeitura¹, "a primeira tentativa de organizar o crescimento da cidade", ocorreu sob a responsabilidade do arquiteto, João Moreira Maciel, ainda na primeira década do século passado, especificamente no dia 26 de agosto de 1914, e que na época recebeu o nome de "Plano Geral de Melhoramentos". De acordo com informações divulgadas no próprio site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o plano pode ser definido como um projeto essencialmente viário, no qual,

Estabelecia, basicamente, a necessidade de criação de vias de acesso suficientemente amplas que desafogassem o tráfego do Centro para a periferia e vice-versa. Assim, foram projetadas as avenidas Júlio de Castilhos, Otávio Rocha e Borges de Medeiros (na altura da Coronel Genuíno) e a primeira ponte sobre o Arroio Dilúvio. Muitas de suas ideias influenciaram os planos elaborados posteriormente e acabaram sendo executadas.

Passados, aproximadamente 20 anos, foi organizada, a "segunda tentativa de planificar a cidade", agora sob a responsabilidade de Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Farias, sendo denominado "As Linhas Gerais do Plano Diretor - Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre", tomava como parâmetro o estudo anterior, e também se baseava na análise viária. Os dois urbanistas estruturaram o "sistema de radiais e perimetrais da cidade".

No ano de 1938, foi contratado o arquiteto, Arnaldo Gladosch, na terceira tentativa de elaboração do plano diretor para a cidade de Porto Alegre, e que ficou conhecido como "Plano Gladosch". Embora não tenha prosperado na construção do plano, pois também se debruçou na análise viária, destaca-se a criação do chamado, Conselho do Plano Diretor, ainda hoje em atuação.

¹ http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125. Acesso em 15 de novembro de 2018.

O ano de 1959, é de relevância para a pesquisa, uma vez que coincide com o ano de criação do Bairro Jardim Botânico, um ano após a criação do parque. Este deu nome ao bairro e também da aprovação do primeiro plano diretor, com a preocupação de estabelecer o zoneamento da cidade, que se tratava basicamente de um plano viário para desafogar o trânsito da cidade no eixo centro↔periferia.

Somente, no final da década de 1970, foi aprovado o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade (PDDC), assim denominado na época, que entrou em vigor em 21 de julho de 1979. A novidade foi que pela primeira vez, o planejamento da cidade, incorporou a sua totalidade, incluindo áreas urbanas e rurais. Foram estabelecidas a seguinte categorização: Unidades Territoriais de Planejamento (UTPs), relacionadas segundo o uso e a ocupação do solo; Unidades Territoriais Residenciais, Mistas, de Comércio/ Serviços e Industriais, relacionado ao regime urbanístico. Também, foram criadas as chamadas Unidades Territoriais Funcionais para áreas de natureza especial e que deveriam, por esta razão, contar com um regime urbanístico próprio (valor histórico cultural, de valor paisagístico etc.). Vale ressaltar, de acordo com as informações oficiais da prefeitura que o 1º PDDU, contou pela primeira vez, mesmo que de forma tímida, com a participação da comunidade no processo de planejamento.

O 1º PDDU, vigorou por 20 anos. Uma das críticas apontadas pelo próprio poder público, foi que devido à falta de atualizações periódicas e sistemáticas, fizeram com que o documento não mais correspondesse à realidade e às necessidades da cidade, havendo necessidade ou da sua revisão, ou ainda, da aprovação de um novo documento. O que acabou acontecendo no dia 1º de dezembro de 1999, quando foi aprovado por meio da Lei Complementar 434, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA).

A referida LC ao longo da sua vigência passou por diversas alterações. As modificações mais profundas, foram introduzidas pela Lei Complementar nº 646/2010 que revisou o plano diretor. O novo texto do PDDUA entrou em vigor no dia 26 de outubro de 2010. Segundo o atual plano, ainda com base, nas informações oficiais da prefeitura, atualmente, Porto Alegre possui como áreas

verdes, 608 praças, 9 parques, 3 unidades de conservação, 354 verdes complementares, uma área federal, e duas áreas estaduais dentre elas o Jardim Botânico de Porto Alegre. De acordo com o site da prefeitura, Porto Alegre é considerada uma das capitais mais arborizadas do país, possuindo um índice de área verde por habitante de 49m². A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda um mínimo de 12m² de área verde por habitante, o ideal é de 36 m², o que equivale dizer, em torno de três árvores, por morador"².

As áreas verdes são de fundamental importância nas cidades, elas servem como um indicador da qualidade ambiental urbana assumindo um papel de equilíbrio entre o espaço modificado para o assentamento urbano e o meio ambiente. As áreas verdes são importantes para a estabilização e melhoria microclimática, ajudam na redução da poluição atmosférica, auxiliam na redução da poluição sonora, exercem ainda múltiplas funções em benefício da qualidade de vida urbana promovendo momentos de lazer, relaxamento, recreação, educação ambiental e proporcionando traços bucólicos à paisagem muitas vezes caótica das cidades.

Para tanto, "quando falamos em áreas verdes estamos englobando as áreas onde houve o processo de arborização pública ou particular. Além disso, esse tipo de arborização tem a finalidade de propiciar um equilíbrio ambiental entre os espaços construídos e o ambiente natural alterado". (OLIVEIRA, DIAS, 2013, p.02).

No caso específico do Município de Porto Alegre, temos a prevalência, de muitas árvores e espaços verdes preservados, tanto pela esfera pública como pela privada. Segundo dados da prefeitura, "estima-se que Porto Alegre possua 1.3 milhões de árvores em vias públicas, cuja distribuição beneficia um número de pessoas ainda maior que o atingido pelos parques e praças"³. Ao relacionarmos com os dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 1 de julho de 2018 e 1 de julho de 2019, segundo a pesquisa Estimativas de População 2019, a população de

² <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/uma-arvore-por-habitante-a-recomendacao-minima-da-oms-para-as-cidades-622ch9afm4rimh3ol1w9j8ikn/>. Acesso em 23 de novembro de 2018.

³ http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=143. Acesso em 25 de novembro de 2018.

Porto Alegre, passou de 1.479.101 para 1.483.771 pessoas. Ainda, de acordo com os dados do IBGE:

Apresenta 93% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 82.7% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 69.4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 12 de 497, 265 de 497 e 11 de 497, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 290 de 5570, 2201 de 5570 e 98 de 5570, respectivamente⁴.

Quando relacionamos os dados da prefeitura com o último censo do IBGE, constatamos que a cidade de Porto Alegre possui somente nas vias públicas uma média de 0,87 árvores por habitante, menos do que se recomenda na OMS, apresentando assim um déficit de aproximadamente 2,13 árvores por habitantes em vias públicas. Conforme a citação acima, mesmo com esse déficit arbóreo, Porto Alegre, em comparação, com outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul, ocupa uma posição razoável. Já em escala nacional, assume uma posição de destaque, de acordo com dados do IBGE, Porto Alegre é a quarta cidade mais arborizada, ficando atrás de Goiânia, Campinas e Belo Horizonte, respectivamente, primeira, segunda e terceira.

A importância das árvores para a vida nas cidades é fundamental, pois elas são responsáveis pela manutenção da qualidade do ar, na preservação de espécies vegetais e animais, uma vez que servem de proteção. No caso específico do JB, ele é considerado uma unidade de preservação ambiental que proporciona aos cidadãos uma interação com a natureza, por meio das mais de 1.500 espécies de plantas e mais de 8.000 árvores. Portanto, é fundamental a contribuição do JB, pois além de proporcionar um equilíbrio paisagístico urbano, ainda é tido como um importante espaço verde da cidade, influenciando na amenização do seu clima, funcionando como uma ilha de frescor.

Para Pasqual (2007), as áreas verdes desempenham quatro funções, ecológicas, estéticas, psicológicas, educativa e social.

⁴ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>. Acesso em 25 de novembro de 2018.

A função ecológica deve-se ao fato da presença da vegetação, do solo não impermeabilizado e de uma fauna mais diversificada nessas áreas, promovendo melhorias no clima da cidade e na qualidade do ar, água e solo. A função social está intimamente relacionada com a possibilidade de lazer que essas áreas oferecem à população. A função estética diz respeito à diversificação da paisagem construída e o embelezamento da cidade. A função educativa está relacionada com a possibilidade imensa que essas áreas oferecem como ambiente para o desenvolvimento de atividades extraclasse e de programas de educação ambiental. A função psicológica ocorre, quando as pessoas em contato com os elementos naturais dessas áreas, relaxam, funcionando como anti estresse. Este aspecto está relacionado com o exercício do lazer e da recreação nas áreas verdes. (PASQUAL, 2007, p. 13).

As funções desempenhadas pelas áreas verdes se coadunam com aquelas desempenhadas pelo JB. A vegetação do JB possui uma função ecológica, haja vista sua vegetação é variada e o seu solo é permeável, contribuindo como uma área de recarga do subsolo. O JB contribui no lazer e bem-estar da população, por meio da sua missão institucional, qual seja, “realizar a conservação integrada da flora nativa e dos ecossistemas regionais, consolidando-se como centro de referência para a pesquisa, a educação, a cultura e o lazer, contribuindo para a qualidade de vida”. (FUNDAÇÃO, 2009, p.7).

É inegável a função estética do JB, enquanto uma área verde de Porto Alegre, com destaque para o "Orquidário e o Jardim Rochoso e, na década de 1990 vieram a coleção de Gesneriáceas do Sul do Brasil, e a coleção de Cactáceas do Rio Grande do Sul, as áreas de formações savânicas, as coleções especiais (ou coleções envasadas) e a área de plantas medicinais". (FUNDAÇÃO, 2009, p.34). Com relação a contribuição educativa, tem-se as visitas guiadas, que atendem a população em geral, mas as escolas no Arboreto(coleção de árvores) tendo acesso também à Sala de Exposição do Museu de Ciências Naturais e ao Serpentário. Por fim, e não menos importante, o JB exerce um papel significativo no enfrentamento do *stress* da população porto- alegreense e da região metropolitana, na medida em que, proporciona um impacto positivo na saúde física e mental, quando relacionamos a preservação das áreas verdes com a qualidade de vida das pessoas.

A seguir, é apresentada a paisagem enquanto categoria de análise, demonstrando a sua complexidade e diversidade conceitual, sendo analisada através do espaço urbano. Entendendo que este é construído e reconfigurado em razão do processo de correlação social, considerado como parte das mudanças que as cidades expressam ao longo dos tempos.

2.2 A PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

Dentre os conceitos e as categorias de análise mais trabalhados na Geografia, encontra-se o de paisagem. Diversos autores de diferentes correntes teóricas, buscam explicar as suas dimensões, analisando-as, desde há muito tempo. Se faz necessário, salientar que tal conceito, pode variar, levando em consideração as abordagens teórico-metodológicas que propõem a sua compreensão. Para tanto, não pretendemos esgotar a sua análise, mas sim, apresentar algumas abordagens, que ao longo do tempo, acabaram orientando a complexidade da sua conceituação.

Tomamos por base a contribuição de Venturi (2004), no qual destaca dois momentos históricos que auxiliam na busca de compreensão da noção de paisagem. Segundo o autor, o primeiro período corresponde ao século XV, pois, devido as transformações sociais, políticas e econômicas oriundas do desenvolvimento do capitalismo comercial, acabaram por ocasionar o desenvolvimento de técnicas científicas, suficientes para impulsionar o domínio dos seres humanos sobre a natureza, transformando-a, segundo os seus interesses econômicos.

Outro período histórico de relevância para o autor, corresponde ao século XIX, por meio da contribuição dos chamados naturalistas alemães, no qual o conceito passa a receber um tratamento científico, reconhecido como um conceito geográfico e a ser definido por meio das seguintes derivações: paisagem natural e paisagem cultural. Em sendo assim, para Raul A. Schier:

A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural, humanizadas, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais. [...] enfim, trata-se da apresentação do objeto em seu contexto histórico e geográfico, levando em conta a

configuração social e os processos naturais e humanos. (SHIER, 2003, p.80).

A contribuição do autor, acaba por proporcionar a compreensão da complexidade do objeto desse estudo, pois entendemos a paisagem do JB, como sendo resultado de uma "paisagem natural construída", modificada, em função das intervenções humanas, tanto antes, quanto após a sua criação. Devemos considerar, a apropriação da paisagem pelos seres humanos, quando do atendimento das suas necessidades, do uso da paisagem. Portanto, o conceito de paisagem deve relacionar os aspectos geográficos, da(s) natureza(s) e humanos em um processo de constante inter-relação.

É necessário compreender, a paisagem através da integração entre os aspectos naturais, físicos e humanos, ou ainda, "[...] do entendimento da paisagem como um sistema aberto, como um conceito complexo ao qual estão relacionados aspectos do meio, econômicos e culturais em constante interação e transformação". (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p.132).

Para os autores, a paisagem pode ser analisada enquanto dimensão de algo concreto ou vista como um fenômeno. Enquanto concretude, ela é resultado das "marcas que a(s) sociedade(s) humana(s) imprime(m) na superfície terrestre, ao longo do tempo" (VERDUM; VIEIRA; PIMENTEL, 2016, p.132). Sob o outro enfoque, enquanto fenômeno, corresponde à subjetividade dos sujeitos, quando em interação com a natureza, levando em consideração, suas trajetórias e experiências de vida. Corroborando com a compreensão, temos a contribuição de Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza:

Notadamente, o estudo da paisagem foi ganhando importância para as pesquisas geográficas, tendo atualmente o significado de um conjunto de objetos reais concretos. Hoje observamos a paisagem com o reconhecimento de que ela não é um simples amontoado de elementos geográficos desordenados, mas sim, o resultado de uma combinação dinâmica, em movimento, ou seja, em constante transformação de elementos físicos, biológicos e humanos (sociais). (ORTIGOZA, 2010, p.83).

Sendo assim, o conceito de paisagem se torna complexo, pois é resultado de várias mediações, tendo uma definição dinâmica, reconhecido como parte constitutiva do real, inserido em um processo de correlação de

forças sociais, no caso desse estudo, intermediada através do espaço urbano, resultado das interações entre os seres humanos e a natureza.

Portanto, a paisagem é a composição, é a sobreposição de histórias e marcas deixadas ao longo do tempo, como camadas, como pequenas cicatrizes do tempo, de transformações, de registros que compõem as paisagens atuais, sejam elas mensuráveis ou imaginárias (fenomenológica, cultural).

A paisagem pode ser descrita, medida e desenhada, ou seja, a paisagem é uma porção do espaço que pode ser enquadrada, ou melhor, a paisagem é limitada pelo campo visual de um observador, ou pelo limite de sua imaginação, ou por sua condição sociocultural, conforme será possível observar no subcapítulo 3.2 que se analisa a construção da paisagem do JB, tendo como referência, a visão dos seus funcionários. Nesse aspecto, podemos afirmar, de maneira simples e direta, que o conceito de paisagem se refere às manifestações e fenômenos espaciais que podem ser apreendidos pelo ser humano, através de seus sentidos e suas experiências. Para Georges Bertrand:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND *apud* SCHIER, 1971, p.2).

Quando falamos da paisagem urbana, etimologicamente, a origem do termo paisagem está ligada ao conceito rural de território, *pagus*: país, território. Já, a palavra urbana advém da palavra latina *Urbs* que significa cidade e tem origem no latim *urbanus* que significa “**pertencente à cidade**”. Urbano é **tudo aquilo que está relacionado com a vida na cidade** e com os indivíduos que nela habitam.(grifo nosso).

A paisagem urbana é humana, tem a dimensão da história e do socialmente produzido pela vida dos seres humanos. É a expressão do trabalho social materializado, mas também é expressão de um modo de vida. O mundo se cria e se recria a partir das relações que os seres humanos mantêm com a natureza e da maneira como ele se constrói enquanto indivíduo. Nesse

processo eles não só constroem o mundo, mas também, um modo de entendê-lo e explicá-lo, enquanto possibilidade aberta de transformação.

Ao longo do processo de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, as relações de trabalho, ampliam, constantemente, o domínio dos seres humanos sobre a natureza, que vai adquirindo novos significados. A paisagem urbana passa a significar, expressão da ordem e do caos, a paisagem não só é produto da história como também reproduz a história, a concepção que os seres humanos têm e tiveram do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim do viver.

Sob esta aparência estática da paisagem urbana, se esconde e se revela todo o dinamismo do processo de existência da paisagem, produto de uma relação fundamentada em contradições, em que o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo do desenvolvimento das relações sociais.

Portanto, a paisagem é humana, histórica e social; existe e se justifica pelo trabalho dos seres humanos, ou melhor, da sociedade. É produzida e é justificada pelo trabalho, enquanto atividade transformadora do homem social, fruto de um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas, e aparece aos nossos olhos, através do tipo de atividade, do tipo de construção, da extensão e largura das ruas, estilo e arquitetura, densidade de ocupação, tipo de veículos e do modo de mobilidade urbana, cores, usos, presença ou ausência de espaços verdes e etc.

A sociedade produz seu próprio mundo de relações a partir de uma base material, um modo que se vai desenvolvendo à medida que se aprofundam as relações da sociedade com a natureza. É fundamental recuperar a história não apenas para a reflexão sobre o urbano, mas para se traçar uma Geografia para além da paisagem, para além do que nossos sentidos podem perceber. O corte no tempo, sem a recuperação histórica, conduz ao estudo de um espaço estático, de uma cidade apenas formal.

É preciso considerar todas as determinantes econômicas, sociais, políticas e culturais, que no correr do tempo, constroem, transformam e reconstroem a cidade, se queremos entendê-la na dinâmica de um espaço que está em constante estruturação, respondendo e ao mesmo tempo dando sustentação às transformações planejadas e geradas pelo movimento das

relações sociais e pela lógica do sistema capitalista e da lógica do consumo. Segundo Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza:

A cidade do capital revela, em sua paisagem, uma articulação definitiva com a dinâmica do consumo. Sua arquitetura é também veículo de troca, seus signos permitem uma simulação da cultura e da vida urbana. A cidade fornece as bases materiais para o projeto urbano do mundo das mercadorias e, desse modo, atende às necessidades do capital. (ORTIGOZA, 2010, p.86).

A urbanização como processo histórico de acumulação capitalista, e a cidade, como materialização deste processo, marcam tão profundamente a civilização contemporânea, que muitas vezes, torna-se difícil pensar que em algum período da história, no qual as cidades não existiam, ou tiveram um papel insignificante.

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exigem uma volta às suas origens, bem como, a tentativa de construir e reconstruir, ainda que, de forma sintética, a sua trajetória. Dessa forma, entendemos que o espaço é a história e que a paisagem é transformada através do tempo histórico. Neste sentido e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas mudanças sociais promovidas através dos tempos, originadas pelas correlações sociais existentes.

Assim, a paisagem é uma categoria da análise geográfica que nos possibilita, problematizar o espaço a partir do conjunto de objetos fixos dinamizados por meio dos fluxos de ideias, percepções, valores, condutas, usos apropriações que variam no tempo. A natureza coloca seus elementos; os seres humanos suas técnicas; a paisagem é síntese dessa combinação natureza-técnica, em que não se pode separar, uma da outra, sob o risco de nos vincular, a armadilha da fragmentação, que acaba isolando os seres humanos da natureza, a partir de conceitos que dificultam a compreensão dos problemas em toda a sua complexidade e especificidade.

No mundo técnico-científico e informacional, o qual caracteriza a era da globalização, a paisagem concretiza múltiplos usos em funções. Sugere

inúmeras apropriações em função da utilização do espaço como mercadoria. Pode-se argumentar, de acordo com Milton Santos, "em uma cientificação e tecnificação da paisagem, em que cada vez mais são colocadas próteses, visando ampliar o raio de acumulação de capitais e de sedução às práticas inovadoras ativadas por agentes sociais distintos". (SANTOS, 1996, p.191).

Ainda, segundo Milton Santos (1996), o meio geográfico globalizado impõe-se como uma lógica que estimula no espaço, a realização do particular no universal, do universal no particular. Assim, a Geografia é tida como um empecilho ou uma abertura a esse modelo, constituindo um ponto ou um nó na rede de informações e trocas que alimentam a sociedade hoje. Para João Henrique Bonametti:

A paisagem urbana contemporânea da globalização marca as paisagens atuais, defendendo a ruptura pela desmistificação e rejeição da unidade e uma percepção da paisagem urbana individual, por meio dos significados globais, que muitas vezes estão ausentes; se impondo a neutralidade dos espaços anônimos nas cidades, semelhantes em todo o mundo. (BONAMETTI, 2010, p.271).

As paisagens são feitas pelas ideias e são o resultado da construção social. Admitindo-se que a paisagem urbana é uma mistura de arte, ciência e acaso, é compreensível que na sua construção, ocorra a renovação das formas antigas e a criação de novas formas que venham a atender aos novos estilos de vida que lhe são atribuídos em cada momento histórico.

O ponto de partida foi reconhecer primeiramente que os estudos urbanos revelam-se como um desafio empolgante, pois em uma análise mais profunda podem ser encontradas contradições e a combinação desigual dos problemas que acabam por imprimir marcas na paisagem. O urbano se revela como um modo de vida cheio de complexidade e incertezas. (ORTIGOZA, 2010, p.88).

Desta forma, com base em um contexto complexo e incerto, os seus critérios de organização vão sendo constantemente questionados e modificados com a evolução da sociedade, das ciências e das técnicas. (LEITE, 1994), e por essa razão, são ressignificados e apreendidos pelos sujeitos sociais das mais diversas formas, considerando, para tanto, enquanto

um elemento para a construção da paisagem, a subjetividade e a percepção individual.

No próximo capítulo, será apresentado o JB, através do seu histórico, dos aspectos geofísicos e, por fim, fundado nas histórias e lembranças dos seus funcionários.

3. O JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

Neste capítulo será analisado o Jardim Botânico, através dos seus aspectos históricos, geofísicos e por meio das memórias dos seus antigos funcionários. No primeiro subcapítulo, será apresentado o surgimento do JB, inserido na construção do espaço geográfico do Município de Porto Alegre, bem como suas características geofísicas. Na segunda parte, a abordagem sobre o JB, foi elaborada, com base na percepção, nas vivências e na subjetividade dos seus funcionários, o que equivale dizer, as memórias são reconhecidas como instrumentos para compreender a complexidade da paisagem do JB.

3.1 O HISTÓRICO DO JARDIM BOTÂNICO NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE DE PORTO ALEGRE.

Ao longo de seus 245 anos, e mesmo antes de sua fundação, o espaço geográfico do Município de Porto Alegre conviveu com diversos personagens que vislumbraram, transformaram e foram transformados, pela paisagem única que ali presenciaram, cada um a seu tempo.

A cidade de Porto Alegre⁵ tem como data oficial de fundação 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, um ano depois alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. O povoamento, contudo, começou em 1752, com a chegada de 60 casais portugueses açorianos trazidos por meio do Tratado de Madri para se instalarem nas Missões, região do noroeste do estado que estava sendo

⁵ Texto baseado nas informações retiradas do no site: [www. http://www.jb.fzb.rs.gov.br](http://www.jb.fzb.rs.gov.br). Acesso em 15 de setembro de 2018.

entregue ao governo português em troca da Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata. A demarcação dessas terras demorou e os açorianos permaneceram no então chamado Porto de Viamão, primeira denominação de Porto Alegre.

A partir de 1824, passou a receber imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses.

A capital do Rio Grande do Sul é também a capital dos Pampas, como é conhecida a região de fauna e flora característica formada por extensas planícies que dominam a paisagem do Sul do Brasil e parte da Argentina e do Uruguai. O bairro Jardim Botânico foi instituído a partir da Lei nº 2022, de 07 de dezembro de 1959. Seus limites por bairro são: Petrópolis, Jardim do Salsó e Partenon, Figura 1.

Figura 1: Limites do Bairro Jardim Botânico.



Fonte: <http://bairrojardimbotanico.blogspot.com/>

Inserido no espaço, existe um parque que deu origem ao bairro: trata-se do Jardim Botânico, aberto ao público em 1958. A ideia esteve presente por muito tempo nos ideais de Porto Alegre. Apesar disto, o “sonho” só foi concretizado a partir da Lei nº 2136, do ano de 1953, com a designação de uma área para a implantação do parque. Antes disso, a área foi conhecida por outros nomes, como Vila Russa e Vila São Luíz. Com uma área de aproximadamente 43 ha, o Parque Jardim Botânico fica localizado entre a av. Cristiano Fischer e a av. Salvador França. Dispõe de coleções científicas com mais de 2.000 exemplares de 725 espécies, distribuídas nas diferentes áreas abertas do parque. Conta com um banco de sementes (Banco de Germoplasma), e um viveiro de mudas, além de desenvolver atividade de educação ambiental.

O Museu de Ciências Naturais está sediado no parque, conservando espécies da flora e da fauna do patrimônio natural do Estado. Recebe cerca de 80 mil visitantes por ano. Pode-se dizer que o bairro possui um crescimento gradual. De acordo com alguns autores, além do próprio Jardim Botânico, o desenvolvimento do bairro se deu a partir das melhorias e ampliações da Avenida Ipiranga. Em termos habitacionais, no final dos anos de 1970, houve um investimento considerável, através do condomínio Felizardo Furtado, que abriga uma população de mais de cinco mil pessoas. Outro fator de movimentação para a área, foi a Escola Superior de Educação Física (ESEF), institucionalizada no ano de 1939, quando foi exigida a formação profissional dos professores de Educação Física.

Nestes primeiros tempos, as aulas aconteciam em locais cedidos por outras instituições, sendo transferida para sua sede própria em 1963, e agregada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 1969. Atualmente, o bairro possui uma ampla rede de transportes e um considerável comércio local, que se estende desde pequenos estabelecimentos comerciais até grandes redes de supermercado. É dentro do Bairro Jardim Botânico que está localizado também um dos mais completos núcleos hospitalares do Estado, o Hospital São Lucas, que foi aberto ao público no ano de 1976. A instituição atende hoje a convênios particulares e ao Sistema Único de Saúde.

O Jardim Botânico de Porto Alegre, passou ao longo de sua história, por várias etapas de estruturação e diversas fases de amadurecimento de seu trabalho e do seu papel na sociedade. A ideia de organizar um jardim botânico em Porto Alegre é muito antiga. A primeira tentativa, foi ainda, durante o reinado de Dom João VI, fundador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e, que chegou a enviar, as primeiras mudas para a capital do Estado. No entanto, estas mudas chegaram, somente, até o município de Rio Grande, onde algumas foram plantadas, e das quais existe um remanescente, que é o eucalipto histórico da cidade. Nesta direção outras tentativas foram encaminhadas, mas sem sucesso. Entretanto, em 26 de outubro de 1953 (Lei nº 2.136), uma área de 81,5 hectares, originalmente ocupada pela Colônia Agrícola Juliano Moreira do Hospital Psiquiátrico São Pedro, foi destinada para a criação do Jardim Botânico de Porto Alegre.

Em março de 1957, o Irmão Teodoro Luís foi nomeado pelo Governador do Estado, Engenheiro Ildo Meneghetti, para dirigir os trabalhos de implantação do Jardim Botânico. No dia 4 de abril do mesmo ano, a área foi liberada e, em 10 de setembro de 1958, foi aberta ao público a primeira parte da obra projetada. Em 1959, a Lei nº 2.022 formalizou a denominação de Jardim Botânico e, em 1960, foi iniciada a construção da Casa das Suculentas, também conhecida como Cactário, tendo sido inaugurado em 1º de maio de 1962, pelo então Governador de Estado, Engenheiro Leonel de Moura Brizola.

A partir da década de 1970, diante de crescentes evidências de ameaças à flora regional, o foco do trabalho do Jardim Botânico passou a ser a conservação das plantas nativas do Estado, enfatizando a manutenção de coleções “*ex situ*” (fora do ambiente de origem) e incrementando as incursões botânicas. Em 1972 foi criada a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e, em 1974, o Jardim Botânico integrou a instituição passando, inclusive, por um redesenho de sua área, adotando um novo projeto de uso.

Em 1975, passou a contar com um viveiro de produção de mudas e, em 1983, a ter uma sede administrativa e setor de serviços, abrigados no subsolo da Fundação Zoobotânica, onde permaneceu até o ano de 1997, quando foi construída a sede própria. Com a criação, em 1986, do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC), o Jardim Botânico foi registrado como

órgão voltado para o fomento à cultura. Em 2003 o JB foi declarado Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1988, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), inaugurou o Núcleo de Educação Ambiental.

Com o intuito de incrementar as relações interinstitucionais, foi iniciado um programa de intercâmbio de sementes com diferentes jardins botânicos de outros países, com objetivo de desenvolvimento de pesquisas integradas. No ano de 1984, foi publicada, a primeira edição do *Index Seminum* do Jardim Botânico de Porto Alegre. Esta publicação, com frequência anual, teve prosseguimento até o nº 10, tendo sido suspensa, em consideração, a necessidade de adequação à nova legislação brasileira que regulava a transferência de germoplasma (material genético que forma a base física das qualidades hereditárias). A partir de 1990, iniciaram os projetos de estruturação da Seção de Biotecnologia e Produção, instalação de um sistema de irrigação no Setor de Produção de Mudanças e da infra-estrutura da Educação Ambiental, e iniciada a informatização das atividades do Jardim Botânico.

As recentes estruturas integraram as ações e definições do organograma, que deu origem a um novo quadro de pessoal, viabilizando a realização de concurso público, que ocorreu em 2001, sendo o novo organograma implantado em 2002. Ainda na década de 1990, surgiu o Pró-Guaíba – Programa para o Desenvolvimento Racional, Recuperação e Gerenciamento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Guaíba, de cunho ambiental financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, que possibilitou a construção da nova sede administrativa e instalações de apoio operacional, além de estufas de coleções (cactáceas, bromeliáceas, orquídeas) e as instalações do Banco de Sementes.

Em 2004, foi publicado o Plano Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre, projetando sua atuação como unidade de conservação e como parte integrante da Fundação Zoobotânica(FZB) e da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Infra-estrutura (SEMAI/RS), ou seja, compatibilizando atividades técnicas e administrativas para o alcance de seus múltiplos objetivos. O JB recentemente, completou 60 (sessenta) anos atividades, no dia 10 de setembro de 2018, e encontra-se oscilando, entre o reconhecimento de sua importância

para a biodiversidade do Rio Grande do Sul e as incertezas a respeito de seu futuro.

A FZB que era responsável pela manutenção do JB, é uma das entidades que sofreram com o processo de extinção aprovado pelo então governador José Ivo Sartori. A continuidade dos trabalhos está assegurada por força de decisão judicial e a Secretária Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMA) deve assumir a gestão do Espaço.

No próximo tópico, serão analisados os aspectos geofísicos do JB, com o objetivo de reconhecer os seus componentes físicos, sendo esse um dos elementos para a compreensão da paisagem, suas dinâmicas e transformações.

3.2 ASPECTOS GEOAMBIENTAIS DO JARDIM BOTÂNICO

3.2.1 COMPONENTES DA NATUREZA NA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO

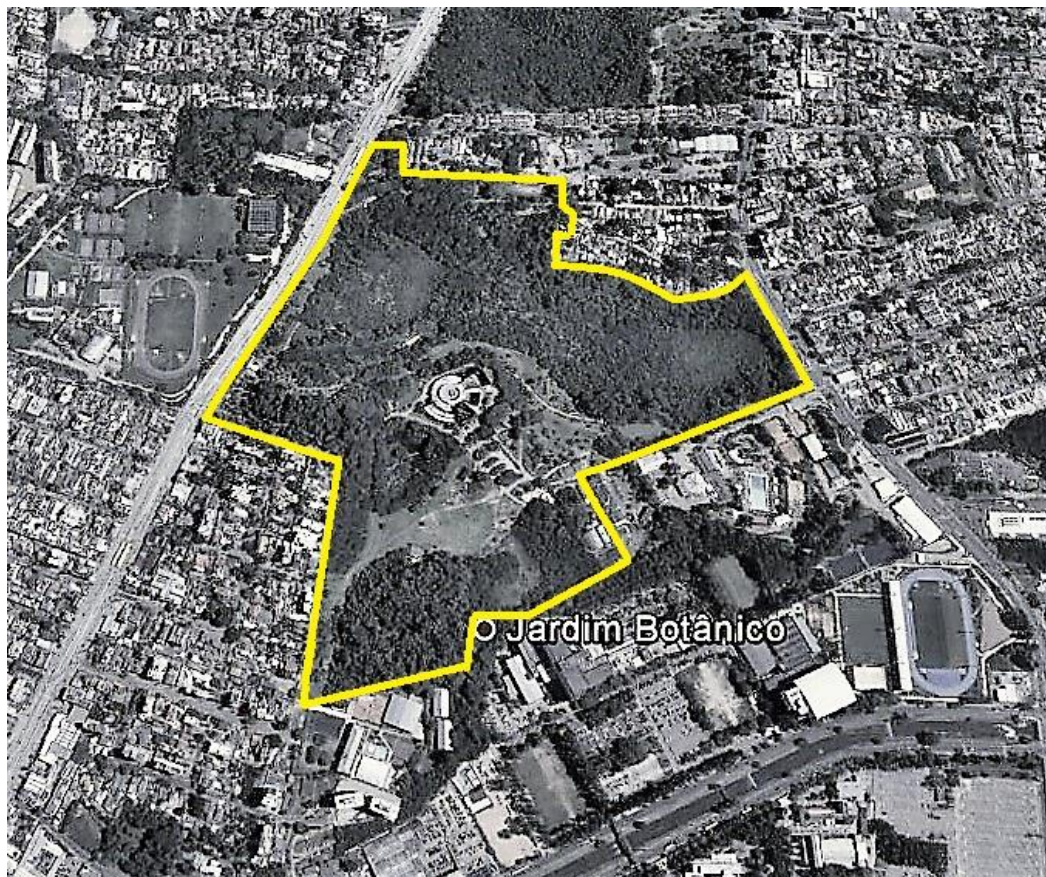
O Jardim Botânico de Porto Alegre ocupa atualmente uma área de aproximadamente 40 ha, já tendo perdido mais da metade de sua área original, circunscrito às coordenadas UTM 6675000 e 6675950 (latitude) e 482600 e 483500 (longitude), na região urbana do município (FZB, 2009), figura 2.

O clima da região, onde ele se insere é do tipo subtropical úmido, com precipitação anual de aproximadamente 1300 mm, e meses mais chuvosos entre maio e setembro, a temperatura média anual é de 19,50°C, sendo de 24,60°C a média do mês mais quente (janeiro) e de 14,40°C a média do mês mais frio (julho). A umidade relativa do ar e a pressão atmosférica têm seus maiores valores entre os meses de maio e agosto, chegando a valores médios em torno de 82% e 1016mb, respectivamente. Os ventos predominantes sopram dos quadrantes leste e sudeste segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) que fica situado em antiga área pertencente ao JB.

A vegetação original da região é classificada como Área de Tensão Ecológica, caracterizada pelo contato entre a Floresta Estacional Semidecidual, e a Savana, além de Áreas de Formações Pioneiras litorâneas (RADAMBRASIL, 1986), tendo as duas primeiras ocorrências naturais na área

do Jardim Botânico (FZB, 2004). Quem chegasse ao JB no ano de sua fundação encontraria provavelmente algo semelhante à um campo repleto de butiazeiros, figura 3.

Figura 2: Área do Parque Jardim Botânico.



Fonte: adaptada pelo autor, 2018.

Figura 3: Preparação para o plantio.



Fonte: Arquivo JB/FZB, ano.

Segundo Bueno e Martins (1986 *apud* LOPES, 2004), nos locais mais úmidos, compostos de áreas alagadiças altas e baixas, ocorrem espécies arbustivas e subarbustivas com a dominância de *Mimosa bimucronata* (Maricá). Nas orlas, onde o solo é mais seco, crescem indivíduos de *Dodonaea viscosa* (vassoura vermelha) e *Baccharis dracunculifolia* (vassourinha) e, onde o solo é mais úmido, destaca-se o *Eryngium pandanifolium* (gravatá). Como espécie aquática, ressalta-se a *Pontederia lanceolata* (aguapé), ocorrente nas áreas de banhado. No estrato baixo, temos o *Juncus microcephalus* (junco-do-banhado) e *Ischaemum minus* (grama-do-banhado) que se tornam bastante visíveis, formando um tapete quando as águas baixam, além do *Oxalis sp.*, cuja presença também é muito significativa.

Nas áreas de campo, as espécies arbustivas de maior valor fitofisionômico são a *Dodonaea viscosa* (vassoura-vermelha), da família das sapindáceas, *Baccharis dracunculifolia* (vassourinha), *Baccharis cultrata*, *Trixis praestans* e *Heterothalamus psiadioides* (alecrim-do-campo), todas da família das compostas. Fazem parte do estrato alto, com presença significativa, o *Eryngium horridum* *Eryngium elegans*, ambos conhecidos como gravatá, da família das umbelíferas; *Schizachyrium microstachyum* (capim-rabo-de-burro),

da família das gramináceas; *Sida rhombifolia* (guanxuma), da família das malváceas e *Bacharistrimera* (carqueja), *Seneciopinnatus* (maria-mole), *Vernoniaflexousa* e *Pterocaulonspp* da família das compostas. O estrato médio está representado com maior abundância por *Eryngiumciliatum*, *Borreriafastigiata* (sabugueirinho do campo), *Aristidajubata* (barba-de-bode), *Andropogonselloanus* (plumas-brancas), *Lucila acutifolia* (erva-pombinha), pertencentes à família das umbelíferas, rubiáceas, gramíneas e compostas.

Compondo o estrato baixo ou rasteiro, estão as espécies rizomatosas, dentre as quais destacam-se: *Paspalumplicatulum* (gramacinzenta), *Piptochaetiummontevidense*, *Parodi sp.* (capim-cabelo-deporco) *Paspalumpolyphilum*, *Desmodiumincanum* (pega-pega), *Hypocoerisspp*, *Aspiliamontevidensis*, *Taraxacumofficinale* (dente-de-leão), da família das gramíneas, leguminosas e compostas. Dentre as lianas mais abundantes, estão *Forstenoniaglabrescens* (apocinácea), *Ditassaanomala* (Asclepidácea), *Convolvulusottonis*, *Merremiadissecta*, *Ipomeacairica* (Convolvuláceas), *Cayponiamartiniana* (Cucurbitácea), *Mikania spp.* (composta) e *Smilaxspp*; (Smilacácea).

A lista completa das Fanerógamas consta de 52 famílias, com 176 gêneros e 279 espécies e encontra-se em Bueno e Martins (1986). Ressalta-se, também, a ocorrência de *Gomphrenagraminea* (Amarantácea) *Somerfeltiaspinulosa*, *Isostigmapeucedanifolium* e *Schlechtendalialuzulaefolia* (compostas) de ocorrência natural nos campos dos morros da cidade, mas crescentemente ameaçadas pela pressão urbana, conforme mostram estudos que comprovam a diminuição de sua abundância nestes locais, devido, principalmente, à supressão dos habitats pela ação antrópica. Entre as espécies arbóreas espontâneas de maior ocorrência, encontram-se *Butiacapitata* (butiá) e *Myrsineumbelata* (capororoca) que são espécies nativas de ocorrência local; *Pinus sp.*, *Meliazedarach* (cinamomo), *Cinamomumzeilanicum* (canela-da-india) e *Ligustrum indica*, que são espécies exóticas oportunistas adaptadas. Cita-se também a ocorrência de *Ochnaserrulata*, que vegeta abundantemente o estrato arbustivo e herbáceo nas áreas baixas e pouco expostas. Ainda, quanto à vegetação, o Jardim

Botânico possui coleções divididas em dois grandes grupos: Arboretum e Coleções Especiais (envasadas), Tabela 1.

Tabela 1 - Síntese das Coleções do Jardim Botânico de Porto Alegre.

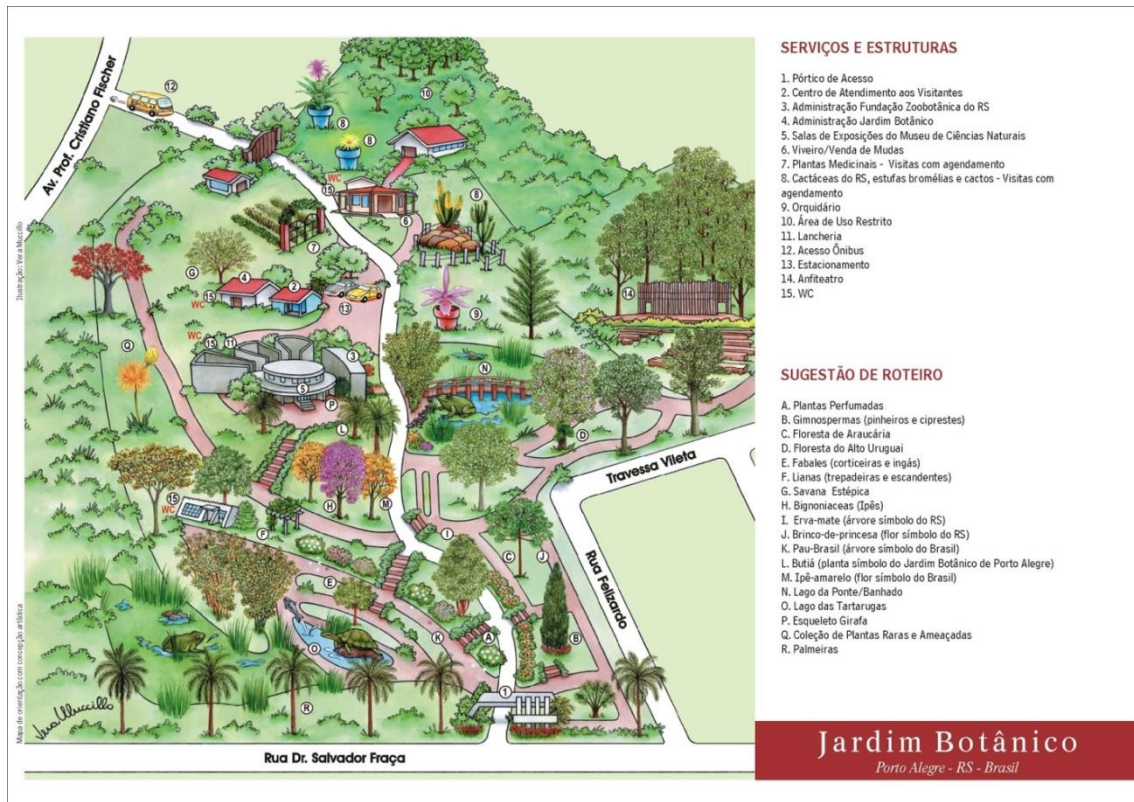
Coleção/ Grupo	Área no JB
Coleções Temáticas	
Plantas Perfumadas	arboreto
Plantas Raras e Ameaçadas	arboreto
Cactáceas do RS	arboreto
Plantas Trepadeiras do RS	arboreto
Plantas Suculentas	envasada
Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares	arboreto
Jardim Rochoso	arboreto
Coleções Fitogeográficas*	
Floresta Estacional	arboreto
Floresta Ombrófila Mista	arboreto
Floresta Ombrófila Densa	arboreto
Plantas de Clima Tropical	arboreto
Savana Temperada	arboreto
Coleções Taxonômicas	
Acanthaceae, Araceae e Araliaceae	arboreto
Amaryllidaceae e Asparagaceae	envasada
Annonaceae, Myrsiniaceae e Rutaceae	arboreto

Arecaceae	arboreto
Begoniaceae	envasada
Bignoniaceae	arboreto
Bromeliaceae	envasada
Cactaceae	envasada
Fabaceae	arboreto
Gimnospermae	arboreto
Iridaceae	envasada
Myrtaceae	arboreto
Orchidaceae	envasada
Piperaceae	envasada
Pteridophyta	envasada
Zingiberales	arboreto

Fonte: *Conforme IGANCI et al. (2011).

Através do mapa temático elaborado para o guia do visitante (2008 p.94-95), figura 4, podemos vislumbrar algumas unidades de paisagens construídas de acordo com as espécies em coleção no JB.

Figura 4: Mapa Temático do Jardim Botânico.



Fonte: Guia do Visitante do Jardim Botânico, 2008.

As formações geológicas da área incluem materiais datados do Pré-Cambriano, sendo especificamente os Migmatitos Heterogêneos e o Alterito Serra de Tapes, com alguma influência do Granito Independência (FAURGS, 2004). O granito e os migmatitos são formados por volumes de grau de metamorfismo variados, sendo a composição predominante de quartzo, feldspatos alcalinos, micas e biotitas. O alterito é formado por material elúvio-coluvionar, de constituição argilo-silto-arenosa, com predomínio de caulinita e óxidos de ferro (RADAMBRASIL, 1986; LEINZ; AMARAL, 1998). O relevo predominante é de colinas, com influência de terraços aluviais do Arroio Dilúvio (FZB, 2004).

A área em que se insere o Jardim Botânico de Porto Alegre faz parte da Sub-bacia hidrográfica do Arroio Dilúvio. A sub-bacia do Arroio Dilúvio é a mais importante de Porto Alegre. Através dela escoam as águas de uma área com 83,74km² densamente habitada: 446 mil habitantes, representando cerca de um terço da população total de Porto Alegre. O curso principal tem uma extensão de 17.605 m e importantes afluentes, como os arroios Mato Grosso,

Moinho, Cascata e Águas Mortas. Ao longo da história da ocupação urbana, a sub-bacia foi intensamente modificada. O Arroio Dilúvio foi canalizado e teve seu curso natural retificado. Alguns afluentes desapareceram sob a cidade e seus canais passaram a integrar o sistema de esgotamento pluvial.

Segundo o Atlas Ambiental de Porto Alegre, Menegat *et al.* (1998), todos os domínios morfoestruturais do Rio Grande do Sul ocorrem na região de Porto Alegre, e ao serem recortados pelo Lago Guaíba formam uma paisagem suave e ao mesmo tempo contrastante. O modelado da paisagem é resultante de elevações residuais de rochas graníticas pertencentes ao escudo Sul-Rio-Grandense. Esses morros e cristas foram bordejados por depósitos arenosos quaternários da província costeira durante as sucessivas transgressões e regressões do mar.

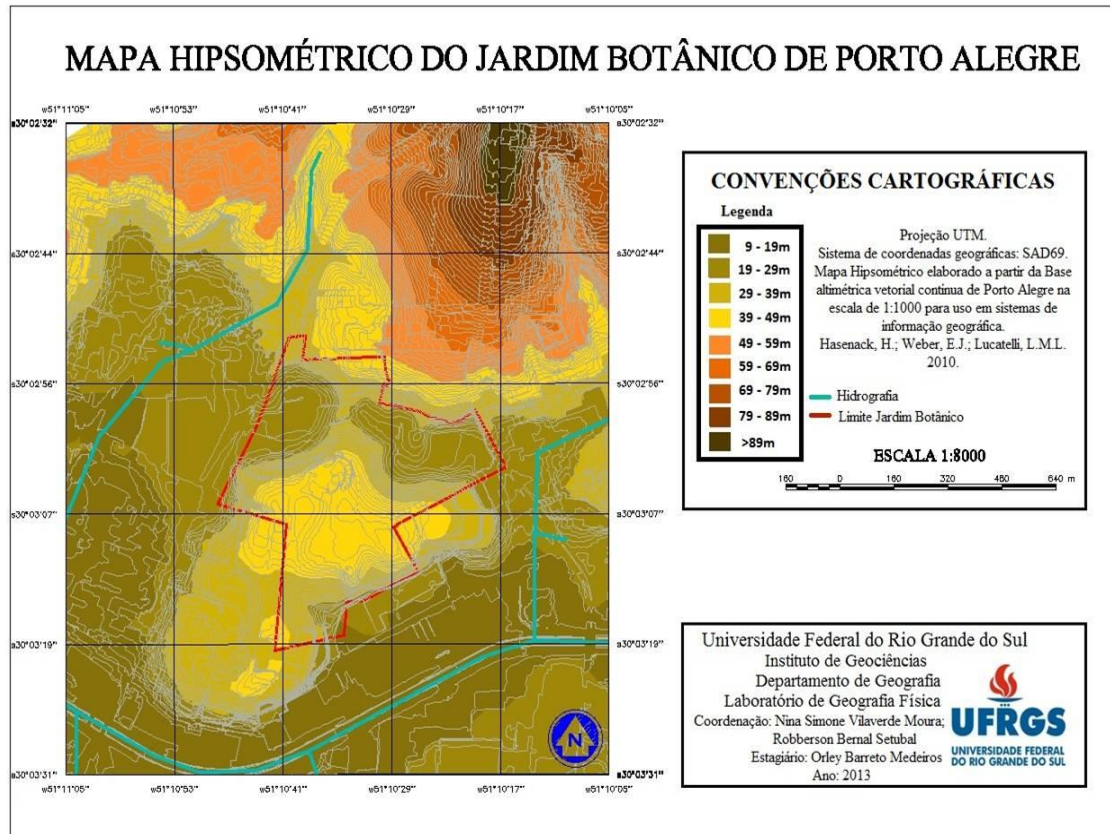
Os modelados da paisagem possuem diferentes formas constituídas por feições residuais, como cristas e morros isolados de topo convexo; formas de dissecação (erosão), do tipo colinas residuais, que ocorrem no limite com o município de Viamão; formas de acumulação por ação fluvial, que predominam na região norte, como planícies, terraços e delta; formas de acumulação por ação lacustre, que prevalecem ao sul como terraços e cordões arenosos. O Jardim Botânico de Porto Alegre está localizado em área de transição entre os terraços e planícies fluviais do Arroio Dilúvio e a Crista da Matriz.

A Crista da Matriz é uma feição geomorfológica com um comprimento aproximado de 13km e largura máxima de 4 km, com sentido leste-oeste, iniciando na Ponta do Gasômetro e abriga na sua linha de cumeada a Rua Duque de Caxias, prolongando-se pela Avenida Independência, sendo cortada pela sela do vale, em que se encontra a Avenida Goethe, e prossegue pelos morros Petrópolis e Alto Petrópolis, onde encontramos sua altitude máxima de 134 m, depois converge para a Crista de Porto Alegre.

A superfície do município de Porto Alegre está situada entre as regiões costeira e continental do estado do Rio Grande do Sul e sua formação está relacionado com os eventos geológicos e climáticos que ocorreram em todo o sul do Brasil nos últimos 400 mil anos.

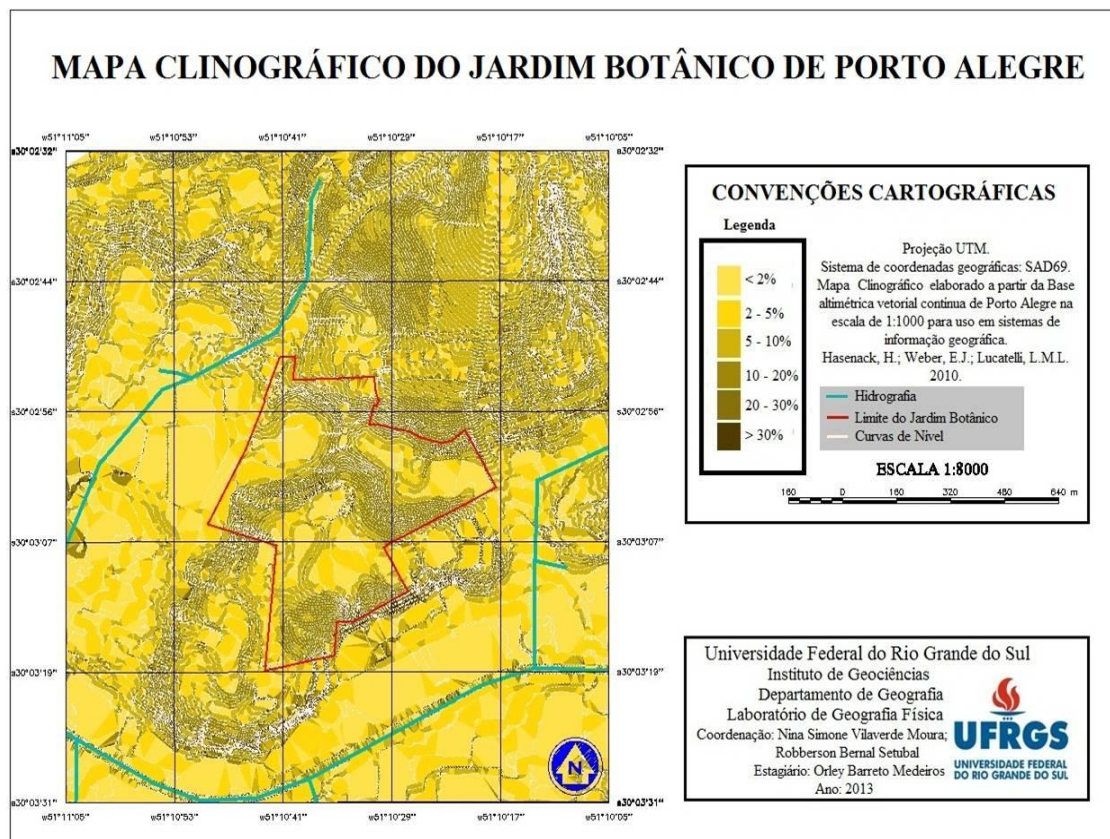
A área possui um micro relevo com forte ondulação, que podemos perceber a partir dos mapas que foram produzidos, os mapas Hipsométrico, Clinográfico e Geomorfológico, conforme demonstrado nas figuras 5, 6 e 7:

Figura 5: Mapa Hipsométrico do Jardim Botânico de Porto Alegre.



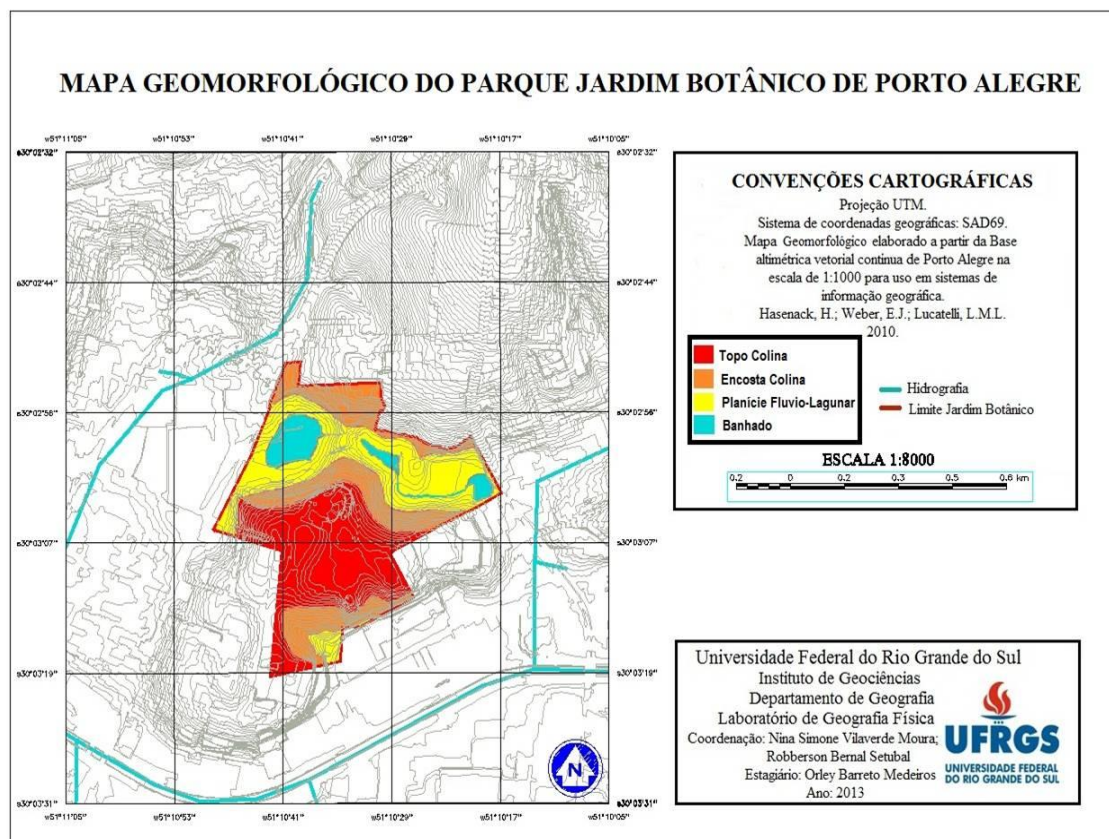
Fonte: Mapa elaborado pelo autor, 2013.

Figura 6: Mapa Clinográfico do Jardim Botânico de Porto Alegre.



Fonte: Mapa elaborado pelo autor, 2013.

Figura 7: Mapa Geomorfológico do Parque Jardim Botânico de Porto Alegre.



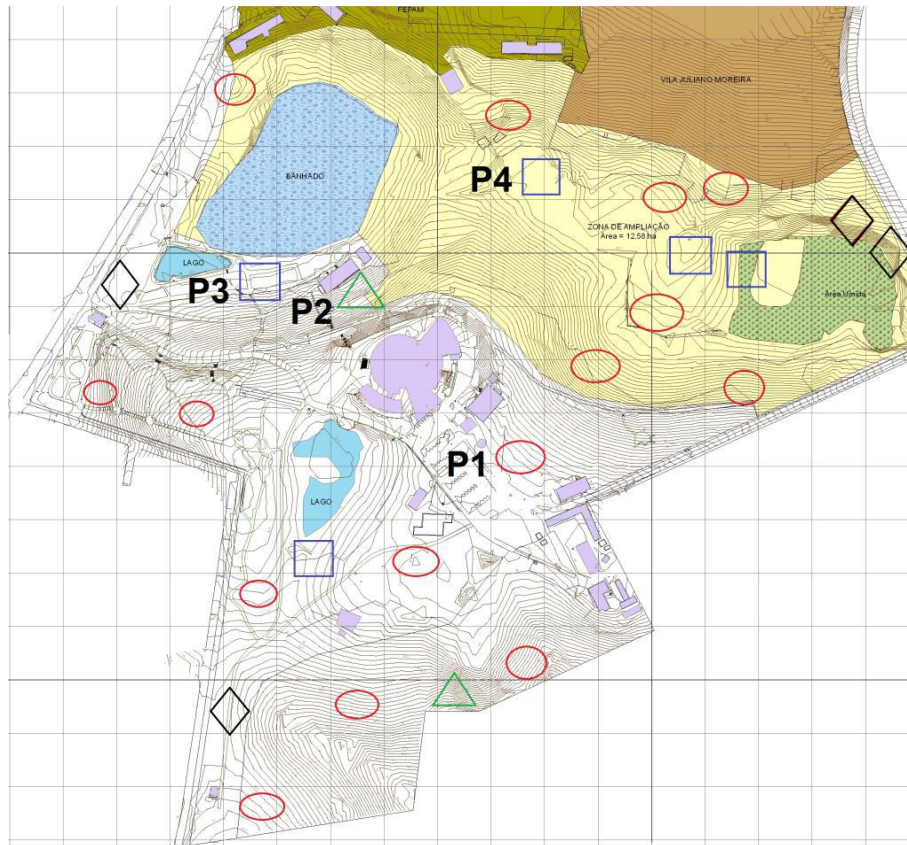
Fonte: Mapa elaborado pelo autor, 2013.

A partir da construção desses mapas podemos confirmar que a área se trata de uma pequena colina ou platô mais elevado e uma área de depressão, onde se encontram as áreas alagadas que compõem parte da bacia de drenagem do Arroio Dilúvio. De acordo, ainda, com a observação do mapa Geomorfológico, podemos perceber quatro áreas distintas, além das três já referidas, a Colina e a Planície Flúvio-lagunar com suas áreas alagadas. Encontra-se, ainda, uma quarta feição composta pelas encostas dessa colina.

Foram identificados quatro tipos de solos no Jardim Botânico, conforme Luís Fernando da Silva (2014) a saber: Argissolo Vermelho-Amarelo Distrófico Típico, CambissoloHáplico Tb Distrófico Típico, PlanossoloHáplico Distrófico Gleissólico, e Gleissolo Melânico Tb Eutrófico Típico, Figura 8.

Figura 8: Mapa topo-pedológico do Jardim Botânico de Porto Alegre, com a legenda das classes de solo encontradas no parque. Elipse – Argissolo;

Triângulo – Neossolo e Cambissolo; Quadrado – Planossolo e Gleissolo; Losângo – Tipos de terreno (área alterada por ação antrópica).



Fonte: Mapa elaborado por SILVA, Luís Fernando da, 2014.

Ao fim desta seção, conseguimos reunir um conjunto de informações geofísicas que representam os mais diversos componentes da natureza em nossa área de estudo e que auxiliam na identificação dos elementos que compõem os critérios, segundo nosso roteiro metodológico de análise da paisagem. Já no próximo tópico desta monografia reuniremos uma outra dimensão presente em nossa metodologia, no que se refere a dinâmica social do entorno do Parque Jardim Botânico.

3.2.2 COMPONENTES DA DINÂMICA SOCIAL NA PAISAGEM DO JARDIM BOTÂNICO

Sobre o Jardim Botânico, pode-se dizer que bairro sofre uma grande pressão imobiliária ligada ao desenvolvimento viário da região com a implantação da Terceira Perimetral e com a valorização fundiária ligada à proximidade do Jardim Botânico, Hospital São Lucas, Escola Superior de Educação Física da UFRGS, Pontifícia Universidade Católica, Shopping Bourbon Ipiranga, entre outros atratores populacionais. Essa pressão imobiliária tende a se intensificar, devido à extinção da Fundação Zoobotânica e a possibilidade de ocupação da área pertencente ao Jardim Botânico de Porto Alegre, a partir da venda por parte do governo estadual do terreno a empreendimentos imobiliários com o fim de sanar as dívidas do Estado.

No próximo tópico, iremos abordar a construção da paisagem do JB, a partir do olhar e das experiências dos seus antigos funcionários, alguns deles, em especial, aqueles que trabalharam no JB, desde a sua inauguração, dedicando suas trajetórias profissionais e suas vivências particulares, a existência e a preservação do próprio JB.

3.3 A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM PELOS FUNCIONÁRIOS DO JARDIM BOTÂNICO: HISTÓRIAS PARA RECORDAR E GEOGRÁFIAS PARA TRAÇAR

A memória é um dos agentes que determina a crescente complexidade da paisagem, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Nas pedras, nas dobras e no simples caminhar do viajante se depositam uma infinidade de histórias, que por um lado compõe a paisagem tal como se apresenta fisicamente, e por outro lado, geram uma diversidade causada por essa multiplicidade de leituras. (VERDUM; SANTOS; PIMENTEL, 2016, p.134).

O propósito dessa parte do estudo é o de analisar a construção da paisagem do JB, sob o ponto de vista, da percepção dos seus funcionários mais antigos, das suas memórias; reconhecidas como a principal fonte de análise dessa parte do estudo, em uma relação dicotômica e complementar,

entre os sujeitos sociais e a natureza em um processo de dinâmica constante, pois:

Esta superposição ocorre em diferentes medidas, e pode crescer em lugares onde a paisagem se construa a partir de dicotomias ou dualidades, tais como: o urbano-rural, o passado-presente, a natureza-sociedade, o individual-coletivo, o teórico-prático, o subjetivo-objetivo. (VERDUM; SANTOS; PIMENTEL, 2016, p.134).

Para tanto, foram realizadas um total de cinco entrevistas do tipo semi-estruturadas pelo pesquisador, no ano de 2010, durante a realização do seu estágio curricular obrigatório. A iniciativa partiu do próprio pesquisador, pois, na época, considerou que as entrevistas proporcionariam uma melhor forma de conhecer o seu local de estágio.

Sendo assim, essa análise visa considerar todo o processo de construção do conhecimento, os meios para se atingir os objetivos, e não apenas os resultados, os fins. É importante considerar que a entrevista semi-estruturadas “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de uma situação específica, como de situações de dimensões maiores”. (TRIVIÑOS, 2006, p.152).

Os instrumentos de pesquisa, da mesma forma que a fundamentação teórica e a elaboração do mapa geomorfológico, não foram escolhas neutras e possuem o condão de fornecer suporte para a realização dos objetivos propostos pela pesquisa. As fontes de pesquisa utilizadas para a elaboração da presente monografia, foram os documentos, mapas, e especialmente, as entrevistas que serão a base de compreensão dessa parte do estudo. Para tanto, a coleta de informações para esta pesquisa, além da análise dos mapas e do roteiro de pesquisa, destaca-se a entrevista do tipo semi-estruturada.

A realização das entrevistas deu-se por meio de roteiro de pesquisa (Anexo). Tal instrumento possuiu a função de, em um primeiro momento, fornecer ao pesquisador, informações não especificadas dos sujeitos, auxiliando posteriormente, na realização do objeto de estudo. Esse tipo de entrevista permitiu uma interação maior entre o entrevistador e o entrevistado, atribuindo, com isso, relevância tanto ao pesquisador, como ao sujeito entrevistado no seu desenvolvimento; nada é estático e pré-determinado,

existe um planejamento, mas se trabalha com uma maior liberdade de ação e interação. Para Augusto N. S. Trivínos:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVÍNOS, 2006, p. 146).

A principal contribuição desse tipo de entrevista é possibilitar, de certa forma, um protagonismo por parte do entrevistado na interação com o entrevistador, fazendo com que o resultado da entrevista seja enriquecedor. Para a elaboração desse subcapítulo estruturamos o texto com base na seguinte organização, contemplando as seguintes questões: as memórias dos funcionários sobre o JB; a transferência/insuficiência de funcionários; o papel do setor público e do privado (individual) na preservação do JB e a reconfiguração da paisagem ao longo da trajetória do JB.

Poderemos, então, captar as impressões, representações e opiniões dos funcionários sobre o JB, elegendo, com base nesses dados, temáticas que nem sempre são destacadas no campo de estudos sobre a paisagem e que mereceriam um estudo mais aprofundado. Mas como captar as impressões e representações dos funcionários sobre o seu local de trabalho, que para alguns, se confundem com sua própria residência, o domicílio de suas vivências de ordem profissional e pessoal, em uma total simbiose?

Esta não foi uma tarefa fácil, porém nunca consideramos ser impossível de construir. Um dos caminhos para a sua realização pode ser o desenvolvimento de uma escuta atenta, por parte do pesquisador, ao que os funcionários têm a dizer sobre as suas vivências, dentro e fora dos limites físicos e estruturais do JB.

Quando afirmamos que a paisagem do JB se confunde com a própria trajetória pessoal dos funcionários, salientamos uma das passagens do depoimento do Sr. Julião, um dos funcionários mais antigos,

E desde que ano o senhor morava aqui?

Ahm?

Desde 1954 mesmo?

Eu entrei aqui em 1957.

1959 mais ou menos eu vim morar aqui dentro porque desocupou uma casa. Até eu já tinha 2 anos de serviço. A primeira casa que desocupasse era pra mim.

[...]

Ai eu fiquei. **Ai fiquei morando, morei 17 anos ai. (grifo nosso).**

É possível compreender, a complexidade da relação de alguns funcionários com o desenvolvimento da paisagem do JB, pois acaba ocorrendo uma espécie de simbiose, entre a trajetória de vida dos entrevistados e a construção da paisagem do JB, no caso do Sr. Julião, foram 17 (dezesete) anos, já o seu filho, o Sr. Júlio César, também funcionário, declara que acompanhou muitas alterações na paisagem do JB,

Bom, **meu nome é Júlio César Vieira do Prado. Eu estou aqui no Jardim Botânico desde 1976, outubro, 1º de outubro de 76. E nesses anos todos já observei muitas mudanças no Jardim Botânico.** Porque quando eu **comecei a trabalhar** aqui **era bem diferente, era bem-dizer uma área de campo com poucas espécies de plantas.** Então, a partir daquele momento ali, a **gente começou a plantar muitas espécies** e foi **mudando o panorama.** Por exemplo, dessa parte mais alta aqui, a gente enxergava o Centro de Porto Alegre, enxergava a Usina do Gasômetro, enxergava até uma parte do Guaíba. E hoje em dia, como as árvores cresceram isso tudo não se consegue ver mais. **Mas ele mudou bastante, melhorou bastante desde a época que a gente começou aqui. Nesses últimos trinta e poucos anos** ai, eu acho que, pá! **Melhorou bastante mesmo. (grifo nosso).**

No caso do Sr. Júlio César, ao desenvolvermos as entrevistas, observa-se que o entrevistado, reporta-se às suas funções na mudança do panorama (paisagem) e na manutenção do JB, lembrando momentos significativos da sua história de vida,

Tu está aqui desde 1986?

Desde 76.

1976.

É.

E tu morava antes aqui dentro?

Isso, **30 anos, já morava.**

Já morava antes?

É que o **meu pai foi um dos primeiros funcionários, né?** Então a **gente ganhou uma casa pra morar** e depois, quando eu **tive idade de começar a trabalhar,** foi um dos **primeiros serviços que me apresentou, né?(grifo nosso).**

Os funcionários, passam a aproximar, as suas experiências pessoais com a trajetória do desenvolvimento da paisagem do JB, enquanto um espaço público, que sofreu muitas mudanças ao longo da sua existência, a maioria delas, acompanhada pelos entrevistados,

É, o que eu lembro, por exemplo, de **área aqui no Jardim Botânico, eu tinha**, sei lá, **7, 8 anos de idade**, era que era um tipo assim, de árvores mesmo **era só o mato de eucalipto** ali, pra cá uma ou outra, butiazeiro tinha uma porção, e o resto era campo, área de campo assim que... **tinha muita perdiz, perdigão**, que a gente caminhava pelos campos, seguidamente estava levando um susto quando levantava uma perdiz, que ela faz um barulho estranho quando levanta né? **Daí tinha muita perdiz aqui na área.(grifo nosso).**

A percepção da paisagem do entrevistado, demonstra a sucessão de alterações que o JB sofreu, inclusive com o desaparecimento de algumas espécies de aves terrícolas, como exemplo, podemos citar, as perdizes, ou ainda, as preás, roedores da família dos cavídeos,

E por que será que sumiram essas perdizes?

Tu achas que em função dessa modificação?

É, eu acho que sim, em função da ocupação, né? Porque naquela época mais era campo. Essa área toda onde tem prédio grande ali, isso aqui tudo era um campo. **Então elas gostam mais de área de campo**, daí a gente foi botando vegetação, as árvores foram crescendo e elas foram sumindo, né?

Que mais tu lembra de bicho silvestre que tinha por aí naturalmente e que hoje em dia, talvez, tu não veja?

Não, é, hoje em dia. Aquele o... como é que a gente chama? **O lobo guará** aquele. Aquele eu lembro que tinha. Seguidamente, a gente via um ou outro correndo aí. Raposa até hoje tem bastante. Eu acho que são esses bichos. Ah, esses... aquele pequeninho, como é? Aquele que parece um ratinho. Como é? o...

Preá.

Preá, isso, é. **Preá tinha bastante.** Era aos montes nessas beiras, nessas partes mais úmidas, aí sempre tinha bastante ali. (grifo nosso).

A justificativa para o desaparecimento de determinadas espécies no JB, segundo o entrevistado, se deve em parte, pela ocupação do entorno do Parque, inclusive dos moradores da Vila Juliano Moreira, que tratar-se-á mais

tarde e que possui relação com o Hospital São Lucas, instalado dentro do JB, figura 9.

E me diz uma coisa, **foi muito modificado o relevo do Jardim Botânico?**

Por exemplo, a gente olha mapas e a percebe que aqui é meio que um topo de morro, né?

Hãhã.

Eu queria saber se houve tipo de terraplanagem? Algum tipo de escavação? Algum tipo de canalização? A gente vê também que aqui entre um banhado e outro tem uma espécie de uma canalização. Não sei se aquilo é natural ou se foi escavo.

Pois é, eu lembro assim, nessa parte mais alta aqui... isso aqui foi retirado terra dali. Em torno, eu acho, que uns 2 metros e pouco mais ou menos de altura foi rebaixado ali. **Eles tiravam terra dali, não sei pra onde levavam. Eu sei que teve uma época que vinha... tinha uma porção de tombadeiras, e umas patrôlas** que fizeram um tipo de um platô, retiram muita terra ali daquela parte. **E escavação,** aqui pra baixo, perto do cactário ali, eu me lembro também que fizeram... umas máquinas... **(grifo nosso)**

Todas as mudanças significativas do JB, são apropriadas e interpretadas à luz das vivências e experiências pessoal e profissional dos funcionários. Ao mesmo tempo, a relação dos entrevistados com a paisagem do JB também é de aprendizado, que proporciona aos seus visitantes, uma interlocução com o meio ambiente e a busca pela conscientização sobre a necessidade da sua preservação, destinado à preservação e à proteção de milhares de espécies nativas e raras, segundo a percepção do funcionário Ari Nilson:

Assim, uma coisa que tem... a contribuição científica, uma contribuição muito forte pra botânica pra fins de estudos de colegiais e pesquisadores, enfim, curioso. Também há que se dizer que a contribuição como massa verde nessa unidade de conservação, ela é um tanto, assim, graciosa. **Nem mesmo metade das pessoas que hora passam por aí ou que frequentam a redondeza sabem do devido valor que estão respirando.** Então isso é uma coisa que não tem preço. Claro que tem vegetação específica, que são as coleções plantadas, as espécimes plantadas e que também tem a contribuição, no caso da massa verde, de espécies até, digamos assim, exóticas, que estão aí dando a sua contribuição. E uma grande parte é essa parte da introdução de espécies do Estado do Rio Grande do Sul no arboreto pra constituir esse Jardim Botânico devidamente como unidade de conservação e ter a maior representatividade de espécie do Estado do Rio Grande do Sul. Seja ela em espécie arbórea, seja ela em espécies, digamos assim, de coleções envasadas, e seja ela também até em

consequência assim em passagem como a coleção do mudário, esta sim muito importante. **(grifo nosso)**.

Figura 9: Construção do acesso principal do Jardim Botânico.



Fonte: Arquivo pessoal.

É importante salientar que a sua preservação não contribui apenas para o contexto de Porto Alegre/RS, mas indiretamente para outras regiões, uma vez que o JB contribuiu para o desenvolvimento de outros espaços semelhantes em outros municípios. Ainda, de acordo, com o entrevistado Ari Nilson:

Olha, eu lembro de uma certa ocasião que o Jardim Botânico serviu pra vários municípios constituírem o seu próprio Jardim Botânico. O que, que o Jardim Botânico de Porto Alegre propiciou pra eles? Num determinado período se preparou um grupo de plantas de várias espécies, digamos assim, um tanto estudadas e selecionadas para cada região para que cada município lá onde essas plantas, naturalmente, pudessem se desenvolver tinha uma espécie de Jardim Botânico. **Então o Jardim Botânico hoje em dia é exemplo para o Estado do Rio Grande do Sul.** Mas ele carece desses recursos humanos que hora não é por falta de pessoas preparadas. Digo novamente. **(grifo nosso)**.

A trajetória profissional dos funcionários aparece em todos os depoimentos, como um importante momento no processo de construção das suas identidades pessoais, bem como do próprio JB, reforçando as

representações positivas sobre a sua relevância ambiental, por meio do seu padrão estrutural.

Em relação ao teu processo de aprendizado, de auto-aprendizado como botânico, como é que tu avalias isso em termos pessoais?

Esse teu crescimento e o conhecimento de botânica dentro daquilo que tu...?

Eu diria assim que, talvez, o instinto, como eu me considero mateiro e um pouco entendido em botânica, já veio um pouquinho de berço em função de lidas de mato, lida de madeiras. Claro que naquela era uma coisa um pouco diferente, mas era derrubar o mato pra tornar áreas agriculturáveis e aqui foi uma coisa completamente diferente. Eu tive o acompanhamento do **Professor Reis do Klein, do Dardaro, Hector Osório do Uruguai, Professor Dardaro lá do Recife, já falei Grinig da Alemanha, outros naturalistas daqui da Fundação Zoobotânica**, envolvendo o Museu de Ciências e até pessoas da direção, de onde, certamente, eu contribuí com esse jeito, digamos assim, de separar uma planta da outra. **(grifo nosso)**.

As diferentes percepções e sentimentos, que constituem a construção da paisagem sobre o JB, somam-se as representações, as responsabilidades e o papel desempenhado pelos funcionários na preservação da natureza e da territorialidade do espaço do JB. Ambos coexistem de maneira simultânea e em total harmonia, conforme a concepção do Sr. Ari Nilson, quando questionado sobre as mudanças na concepção do Jardim Botânico:

Veio se modificando, a população certamente com grande contribuição, com grande benefício à comunidade botânica, e o esforço de cada um em buscar esse material e trazer isso pro público. Porque se existe uma coleção, se existe um arboreto, se existe uma reserva e pouco se sabe dela, às vezes o que se aproveita e ver uma vegetação, uma mata que passa despercebidamente. **Então essa parte de educação ambiental, de instrução, de identificação das plantas, das áreas, importantíssima. (grifo nosso)**.

Destaca-se também, a importância da trajetória pessoal, de profunda identificação com as plantas, que foi desenvolvendo o perfil profissional de um dos funcionários entrevistados, como o Sr. Pedro, na parte do desenvolvimento das plantas medicinais,

Como o senhor começou a cuidar das medicinais?

Como é que o senhor chegou lá?

É uma história bem bonita. Eu como já era agricultor, trabalhava na roça. **Então quando tem que trabalhar com plantas tu já... se tu gosta então nem fala.[...]aí aprendi fazer umas mudas e tal.** Fiquei na expectativa. Ai quando foi um dia o Hélio saiu daqui, me encontrou bem na frente lá “eu não posso ver isso aqui. Olha que imundice tá isso ai” disse ele “eu tinha que arrumar uma pessoa. **Quem é que eu poderia botar aqui?”** **“Mas rapaz tu está falando com ele mesmo, está falando com ele mesmo.** [...] e comecei, dali meia semana tirei 6 carretos de lixo. [...] fiz uma limpeza ali. Ei começou a vir visitante, sabe? Ai olhava aquelas plantinhas, trouxe mais algumas também da minha vizinha lá. [...] digo “digo, agora estou cuidando a horta. **(grifo nosso).**

Por isso, não podemos deixar de reconhecer em nossas análises, os comportamentos e as motivações orgânicas que se fazem presentes nas entrevistas com os funcionários, salientando que todos os entrevistados, sem exceção, atuavam no JB, desde a década de 1970, o que importa dizer, acompanharam todas as mudanças das últimas quatordecadas do JB:

Bom, **meu nome é Júlio César Vieira do Prado. Eu estou aqui no Jardim Botânico desde 1976, outubro, 1º de outubro de 76.** E nesses anos todos já observei muitas mudanças no Jardim Botânico.

[...]

Meu nome é Ari Nilson, e a minha data de admissão no Jardim Botânico de Porto Alegre 05 de março de 1975.

[...]

Eu vim pra cá em 76, janeiro de 76, 16 de janeiro de 76. Ai trabalhei 8 meses na função de servente, depois passei a jardineiro, ai comecei a fazer mais uns trabalhos de recorte de rua. Era meu trabalho. (Sr. Pedro).

[...]

O meu nome vocês já sabem: Aldomilton Santos da Silva, formado em técnico nível médio em Viamão e trabalhei na Prefeitura Municipal de Porto Alegre por um ano e nove meses, na SMAM, da SMAM então que eu fui entre aspas “meio convidado pra vim trabalhar aqui.” **Desde então essa data ai de 3 de abril de 78 eu trabalho no Jardim Botânico.** Daí, eu ingressei nessa data trabalhando no parque, área de parque. **(grifo nosso).**

Quando conversamos com os entrevistados sobre a sua opinião, hoje, a respeito da relação com o JB, deparamo-nos com momentos tensos, discursos ambíguos, e ao mesmo tempo, de profunda gratidão e respeito. Nesse momento, os funcionários eram convidados a falar da trajetória no JB, e ao mesmo tempo, de suas subjetividades e impressões sobre o seu *locus* de trabalho e de dedicação de uma vida. Segundo o Sr. Ari Nilton: “Certamente, as pessoas que vêm ao Jardim Botânico levam muita coisa de boa, a qualidade do

ar que eles respiram, saem daqui sem saber disso. Eu costumo levar até água do Jardim Botânico que tem um poço artesiano maravilhoso”.

Uma das questões recorrentes entre os entrevistados, foi sobre a importância do setor privado, das iniciativas individuais na preservação e manutenção do JB, acrescido da ação e da dedicação dos funcionários, como por exemplo, José Lutzenberger e Xico Stockinger. Para o funcionário Ari Nilton,

E a **coleção mais importante que eu destaco** de um bom tempo pra cá e que teve, talvez, **participação de gente que colaborou é sem dúvida a coleção dos cactos**. Essa parte teve **contribuição de um escultor chamado Xico Stockinger**, que desprendia veículo, custas, horas, não dispensando feriado, Natal, Páscoa etc. Pra busca dessas plantas. E também investigação. Era um colecionador particular, mas que destinou horas e recursos por Jardim Botânico, incalculáveis. E eu, obviamente, sou testemunho dessas jornadas e com isso consegui, digamos assim, constituir uma coleção, digamos assim, adjunta ou paralela pro Jardim Botânico, haja vista que são plantas que felizmente têm dados, isso é uma coisa de cunho muito importante porque imagina naquela época, eu, natural de Marcelino Ramos vindo para Porto Alegre e trabalhar num Jardim Botânico, tive algumas contribuições de pessoas que disseram: “olha, tem que registrar, tem que escrever os dados.” **(grifo nosso)**.

E segue o entrevistado, reafirmando o papel das iniciativas individuais na construção do JB,

Citei **Xico Stockinger** e citei **8 pessoas que faziam parte, que fizeram as reuniões pra que fossemos responsáveis pra constituir esse Jardim Botânico**. E tive a chance de ir na casa das pessoas quase que, não vou dizer entrevistar, mas sim conversar com eles e convidá-los pra vir no Jardim Botânico pra falarem com o diretor, que era um naturalista, pra dar a sua contribuição como eles tiveram a oportunidade de ajudar o Jardim Botânico. **E essas pessoas que constituíram a comissão pra formar o Jardim Botânico**. Isso foi uma coisa que eu fui atrás e procurar os endereços daqueles que eu ainda encontrei. **Felizmente que aconteceu isso, então faz parte do histórico do Jardim Botânico**. Certamente, **outras pessoas da direção**, todos importantes, **o próprio Lutzenberger com a sua contribuição** por causa de algumas figueiras que estavam em cinamomos, mas em si o objetivo dele era por causa da espécie. Creio eu, né? E essas pessoas que, certamente. Deram os seus louvores, suas horas, suas horas até pro Jardim Botânico, merecem muito e a gente, como passageiro aqui tem uma contribuição também a deixar pra comunidade. **(grifo nosso)**.

Com relação à percepção dos funcionários sobre a paisagem do JB, através do olhar, das vivências, das memórias e dos aspectos históricos da trajetória dos funcionários, e que acaba se confundindo com a própria

existência do JB, identifica-se como parte de um processo de reconfiguração que vem passando desde a sua fundação. Os depoimentos a seguir, demonstram de que forma a paisagem do JB é construída, pontuada por aspectos racionais, concretos, mas também refletem parte do imaginário dos entrevistados, tomando por base a entrevista com o Sr. Julião, no qual ele descreve a paisagem com base em elementos transcendentais, conforme fragmentos abaixo, retirados do seu depoimento:

[...] **tinha um louco** que costumava **roubar galinha da tua casa e largar na outra casa, do outro vizinho.** Tu levantava de manhã... tu tinha 3, 4 galinhas, tu levantava de manhã e tava com o pátio cheio de galinha. **E o louco morreu fazia 5 anos. Eu não sabia, né? E bateram na casa do meu vizinho, na frente da minha casa, no galinheiro **9 horas da noite. E o vizinho era muito medroso.** Botou a boca no mundo **“compadre me acode, estão roubando as minhas galinhas.”** Eu toquei os cachorros, eu tinha cachorro brabo, e os cachorros bateram no louco e **ele desceu mato abaixo correndo e eu com um pedaço de pau de atrás, e os cachorros bateram nele e ele deu volta, deu volta e ainda peixamos,** nos escuros [...] e eu **derrubei ele, né? Derrubei e agarrei e dei uma bordoadada** e gritei, né? [...] Mas **o cara fedia, fedia, fedia.** E os cachorros queriam pegar o cara de todo jeito. E a gente dando nos cachorros. Ai levei o cara até... até quase aqui em frente o museu e mandei ele embora pra colônia. Aí me deu o nome e tudo, né? **Ai no outro dia eu falei com o Seu Machado que era o chefe da colônia dos loucos, né? Ele disse: “Seu Julião, o senhor tá brincando comigo, homem é morto há 5 anos.”** Eu digo: **“não, de o homem é vivo, eu agarrei ele e trouxe.”** O nome dele é Ventura.” Eu disse: “é, isso mesmo. Não, ele é morto há 5 anos.” **“Não acredito, eu trouxe o homem agarrado até aqui em cima.”** Aí me levou lá nos escritórios pra me mostrar as fichas. **O homem era morto há 5 anos mesmo.(grifo nosso).****

Nesse sentido, com base no depoimento acima, partimos do entendimento de que a paisagem pode ser descrita também por meio de fatores inconscientes, é a percepção do sujeito, no qual a ação não é propriamente concreta, mas relacionada às subjetividades dos sujeitos, quando se relacionam ao objeto de análise, a construção da paisagem do JB.

Com relação às atividades específicas dos funcionários, alguns iniciaram as suas carreiras como jardineiros do JB, o que equivale dizer que, as suas trajetórias profissionais foram responsáveis pela atual configuração do JB. Isto é, suas formas, sua vegetação, as plantas e as árvores ali situadas são consequências da narrativa histórica dos entrevistados. Para tanto, todos

fazem referência ao fato de que o terreno foi submetido a uma terraplanagem e a construção de uma edificação, pois conforme declara o Sr. Ari Nilson,

Observou-se [...] **um grande prédio no centro do Jardim Botânico**, basicamente concreto, **era pra ser TVE**. Uma **área bastante descampada e pouco gramada**. Bastante saibrenta então. **A presença da vegetação principal era os butiazeiros**. Começou-se esse processo de ajardinar esse arboreto. Áreas gramáveis eram poucas. [...] também uma área que deu bastante trabalho chamada de Talude Rochoso, onde eram montadas plantas exóticas com pedras. **Essa área, ela consiste na entrada do Jardim Botânico no caminho principal até a sede principal que é a tal de TVE dita**. [...] também, a gente observou que na chegada do Jardim Botânico havia uma terraplanagem. **Então bastante área do Jardim Botânico, cerca de 90%, pelo menos, houve uma espécie de terraplanagem. Nitidamente observava-se essa movimentação de solo**. Então pouco solo desse permaneceu, digamos assim, um tanto intacto. Parte dele certamente, hoje, faz parte das áreas mais importantes do jardim, que nós denominamos de Caponete, onde tem estudos de vegetação e contribuí, significativamente, com as áreas dos morros graníticos de Porto Alegre, ou seja, nós temos como um relicto dessas áreas aqui dentro do Jardim Botânico. **(grifo nosso)**.

Sobre o depoimento acima, observa-se que a percepção dos funcionários acaba relacionando vários aspectos da paisagem do JB, tais como uma edificação, oriunda de um processo de terraplanagem, uma vez que, segundo relato de todos os entrevistados, um prédio havia sido construído para abrigar as dependências da TVE Cultura, o que de fato nunca aconteceu. É possível constatar um conhecimento aprofundado sobre a vegetação, desde a movimentação do solo, daquilo que se preservou, diante do processo de terraplanagem, devido à presença dos banhados, na parte baixa. Os banhados ainda existem, ou seja, tomando por base o depoimento do Sr. Júlio Cesar é possível vislumbrar uma mudança no relevo, o que equivale dizer, um relevo transformado, posto que sofreu a ação humana.

O banhado ali tem uma parte que era uma chácara, e depois, **com o tempo foi abandonada a chácara**, ele acabou **se tornando o banhado**, que foi levantada uma parte, **foi feito um aterro numa parte lá e daí o banhado se formou quase que o natural também, né?** Que a **vegetação toda que tem ali foi espontânea**.

Segundo o depoimento do Sr. Julião, antes do processo de terraplanagem, havia frutas que não existem na mesma quantidade e o surgimento de uma nova vegetação:

Aqui no Jardim Botânico antes da terraplanagem.
 Aqui era campo, tinha plantação de cana.
 E tinha butiá já?
 Tinha bastante, mas tá morrendo muito, né?

Ao mesmo tempo, determinadas espécies frutíferas nativas do Sul do Brasil, não coexistem mais na paisagem do JB. Além disso, o Sr. Julião relata a existência, de uma história, em particular, histórias para recordar e que acabam por compor e caracterizar a identidade do JB, como a história da chamada por nós “Pedra do Brizola”. Importante contextualizar, que o período histórico em que ocorreu foi durante a Ditadura Civil-Militar(1964-1985), em um estado que havia sido governado por Leonel Brizola(1959-1963), político que lutou pela legalidade (1961) e, que foi perseguido e exilado pelo regime. Assim, podemos entender toda a tensão, toda a apreensão, por parte do entrevistado, durante aquele período.

Tem, tem um lugar ali que eles tinham uma... uma parte que tinham os butiazeiros, é onde tinha o butiazeiro mais doce. Eu nem sei se ele já morreu ou não. Era tudo graúdo. Porque é o quadro de pinheiros que era do Brizola. Então tinha uma placa com o nome do Brizola. Ai tentaram quebrar placa, tiraram um pedaço, era de mármore, tiraram um pedaço. Ai eu estava trabalhando lá e foi um cara lá que era chefe de escritório, era contador, e me deu uma ordem que era ordem do diretor, mas eu fiquei desconfiado, mas... Porque o diretor não mandava ordem, ele me chamava e me dava as ordens pra mim mesmo, e fiquei desconfiado. Que era pra mim arrancar a placa. Ai eu digo: “eu não vou arrancar a placa. Agarrei e virei, era uma pedra grande, né? Virei, virei a pedra, a placa deve estar até hoje debaixo da pedra, com o nome do Brizola. (grifo nosso).

A “pedra do Brizola”, comumente, conhecida por nós, simbolicamente, representa a construção da paisagem local, sob o fundamento da inter-relação dos sujeitos com o meio no qual estão inseridos, seja através do seu exercício profissional ou das experiências subjetivas, como sendo parte constitutiva do real, do espaço físico, humano, social e político do JB.

Quando foi divulgada pelo Sr. Julião,essa história, nossa equipe ficou perplexa com a memória do entrevistado, que nos indicou o local e a pedra que havia sido virada, escondendo por um tempo um registro histórico. Por ser muito pesada, não conseguimos confirmar, no mesmo instante, a história que nos foi narrada, porém, com auxílio de uma retroescavadeira, conseguimos

desvirar a pedra, conforme sequência fotográfica do registro, no dia 18 de março de 2013, figuras 10 a 13.

Ao encerrar, o processo de deslocamento da rocha, para surpresa de todos, lá estava a placa de 1959, em comemoração ao dia da árvore, quando o então Governador Leonel Brizola plantou algumas árvores no Parque. Na imagem abaixo, temos uma imagem mais nítida, da referida placa, figura 14.

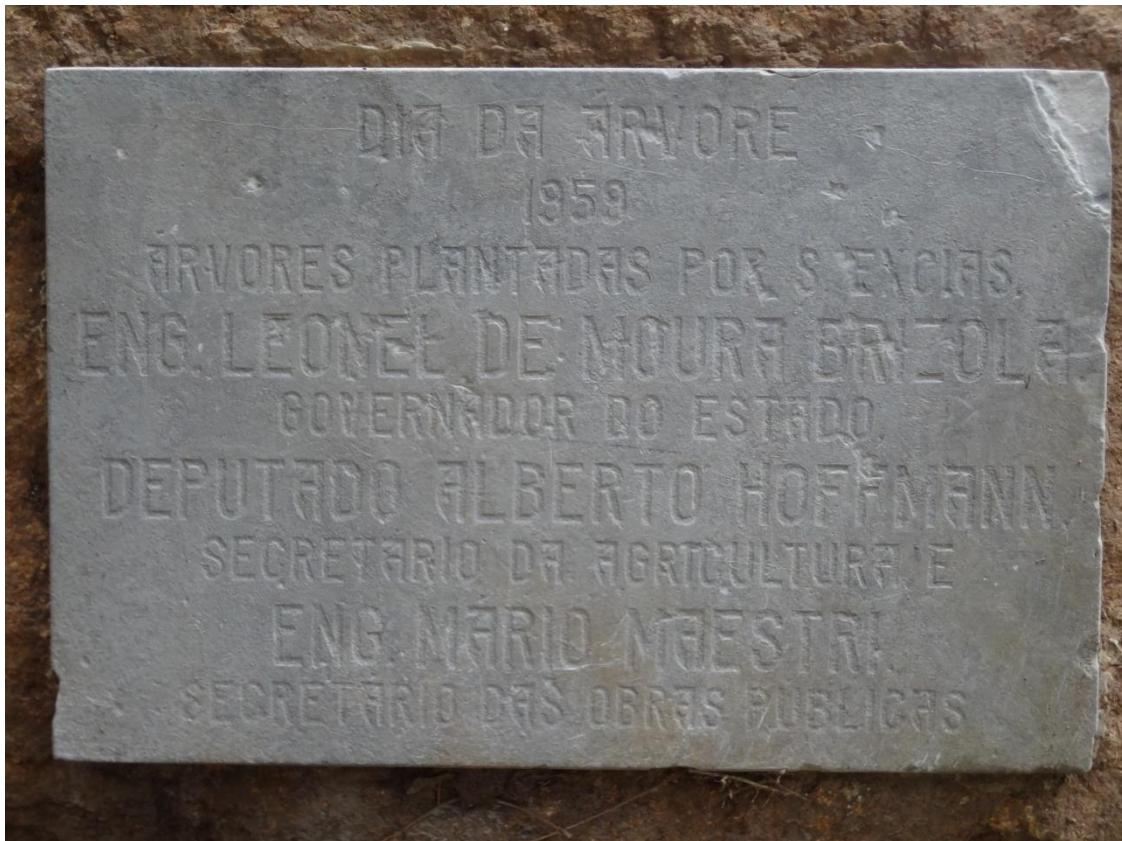
Figuras 10, 11, 12 e 13: Sequência fotográfica sobre a “Pedra do Brizola”.





Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2013.

Figura 14: Placa Comemorativa ao Dia da Árvore, no Jardim Botânico de Porto Alegre, 1959.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2013.

Também destacamos nas entrevistas, a referência à presença dos moradores da Vila Juliano Moreira⁶, que estava situada nas proximidades do banhado, situado próximo ao Hospital Colônia São Pedro, fundado na década

⁶ O governo do Estado entregou, na quinta-feira, 21 de junho de 2018, o termo de legitimação de posse de imóveis para 42 famílias da Vila Juliano Moreira, em Porto Alegre. Até o final do ano, a medida que os moradores forem entregando a documentação necessária, deve ser concluída a propriedade para todos os 136 imóveis cadastrados. A cerimônia no Palácio Piratini teve a presença do governador José Ivo Sartori e do secretário de Obras, Saneamento e Habitação (SOSH), Rogério Salazar. Ainda em março deste ano, a equipe da SOSH providenciou a atualização cadastral dos habitantes e iniciou o processo de regularização fundiária. A área, situada atrás do Jardim Botânico - antiga Colônia Agrícola do Hospital Psiquiátrico São Pedro -, foi ocupada em 1928 por funcionários da casa de saúde e familiares. Embora morem lá há décadas, as famílias nunca receberam a posse dos terrenos, o que traz prejuízos como dificuldade na contratação de financiamentos e a documentação de herança. Fonte: <https://estado.rs.gov.br/estado-entrega-terminos-de-posse-para-moradores-da-vila-juliano-moreira-5b2c1f516d14e>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

de 1940. Os moradores⁷ da mencionada vila, eram em sua maioria, funcionários do hospital, ou ainda integrantes das próprias famílias dos pacientes psiquiátricos e que passaram a ocupar o território, como forma de estarem mais próximos dos seus familiares internados. De acordo com o depoimento de um dos entrevistados, o espaço que integra a vila,

E essa parte de moradias irregulares, que foram regularizadas...

A vila, né?

A vila, no início. Como era isso?

Isso. **Existindo uma vila chamada Juliano Moreira, que deixou de contribuição até hoje, os tempos, muito lixo.** E ainda, mesmo assim, sendo destinados dois hectares do Jardim Botânico pra essa vila atualmente ainda eles deixam resíduos ruins pro Jardim Botânico. Seria uma zona de impacto?

É uma zona de impacto e um fator que eu diria que eu diria assim que há de se tomar uma certa postura administrativa com esse tipo de habitação lindeira do Jardim Botânico. Não tem mais muito tempo pra eles permanecerem assim. **(grifo nosso).**

A vila, pode ser reconhecida, até hoje, como uma área de tensão territorial, isto é, mesmo que a maioria das residências estejam regularizadas, persiste a disputa por áreas, espaços nas cidades, diga-se de passagem, de uma área considerada nobre da cidade.

E como foi... tu pegou o surgimento dessa população da vila... como é? Mariano, né? Como é o nome dessa vila?

Juliano Moreira⁸.

Juliano Moreira. Quando começou isso? **Como é... tu tem lembrança?**

Assim, que eu me lembre aquela área ali era uma área de funcionários da própria colônia agrícola. A maior parte do... os primeiros moradores ali eram funcionários da colônia agrícola que ganhavam o lugar pra morar, né? Construía a sua casa,

⁷ Foi aprovada a Lei 12.244, de 17 de maio de 2017, estabelecendo o que segue: Art. 1º Ficam denominados Rua Manoel Coelho dos Santos os logradouros públicos cadastrados conhecidos como Rua 3086 – Loteamento Vila Juliano Moreira – e Rua 3087 – Loteamento Vila Juliano

⁸ A Vila Juliano Moreira, está localizada no Bairro Jardim Botânico, com base na Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores, conforme Anexo desta Lei.

Parágrafo único. **As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Morador mais antigo da Vila Juliano Moreira.** (grifo nosso).

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

tinhalugar pra morar. **Até a água e a luz era o governo que bancava pra ele na época. Eu vi dizer que era em função do salário que era muito pouco que então eles tinham direito a água e a luz e o espaço pra morar.** Daí com o tempo, eles acabaram ganhando do governo a área pra morarem.

Com relação à questão da Vila Juliano Moreira, a contrapartida do governo, diante das baixas remunerações, foi a concessão do terreno para a construção das casas e da manutenção das taxas de água e luz, e que pode ter ocasionado a chamada tensão territorial, na população do entorno, assim como em relação aos demais funcionários, que não recebiam do governo tais “facilidades”.

Ao final do estudo foi possível compreender que a categoria de análise da paisagem é ressignificada, por meio do olhar e da trajetória dos sujeitos que a cercam, sendo considerada, por vezes, o meio e o fim, o impulso para o desenvolvimento de uma determinada área/espaço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da realização da pesquisa, foi possível reunir informações para compreender como ocorre o processo de construção da paisagem do JB de Porto Alegre. Ao longo do trabalho, foram coletados dados, que poderão auxiliar, na perspectiva da definição de Unidades de Paisagem (UP's) no JB de Porto Alegre. Sobretudo, a partir dos dados identificados, analisados e inseridos dentro dos quatro critérios estabelecidos para o desenvolvimento de uma metodologia previamente desenvolvida em outros estudos aqui citados, isto é: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica da paisagem e que foram estruturados gradativamente ao longo do desenvolvimento dessa monografia.

No capítulo dois trabalhamos a questão da paisagem urbana que está inserido no JB, compondo-a, por meio da dinâmica da cidade, especialmente do bairro Jardim Botânico e, como essa dinâmica, constituiu a paisagem ao longo de sua história. Pode-se expor a discussão da importância das áreas verdes para a cidade, bem como para os seus cidadãos e cidadãs, o diálogo sobre o conceito de paisagem e como uma categoria de análise fundamental para a Geografia.

Apresentamos no capítulo três, o JB, o seu histórico, inserido no contexto do Município de Porto Alegre, seus aspectos geofísicos, aquilo que pode ser quantificado e descrito, através dos dados colhidos e gerados para esta monografia. Para tanto, coletamos informações sobre o clima, a vegetação, a geologia, a geomorfologia e a pedologia, acrescido das informações sobre a inserção social na paisagem do JB, o desenvolvimento, as tensões e a influência que essa exerce no JB e vice-versa.

Para referenciar este trabalho, busca-se através da realização das entrevistas, trazer a importância da memória e do trabalho dos funcionários do JB/FZB na dinâmica, na transformação e na ressignificação dessa paisagem. A paisagem do JB é considerada essencial para o equilíbrio ecológico e humano, frente à intensa dinâmica urbana que, por muitas vezes, é considerada hostil e característica das grandes cidades, como no caso de Porto Alegre. Assim, esse jardim possibilita uma maior e melhor qualidade de vida, com mais saúde no pleno sentido da palavra e que, segundo a Organização Mundial da Saúde

(OMS), é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças".

Ao longo de sua trajetória o JB, já teve sua área classificada e zoneada de diversas formas e que deve ser valorizado, como por exemplo, apareceu no Guia do Visitante do JB, que sugere um roteiro de visita. Nele identificam-se suas principais áreas de valorização da paisagem e como potenciais de ampliação do conhecimento humano, em relação aos aspectos da fauna e flora local, assim como de descanso, em pleno espaço urbano.

Com relação aos aspectos funcionais da paisagem do JB, é necessário entender que estes estão relacionados com as atividades desenvolvidas nas formas criadas socialmente, ou seja, os espaços construídos e as atividades realizadas em sua área. É possível perceber a função do JB, através das contribuições na área educacional e científica, com destaque, para a preocupação com a educação ambiental, com as visitas guiadas, levando em conta também, a criação do Museu de Ciências Naturais, das coleções do parque, o arboreto, a coleção das plantas envasadas e o Banco de Sementes. Têm-se, portanto, as atividades realizadas no tempo presente, e em tempos pretéritos, como também atividades que poderão ser realizadas em um tempo vindouro baseado em planejamentos futuros.

Quanto à estrutura da paisagem no JB, pode-se destacar o valor histórico, quando foi mencionado no capítulo três, um fato em especial, a chamada "Pedra do Brizola", um objeto que fora concebido em determinado momento histórico, no final dos anos 1950, e com repercussões na década seguinte. Tal fato foi relatado, em detalhes, por um dos funcionários do JB, e que demonstram a importância na construção e preservação da memória política recente do Estado do Rio Grande do Sul. Outro elemento de valor histórico, foi a construção do prédio que serviria de sede para a TV Educativa e que, no entanto, nunca chegou a ser utilizado para esse fim.

Outro aspecto que provocaram mudanças na paisagem do JB e estão relacionadas a estrutura, são as casas construídas para servir de moradia para os funcionários do JB, sendo que, atualmente, ainda é possível identificar as ruínas de algumas moradias, bem como vestígios da Colônia Agrícola Juliano Moreira do Hospital Psiquiátrico São Pedro. É importante mencionar também, a

ocupação realizada pelos funcionários do hospital e parentes dos internos em 1928. Trinta anos, antes da fundação do JB, provocaram, ao longo das décadas seguintes, mudanças na configuração da sua área. Depois de noventa anos residindo no local, e trinta anos de disputa judicial, o Estado do Rio Grande do Sul, entregou o termo de legitimação de posse de imóveis para quarenta e duas famílias.

Por fim, têm-se as dinâmicas dessa paisagem do JB, que podem ser sintetizadas como as mudanças pretéritas e futuras, sendo observadas no tempo presente. Neste sentido, o mapa geomorfológico construído pelo autor dessa monografia, representam o relevo atual, as intervenções realizadas no terreno com a terraplanagem para a construção dos prédios e outras estruturas do JB. Isso acaba demonstrando as intervenções que já foram realizadas, como a simples modificação de uma rocha, no caso da “Pedra do Brizola”. Neste sentido, é imperioso, ainda destacar, como a conjuntura e as decisões políticas podem intervir na paisagem em um processo dialético de correlação de forças sociais, com avanços e retrocessos que acabam influenciando na transformação da paisagem, não necessariamente sob a dicotomia, entre o belo e o feio. Até mesmo porque, o ideal de belo carrega em si, uma subjetividade inerente ao pensamento humano, individual e coletivo, ao mesmo tempo.

Portanto, o JB embora seja um espaço de preservação da natureza, é também um jardim construído pelas mãos dos homens e mulheres, no qual acaba acarretando uma paisagem modificada/transformada por essa intervenção e num espaço importante na composição da paisagem urbana de Porto Alegre.

5. REFERÊNCIAS

BASSO, Luis Alberto; TROLEIS, Adriano Lima. **Porto Alegre: urbanização, sub-habitação e consequências ambientais**. Boletim Gaúcho de Geografia. n.º 37 – Porto Alegre – páginas 109 - 116 – Maio 2011.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Caderno de Ciências da Terra, n. 13, p. 1-27, 1971.

BONAMETTI, João Henrique. **A Paisagem Urbana como Produto do Poder**. Revista Brasileira de Gestão Urbana (*Brazilian Journal of Urban Management*), v.2, n.2, p.259-273, jul/dez. 2010.

DIAS, Vera Lucia N.; OLIVEIRA, Giully de. **Gestão Urbana: Praças e Parques de Porto Alegre-RS, A Capital Arborizada**. Anais do SEURB - II Simpósio de Estudos Urbanos: A dinâmica das cidades e a produção do espaço. Universidade Estadual do Paraná, 2013.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Jardim Botânico de Porto Alegre: 50 anos conservando a flora gaúcha**. Porto Alegre: 2009. 72p., il. (Publicações Avulsas FZB, 15)

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Plano Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre**. Porto Alegre: 2004.

FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RIO GRANDE DO SUL. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Guia do Jardim Botânico de Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: 2008. 100p., il. (Publicações Avulsas FZB, 13).

LEINZ, Viktor; AMARAL, Sérgio Estanislau do. **Geologia Geral**. Salvador: Bahia Livros, 1998.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destrução ou desconstrução**. São Paulo: HUCITEC-FAPESP, 1994.

LONDE, Patrícia Ribeiro; MENDES, Paulo Cezar. **A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana**. In. HYGEIA, ISSN: 1980-1726. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde - <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia>. Acesso em 20 de abril de 2017.

MENEGAT, Rualdo et al. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Paisagens Urbanas: imagens e representações do mundo do consumo**. São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASQUAL, M, O, A. **Espaços Verdes Urbanos**: importância na dinâmica das cidades. Maringá. Produção Didático Pedagógica, 2007.

SANTO, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia**. RA'ÉGA, N.7, Editora UFPR: Curitiba, p.79-85, 2003.

SILVA, Luís Fernando da. **Gênese e Classificação de Solos do Jardim Botânico de Porto Alegre/RS** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo, UFRGS, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VENTURI, LuisAntonio Bittar. **A dimensão territorial da paisagem geográfica**. Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos - AGB, Goiânia, 2004.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PIMENTEL, Mauricio Ragagnin. **As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem**. Espaço Aberto, PPGG-UFRJ, v.6, n.1, p.131-150, 2016.

VERDUM, Roberto. Perceber e conceber a paisagem. In. VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PINTO, Bruno Fleck; SILVA, Luis Alberto Pires (Orgs) **Paisagem: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos; PINTO, Bruno Fleck; SILVA, Luís Alberto Pires da. **Paisagem: leitura, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

ANEXOS

ROTEIRO E TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista Ari Nilson

Tempo: 55'41”

(A) Meu nome é Ari Nilson, e a minha data de admissão no Jardim Botânico de Porto Alegre 05 de março de 1975. Na chegada nesse espaço chamado Jardim Botânico de imediato observação de área não devidamente cercada, com alguns lindeiros, com problemas de pessoas que invadiam o parque utilizando-o como campo de futebol entre outras coisas. Tratativas imediatas: cercamento do Jardim Botânico e como consequência também tentar livrar dos lindeiros. Essa parte teve uma colaboração do Parque Zoológico e uma contribuição da administração da Fundação Zoobotânica como a partida em dar alguns recursos para essas pessoas para comprarem os seus terrenos, e nesse intuito, deixarem a área livre do Jardim Botânico. Isso foi uma coisa muito importante que aconteceu logo no começo desse período, ou seja, antes de 80 ainda, 1976, 77, nessa fase. Observou-se também que um grande prédio no centro do Jardim Botânico, basicamente concreto, era pra ser TVE. Uma área bastante descampada e pouco gramada. Bastante saibrenta então. A presença da vegetação principal era os butiazeiros. Começou-se esse processo de ajardinar esse arboreto. Áreas gramáveis eram poucas. A tendência de corte de grama com sombreamento da ponta da grama pra que se desenvolvesse mais rapidamente, e assim tomar conta áreas gramáveis, era feita de maneira muito prática pelos servidores que aqui tinham. Também uma área que deu bastante trabalho chamada de Talude Rochoso, onde eram montadas plantas exóticas com pedras. Essa área, ela consiste da entrada do Jardim Botânico no caminho principal até a sede principal que é a tal de TVE dita. Esse processo de cercamento, ainda voltando a dizer, contou com a colaboração da Indústria de Telas Canelense que veio aqui e deu a sua parceria pra fazer o cercamento do jardim. Obviamente, é uma cerca que não definia 100%. E por falar em cerca, hoje em dia, eu considero que está bastante bem cercado. E ai eu cito o nome de Hélio de Oliveira, que foi um diretor que deu um grande estalo em termos de segurança e definição do que que é... onde que vai o Jardim Botânico. Então tem a participação desse diretor, embora outros também tenham ajudado, mas nesse contexto cito Hélio de Oliveira. Também, a gente observou que na chegada do Jardim Botânico havia uma terraplanagem. Então bastante área do Jardim Botânico, cerca de 90%, pelo menos, houve uma espécie de terraplanagem. Nitidamente observava-se essa movimentação de solo. Então pouco solo desse permaneceu, digamos assim, um tanto intacto. Parte dele certamente, hoje, faz parte das áreas mais importantes do jardim, que nós denominamos de Caponete, onde tem estudos de vegetação e contribuí, significativamente, com as áreas dos morros raníticos de Porto Alegre, ou seja, nós temos como um relicto dessas áreas aqui dentro do Jardim Botânico. Na parte da vegetação a contribuição de vários pontos elencados como pontos de coleta de material botânico, ou seja, sementes, mudas, encicata, informações e outros getivos maiores. Então, naquela época, Mordococo, onde nós tínhamos uma estação de meteorologia, bastante material botânico, bastante semente originou pra cá. E com isso também teve a parte de venda de mudas que contribui financeiramente com grande ajuda para o jardim resultando na aquisição de trator, de compra de máquinas para beneficiamento de áreas ajardináveis. A sede do Jardim Botânico migrou de vários pontos. Inicialmente na portaria do Jardim Botânico, logo em seguidinha junto

ao um antigo cactário que existia. Esse cactário tinha cactos do Irmão Teodoro Luiz de Canoas. Então foi uma coleção doada para o Jardim Botânico. Ainda a administração do Jardim Botânico ficou em um outro setor junto ao prédio da TVE. Atualmente tem um setor separado de todos os outros, definitivo.

(E) A parte de lagos que tem ali, como é que era isso aí? Era descampado ali na volta dos lagos? Esses lagos, eles tinham pressão? Esse laguinho que tem aqui existia já? Como é que era?

(A) Existia basicamente o relevo, ou seja, o jeito que poderia formar uma poça d'água, digamos assim. Isso não existia. O lago que sempre existiu aqui no Jardim Botânico que eu lembro, conheço é um lá da área frontal junto ao Jardim Botânico, próximo das palmeiras. Esse sim é grande indicativo de sempre ter uma vertente de água. É uma área relativamente úmida. Com isso se constituiu em outros lagos. Hoje, atualmente, três, quatro lagos.

(E) E essa parte do hospital que existia dentro quando tu chegou já não existia ou ele ainda existia?

(A) Sim, o Hospital São Pedro quando eu cheguei aqui com volume de pessoas, digamos assim, dito louquinhos do São Pedro, era o nome dito a esses prédios que estão aí, Hospital Psiquiátrico São Pedro. Mas as pessoas que frequentavam por aí eram chamadas de louquinhos do São Pedro. Esse já existia e foi, gradativamente, as pessoas foram migrando, saindo. Ou seja, foram ficando só aqueles que não tinham pra onde ir ou não tinham familiares. Então alguns foram ficando. Hoje em dia permanece apenas os prédios, alguns, até digo assim, mais que ruínas do que, ditamente, prédios que eram utilizados. Uma outra coisa importante é que aqui o Botânico era meio que assim, estilizado, em termos de espaço, por cercas de arame farpados e moirões. Isso eu tive uma contribuição, digamos assim, até visão particular, como o espaço era dito Jardim Botânico, de ir retirando essa cerca e recolocando pra um outro lugar onde não era jardinado, não era utilizado como Jardim Botânico. Duas ocasiões acontecendo isso, posteriormente esses arames foram enrolados e guardados. Então se terminou essa cerca, não houve mais divisa entre São Pedro e Jardim Botânico, mas sim tudo Jardim Botânico.

(E) E essa parte de moradias irregulares, que foram regularizadas...

(A) A vila, né?

(E) A vila, no início. Como era isso?

(A) Isso. Existindo uma vila chamada Juliano Moreira, que deixou de contribuição até hoje, os tempos, muito lixo. E ainda, mesmo assim, sendo destinados dois hectares do Jardim Botânico pra essa vila atualmente ainda eles deixam resíduos ruins pro Jardim Botânico.

(E) Seria uma zona de impacto?

(A) É uma zona de impacto e um fator que eu diria que eu diria assim que há de se tomar uma certa postura administrativa com esse tipo de habitação lindeira do Jardim Botânico. Não tem mais muito tempo pra eles permanecerem assim.

(E) Por falar em lindeiros e entornos do Jardim Botânico, como é que tu vê essa transformação daquela época pra hoje em dia do entorno do Jardim Botânico, humanização da situação em si?

(A) Assim, uma coisa que tem... a contribuição científica, uma contribuição muito forte pra botânica pra fins de estudos de colegiais e pesquisadores, enfim, curioso. Também há que se dizer que a contribuição como massa verde nessa unidade de conservação, ela é um tanto, assim, graciosa. Nem mesmo metade das pessoas que hora passam por ai ou que frequentam a redondeza sabem do devido valor que estão respirando. Então isso é uma coisa que não tem preço. Claro que tem vegetação específica, que são as coleções plantadas, as espécimes plantadas e que também tem a contribuição, no caso da massa verde, de espécies até, digamos assim, exóticas, que estão ai dando a sua contribuição. E uma grande parte é essa parte da introdução de espécies do Estado do Rio Grande do Sul no arboreto pra constituir esse Jardim Botânico devidamente como unidade de conservação e ter a maior representatividade de espécie do Estado do Rio Grande do Sul. Seja ela em espécie arbórea, seja ela em espécies, digamos assim, de coleções embasadas, e seja ela também até em consequência assim em passagem como a coleção do mudário, esta sim muito importante.

(E) Ou seja, a concepção de Jardim Botânico de lá pra cá veio se modificando.

(A) Veio se modificando, a população certamente com grande contribuição, com grande benefício à comunidade botânica, e o esforço de cada um em buscar esse material e trazer isso pro público. Porque se existe uma coleção, se existe um arboreto, se existe uma reserva e pouco se sabe dela, às vezes o que se aproveita e ver uma vegetação, uma mata que passa despercebidamente. Então essa parte de educação ambiental, de instrução, de identificação das plantas, das áreas, importantíssima.

(E) Dessas coleções, eu queria te perguntar, qual delas foi a primeira ou a mais importante?

(A) Certamente a primeira coleção foi uma coleção doada de governos, digamos assim, coisas até de cunho até um tanto político. A coleção de conífera era uma das coleções, digamos assim, em termos de mais alta, mas representativa quando eu cheguei aqui. Isso, obviamente 75. Outras coleções também doadas, que foram uma coleção de eucalipto, essa cresceu tão rapidamente quanto mais a que estava em termos de volume de madeira. E a coleção mais importante que eu destaco de um bom tempo pra cá e que teve, talvez, participação de gente que colaborou é sem dúvida a coleção dos cactos. Essa parte teve contribuição de um escultor chamado Xico Stockinger, que desprendia veículo, custas, horas, não dispensando feriado, Natal, Páscoa etc pra busca dessas plantas. E também investigação. Era um colecionador particular, mas que destinou horas e recursos por Jardim Botânico, incalculáveis. E eu, obviamente, sou testemunho dessas jornadas e com isso

consegui, digamos assim, constituir uma coleção, digamos assim, adjunta ou paralela pro Jardim Botânico, haja vista que são plantas que felizmente têm dados, isso é uma coisa de cunho muito importante porque imagina naquela época, eu, natural de Marcelino Ramos vindo para Porto Alegre e trabalhar num Jardim Botânico, tive algumas contribuições de pessoas que disseram: “olha, tem que registrar, tem que escrever os dados.” E isso foi uma coisa assim, pro Jardim é importantíssima pro Jardim. Então assim, plantas que têm desde registros 77, 78, veja bem que já se vão lá praticamente 30 anos, e, obviamente, que algumas se perdem, outras estão lá ainda vivas. Então permanecem, digamos assim, quase que em cativeiro, parte fundamental da coleção, com muitos dados de pesquisa: observação, sobrevivência, cultura de outras plântulas, sementes e registros fotográficos.

(E) E qual particularmente é o teu xodó, aquela que tu gostas mais ou coleção ou local que tu possadestacar aqui do Jardim Botânico que tu achas que surgiu ou que existia, que tu achava que podia ter de novo ou não? Ou até pessoas que talvez tenham contribuído imensamente ai como tu já colocou algumas, né?

(A) Sim, essa parte das direções, essas partes dos pesquisadores, certamente, é uma decisão da pessoa, mesmo sendo, às vezes, de cunho político, administrativo ou botânico mesmo, de contribuir pra essa área. Eu particularmente assim, em termos áreas, essas áreas dos butiás nativos, que ainda a gente preserva aqui no Jardim Botânico, naquela época já tinha indivíduos que permanecem até hoje. Claro que o volume de trabalho certamente ele varia um pouquinho. Naquela época tinha uma grande tendência em ajardiná-los, ou seja, plantar. Hoje em dia tem muita coisa que tu tem que fazer um regramento, um manejo. Mas falando em manejo, essa área do caponete, que é uma área de menos de 13 hectares, essa eu tive uma ação muito individual e um tanto trabalhosa, principalmente na contenção de espécies exóticas porque eram um campainho natural, ela chamava. Então essa área, ela é importantíssima porque preserva essas plantas dessa formação de campo.

(E) Se tu pudesse citar alguma ação que tu aches que deveria ser feita com mais importância seria seguir essa área?

(A) Essa área sim, essa área ela demanda e demanda também a contribuição dos lindeiros, porque é ali onde tem uns testes que estão, digamos, disseminando sementes. Importantíssima! Também há contribuição de parceiros, gente desse intuito que esteja do outro lado e que possa ter uma boa relação de vizinhos pra que haja... propiciar o ambiente mais natural, mais de campo possível, entrada de luz, de vento e não ter espécie exótica próxima desse local. Uma outra coisa também que contribuiu bastante seria que mais as pessoas que trabalhassem aqui se dedicassem em termos de serviço de campo, ou seja, menos escritório e mais serviço de campo. Isso certamente ia ter uma outra contribuição.

(E) Não sei se tem alguém mais que queira fazer uma pergunta?

(N) Com relação às alterações de cultivo que ocorriam aqui ali na baixada do... nessa parte atrás aqui rente ao hospital...

(A) Sim?

(N) O que tu observou...

(A) Simples...

(N) ... com esse teu histórico, o que é vitecultivo, aquela parte...

(A) Falando ainda do Hospital Psiquiátrico, dito São Pedro, havia grandes lavouras de hortaliças: couve, alface, rabanete, beterraba pra fins de suprir a alimentação desse grande número de pessoas que estava ai e de outros próximos, como o Hospital São Pedro aqui da Avenida Bento Gonçalves e até alguns do leprosário de Viamão, lá de Itapuã. Tinha uma área que era uma baixada na área frontal do Jardim Botânico, onde hoje tem uma parte dessa coleção de palmeiras, essa era área baixa cultivada. Nessa área houve, eu diria assim, uma área meio de tensão porque houve um aterro, de maneira que casas de Petrópolis eram desmanchadas para começarem a virar os prédios e um dos locais era destinado o Jardim Botânico pra depósito de aterro. Com isso vinham materiais, até diria assim, não selecionados, materiais variados, como manilhas, como vasos, como... coisas que não deveriam vir pro Jardim Botânico. Mas como não existia esse cercamento, isso foi colocado e de tempos em tempos vinha um trator da SMOV e empurrava. Então, é uma área muito ruim porque é um aterro. Hoje em dia ela constitui parte da coleção de palmeiras. Então essa é uma alteração bastante desagradável pro Jardim Botânico.

(N): E com relação às bacias hidrográficas e os arroios, existia algum tipo de...

(A) Sempre existiu...

(N) ...era natural?

(A) Depende. Isso sim já caracterizava o Jardim Botânico, sempre ter uma vertente, uma área úmida e a vasão dela, que sempre foi uma coisa que nos preocupou e até então ainda tem um valo, um dreno muito grande, uma caixa d'água com vasão pra Perimetral e saí no Riacho Ipiranga. Então há essa informação, é, nitidamente, afirmada uma vertente de água dentro do Jardim Botânico.

(N) Está localizada a onde Ari?

(A) Eu diria assim, abaixo do lago lá entre o antigo Hospital São Pedro e a área frontal do Jardim Botânico.

(N) E depois com o abandono desses cultivos a vegetação continuou a ser...

(A) Ah sim, como o cultivo foi diminuindo a vegetação começou a tomar conta, digamos assim. Ou seja, aquela velha história com o mato avança sobre... os gramados sobre o campo. Então, espécies como, principalmente, ligustro, que aparece disparado em maior número nessa área, ele se adensou. Contribuição de nativas: o angico. E ai começou a surgir uma série de outras espécies formando mais uma massa verde até então um tanto respeitada por causa de ser árvore. Mas hoje em dia está com tendência de a gente fazer um manejo e implantar a vegetação característica de sua região naquele local.

(N) Eu acho que isso daí é interações de fluxo urbano, de movimentação de carros... como que era...

(A) Comparativos?

(N): ...essas... a Cristiano Fisher, a Perimetral?

(A) Vias de acesso então assim...

(N): O Jardim Botânico era num lugar isolado na cidade?

(A) Ele era um tanto... relativamente isolado, formando esse isolamento, sabe, parecido com o tal de Mato Sampaio, que era, digamos assim, ao norte da Cristiano Fisher. A sua área frontal, a Av. Dr. Salvador França era meramente uma rua de paralelepípedo, embora já tenha sido estudada já por um arquiteto a mais tempo que seria um traçado de uma avenida. E esse é o acesso principal. Essa avenida, logo após conclusão, ela tornou-se rapidamente, digamos assim, muito utilizada ou adensada até, de maneira que hoje em dia, em certos horários, já causa alguns congestionamentos. Cristiano Fisher, uma outra avenida nos fundos do Jardim Botânico e Ipiranga, quase que também lindeira com o Jardim Botânico. Então veja bem que ele está situado num bairro que o próprio nome é Jardim Botânico, junto com Petrópolis, mas 3 avenidas o cercam.

(E) Eu acho que é isso daí.

(A) Não, não, vamos perguntar mais coisa porque a gente fala de um jeito de cada um, mas a gente quer esclarecer pra comunidade principalmente.

(E) Em termos de estrutura Ari, a estrutura física do Jardim Botânico, quando tu entrou aqui tinha o prédio principal, ele já era destinado à Fundação Zoobotânica ou ele ainda era ocupado pela TVE?

(A) É. Então assim, o que existia, na verdade, de estrutura física de prédios, digamos assim, pra ser mais especificamente, eram dois, um a portaria, que servia de portaria, que servia de locais para missa e que servia pra outras coisas um tanto pior. E o prédio principal que era a TVE, pra ser a TV Educativa com, digamos assim, um problema jurídico, portas lacradas, não podia entrar, um galpão também com portas lacradas por causa de problemas de justiça. E ai não se tinha acesso. O que que nós tínhamos? Era então a portaria e esse prédio que até hoje é meio que histórico, vamos dizer, e não, digamos assim, apropriado pra essa instituição.

(N): Nessa época ele estava em construção ou ele já está (vozes sobrepostas).

(A) Nessa época já estava em litígio, já estava parado.

(N): Parado, quer dizer?

(A) Interrompido, ou seja, o dono da...

(N) A obra parou?

(A) A obra parou e ficaram várias lajes que seriam pra montagem dos prédios em vários pontos do Jardim Botânico, vários depósitos de brita, de, digamos assim, de seixo de areia, no final, materiais que eram pra dar sequência a esse prédio. Houve um certo abandono, uma esperteza do dono, do construtor que abandonou.

(E) E esse anfiteatro que existe ali? Como é que se deu a...?

(A) O anfiteatro, eu diria assim, uma situação que surgiu, mas antes do anfiteatro eu devo fazer um comentário que num determinado tempo esse Jardim Botânico ficou um período de alta-tensão, principalmente, pelos seus servidores e muito mais do que administravam e gostam do Jardim Botânico, porque surgiu uma notícia tipo uma manchete que queriam fazer centro de convenções nesses locais. E ai sabe que um centro de convenções foge muito do que é Jardim Botânico. A alteração completa disso. E foi uma área que fez com que a gente pensasse muito se juntasse as pessoas pra tentar impor, ou seja, evitar que acontecesse isso. E felizmente isso não foi adiante. O anfiteatro foi uma coisa que surgiu, dai são aquelas coisas que quase que mais política do que do intuito do interesse botânico, que surgiu de uma hora pra outra e foi constituído. Esse também não teve a sua vida útil tão bem aproveitada e tão curta que hora está até interditado.

(E) Figuras assim interessantes do Jardim Botânico? O Lutzenberger teve uma influência aqui no Jardim Botânico?

(A) Sim, sim.

(E) O escultor XicoStockinger.

(A) Citei XicoStockinger e citei 8 pessoas que faziam parte, que fizeram as reuniões pra que fossemos responsáveis pra constituir esse Jardim Botânico. E tive a chance de ir na casa das pessoas quase que, não vou dizer entrevistar, mas sim conversar com eles e convidá-los pra vir no Jardim Botânico pra falarem com o diretor, que era um naturalista, pra dar a sua contribuição como eles tiveram a oportunidade de ajudar o Jardim Botânico. E essas pessoas que constituíram a comissão pra formar o Jardim Botânico. Isso foi uma coisa que eu fui atrás e procurar os endereços daqueles que eu ainda encontrei. Felizmente que aconteceu isso, então faz parte do histórico do Jardim Botânico. Certamente, outras pessoas da direção, todos importantes, o próprio Lutzenberger com a sua contribuição por causa de algumas figueiras que estavam em cinamomos, mas em si o objetivo dele era por causa da espécie. Creio eu, né? E essas pessoas que, certamente, deram os seus louvores, suas horas, suas horas até pro Jardim Botânico, merecem muito e a gente, como passageiro aqui tem uma contribuição também a deixar pra comunidade.

(N): O Bruno Ivo que teve uma participação efetiva durante esse processo Ari?

(A) O Bruno Ivo sempre à disposição, uma pessoa assim, às vezes até lá na sua universidade quando a gente queria, seja um aparelho, um altímetro, seja uma bibliografia, uma pessoa que sempre destinou um grande zelo. E por falar nele, uma característica dessa pessoa que eu acho que tinha sido um dom, e isso também, às vezes nem é de todo mundo é de saber entender o que a pessoa queria. Isso é uma

contribuição sempre voluntária e de um valor enorme. Porque ele sabia entender o que a pessoa queria. Uma das últimas coisas que ele nos deixou aqui até então, digamos assim, foi uma coleção de bromélias. E após ter sido aposentado, coisa assim, deu mais contribuição em busca de palmeiras lá em São Borja, gratuitamente diga-se de passagem.

(N): Voltando um pouco ao histórico de maneira que o parque... em relação à movimentação de terra.

(A) Sim?

(N) Chegou a acompanhar processos desse tipo, de grande magnitude? Ou só relativo às construções?

(A) A observação que eu tenho, quando eu cheguei esses processos de terraplanagem que visivelmente notava-se no Jardim Botânico já tinham acontecido. Outros processos de movimentação de solo no Jardim Botânico, que sim, o maior que eu vi foi esse aterro que foi feito na Salvador França, como eu já citei na área das palmeiras. Outras movimentações, eu diria que foram de baixo impacto. O solo do Jardim Botânico tem algumas áreas que eu digo assim, um solo bastante bom e outros solos bastante saibrentos junto a vileta, junto a onde está a coleção de conífera tem um solo assim... bastante saibro. A gente cava por dois, três metros é uma tabatinga.

(N): E dentro do processo das coleções, da implantação dessas coleções, a maior parte delas tu participaste na venda ou coleta ou... da produção das sementes, do plantio.

(A) Perfeito.

(N): Como é que tu avalia esse trabalho hoje aí em termos do que se produziu ao longo do teu trabalho? Quantas coleções estão hoje no parque? De que maneira elas influenciaram também a mudança da paisagem do parque?

(E) Veja bem que, por exemplo, a gente começa, às vezes, juntando algumas plantas, junta um grupo de plantas, uma família e forma uma coleção de plantas. A gente, claro, que tinha o intuito de juntar plantas nativas do estado. Então assim, coleções de catastas, como eu já citei, coleção de gesneriácea que foi uma coleção que não teve um sucesso tão grande como as outras que ainda permanecem. Bromeliáceas, tivemos a chance de visitar quatro, cinco estados no Brasil coletando e aproveitando-se também de outras pessoas como Beto Ratigbake lá de Curitiba, pessoal de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo que deram as suas contribuições na nossa jornada de ir buscar plantas em outros estados por esse Brasil. Mas aqui no Jardim Botânico as que estão melhores, digamos assim, registradas e em cativeiros são as coleções de bromélias, as coleções de cactos, as coleções de orquídeas, que nos falta alguns dados por não ter especialista, coleção de samambaias, piperácea, arácea, coleção de iridácea e rilhaça está muito bem e uma outra coleção de planta que já falei também que essa é do arboreto, faz parte, é a coleção que está no mudário em anexo aos nossos setores.

(N): E Ari, eu queria te perguntar uma coisa pessoal.

(A) Sim?

(E): Em relação ao teu processo de aprendizado, de autoaprendizado como botânico, como é que tu avalia isso em termos pessoais? Esse teu crescimento e o conhecimento de botânica dentro daquilo que tu...?

(A) Eu dia assim que, talvez, o instinto, como eu me considero mateiro e um pouco entendido em botânica, já veio um pouquinho de berço em função de lidas de mato, lida de madeiras. Claro que naquela era uma coisa um pouco diferente, mas era derrubar o mato pra tornar áreas agriculturáveis e aqui foi uma coisa completamente diferente. Eu tive o acompanhamento do Professor Reis do Klein, do Dardaro, Hector Osório do Uruguai, Professor Dardaro lá do Recife, já falei Grinig da Alemanha, outros naturalistas daqui da Fundação Zoobotânica, envolvendo o Museu de Ciências e até pessoas da direção, de onde, certamente, eu contribuí com esse jeito, digamos assim, de separar uma planta da outra. Que o próprio Klain naquela época já me dizia: "Ari, tu tem que saber dizer o que que é uma canela e outra canela." Mas ele queria me ensinar a dizer assim, em termos de o que que é uma ocoteapulchella de uma ocoteapuberula. Eu poder dizer pra ele isso é uma canela (lagela), isso é uma canela (pulk) ou é uma canela amarela ou é uma canela preta. O que quer dizer isso em outros nomes válidos, digamos assim, que não tivesse dúvida amanhã ou depois. Então isso foi uma contribuição do Professor Klein que trabalhou aqui bastante em projetos. Outros pesquisadores também. Eu tive esse aprendizado. Então, nesse contexto, eu considero assim que como técnico da Fundação Zoobotânica, uma contribuição bastante grande pra essa instituição.

(E) Também acho.

(A) Vamos pra algum ponto, botar num patamar aí, às vezes a gente acha e outro não acha, né?

(E): É, muito bom. E pro futuro Ari, como é que tu vê essa mudança que está acontecendo hoje no Jardim Botânico com essas novas perspectivas de entrada de funcionários? Os novos tempos.

(A) Vejo uma ótima contribuição dessas pessoas que está alicerçando. E também, eu acho que devo dizer, claramente, que fiz uma opção de voltar atrás e ficar com esse grupo de pessoas porque são pessoas muito intencionadas na botânica. Isso, eu não tenho a menor dúvida. E como, digamos assim, nesse setor houve uma injeção de um belo número de pessoas entendidas, foi o que me fez que eu ficasse mais um tempo nesse Jardim Botânico. Por falar em tempo, considero que devo ter mais uns 15, 18 anos por aí de contribuição direta, assim como venham a fazê-lo. O mesmo acontece em serviço de campo, como em manejo, em contribuição com os colegas e, eventualmente, até dando um palpite em que tipo é isto. A contribuição do Jardim Botânico, ela ora passa por um processo assim de aperfeiçoamento, eu diria assim, de um manejo mais direto. E uma contribuição que eu tive foi que as pessoas disseram que vão fazer assim, um ____ (38'40") de manejo das coleções. Ora, vejam bem, a gente mal conseguia constituir um ripado sombrite. Para constituir uma coleção, às vezes, comprava-se vasos de segunda linha pra montar essa coleção. Agora, nós temos assim, um plano de manejo das coleções, digamos, mais específico. Isso é um

determinamento, digamos assim, que vai ordenar bem melhor o manejo, ou seja, as lidas de coleções do Jardim Botânico. E que bom que essa coleção possa ir mais para o público. Ou seja, como é que isso pode acontecer? Em canteiros pro Jardim Botânico. Não num espaço de uma coleção didática onde haja visitaçã do público. Isso é uma coisa que nós temos que priorizar também.

(E) Trilhas guiadas talvez?

(A) Trilhas guiadas, eu diria assim, que faziam parte do ajardinamento por completo de toda a área do Jardim Botânico cercado. Ou seja, o Jardim Botânico tem que tomar posse e ciência e ajardinar essas áreas como um todo. Não, digamos assim, desmerecendo a massa verde que ele tem.

(N): E em termos de metas, o que tu vislumbracom de interesse pra o andamento desse trabalho que tu deixou aqui, tu visualiza a implantaçã de novas coleções? Que haja alguma transformaçã dessa vegetaçã atual pra um outro tipo?

(A) Sim, entendi. O incremento de espécimes, que é um indivíduo, digamos assim, espécies na coleçã é uma coisa importantíssima. E essa todo ano é contribuiçã do trabalho das coleções científicas. Então, entre esse processo de descobrir e usar esforços científicos de outros colaboradores e o próprio Jardim Botânico, com a usa equipe, fazer com que esse material chegue com os devidos dados, e plantar na sua devida área é uma meta que a gente tem que sempre buscar pra que haja menos espécies que a gente não conheça plantadas aqui no Jardim Botânico. De maneira que o Jardim Botânico é o centro de onde possam, as pessoas, futuramente, vir buscar essas plantas, que os ambientes naturais, cada vez mais, degradados.

(N) Vão desaparecer?

(A) Estão desaparecendo, tem muita cultura exótica, muitas alterações de ambiente.

(N) Mas a parte do manejo das exóticas, hoje, tu avalia de que forma? Se isso tu vê como uma coisa viável de transformaçã, de contençã da dispersã dessas plantas?

(A) Eu até diria assim, que em alguns locais a gente tem que usá-las como uma espécie, digamos assim, um leve sombreamento, uma leve adequaçã para propiciar o devido crescimentos de plantas que ora precisam de mais ou menos sombreamento. Mas é uma questã de manejo e de nós utilizá-las dentro daquilo que a gente pretende, mas que não são plantas tão importantes assim pro Jardim Botânico não.

(N)E dentro dos recursos humanos, hoje, que gerenciam a parte física do parque em termos de jardinagem dessas lidas mais cotidianas, o que tu avalias como que seria o ideal? Que tu percebes que se deveria ter de pessoas hoje pra...?

(A) Nós tivemos num período aí o Jardim Botânico tinha o seu quadro de funcionários 40, 50 funcionários. Eu, exatamente, hoje, não sei como ele está, mas devido à ampliaçã e os devidos cuidados que cada célula de serviço merece, e ai eu tenho um exemplo bem simples, bem nítido, compreensível pra qualquer pessoa, que veja bem, a horta de plantas medicinais, ela tem um funcionário. Digamos que ela tenha 200 metros quadrados, tem a coleçã das plantas envasadas. Para cada coleçã deveria

ter uma pessoa que tivesse um certo conhecimento e entendimento e um jardineiro auxiliando. Então essa questão de recursos humanos, ela, felizmente não é por falta de pessoas preparadas, mas no Jardim Botânico carece mais recursos humanos pra que possa desenvolver essa parte.

(N)E, hoje, em termos de Porto Alegre pro Rio Grande do Sul qual é a tua sintaxe do papel desse Jardim Botânico dentro desse trabalho de conservação?

(A) Olha, eu lembro de uma certa ocasião que o Jardim Botânico serviu pra vários municípios constituírem o seu próprio Jardim Botânico. O que que o Jardim Botânico de Porto Alegre propiciou pra eles? Num determinado período se preparou um grupo de plantas de várias espécies, digamos assim, um tanto estudadas e selecionadas para cada região para que cada município lá onde essas plantas, naturalmente, pudessem se desenvolver tinha uma espécie de Jardim Botânico. Então o Jardim Botânico hoje em dia é exemplo para o Estado do Rio Grande do Sul. Mas ele carece desses recursos humanos que hora não é por falta de pessoas preparadas. Digo novamente.

(N) Como é que tu achas que o estado poderia se apropriar dessa importância? O senhor vislumbra alguma estratégia para que isso seja promovido em termos de política estadual? O senhor acha que...?

(A) Eu acho que quando a gente mistura, digamos assim, a política com essa parte do meio ambiente nem sempre se tem um resultado muito feliz. Então assim, a torcida é que quando esteja uma pessoa que consiga conciliar essas duas coisas, conseguir recursos, e dar uma importância maior ao Jardim Botânico pra servir de testemunha pros outros. Mesmo para a população e seus municípios.

(N) Laura tem alguma?

(L) Não, acho que não.

(N) É, não vai passar a ____ (45'57") quer deixar mais algum registro (vozes sobrepostas).

(A) Ainda devo dizer assim, que uma das áreas que não tenha sido mexida e que talvez não seja, digamos assim, o topo do Jardim Botânico; porque a parte, digamos, que eu considero de topo, seja, a parte mais alta do Jardim Botânico, ela foi certamente de terraplanagem.

(E) Que é onde está o prédio aí?

(A) É, aqui junto ao eucalipto aqui praticamente, bem aqui. Então assim, alguns metros em direção ao Hospital São Lucas da PUC tem um cocuruto de morro que esse, provavelmente, não tenha sido mexido devido a seu relevo formação. Mas que ai há um grande trabalho e um trabalho meio que, digamos assim, mais de formiga, pessoas que tenham um entendimento, que passam saber exatamente o que que estão retirando nesse manejo pra deixar um topo de morro de vegetação ruprestre.

(N): Tem mais alguma coisa que tu aches pertinente Ari?

(A) Certamente, as pessoas que vêm ao Jardim Botânico levam muita coisa de boa, a qualidade do ar que eles respiram, saem daqui sem saber disso. Eu costumo levar até água do Jardim Botânico que tem um poço artesiano maravilhoso.

(E) Maravilha! Eu pra mim... se eu lembrar de alguma coisa... De repente vamos _____ um primeiro momento. Em cima desse material, com certeza, a gente vai...

(N): Na verdade esse é... a gente elegeu o primeiro (inaudível)...

(A) Sim, sim

(N) Pra poder avaliar como que seria. Até peço desculpa, a câmera estava com a bateria fraca, a gente conseguiu filmar algumas partes, a gente gostaria de ter filmado toda a conversa, mas depois acho que certamente a gente vai fazer um novo momento desse Ari. Depois a gente vai circular em outras entrevistas com outras pessoas, provavelmente a gente vai querer te ouvir...

(A) Sim, na compilação, tá.

(N): E talvez fazer uma coisa mais externa do parque também.

(A) Ah, com certeza. Eu tinha até pensado em uma ou duas áreas onde eu pudesse...

(E): Mostrar

(A) Mostrar, explicar e com certeza eu ia ficar um pouquinho mais _____ digamos assim.

(N) Pra gente fazer esse outro momento também.

(A) O Robson sabe muito bem disso porque já andou a campo comigo, sabia?

(N) Essa é a intenção do trabalho. Na verdade, agora a gente vai começar a editar as informações pra conseguir chegar naquilo que a gente precisa pra entender esse histórico do parque, e também coisas pertinentes, importantes, ou seja, fugir um pouco, talvez, da primeira pergunta, mas... porque... pra tentar também chegar em outras informações que tem a ver, ou tem relação, que tangenciam, de alguma forma, esse histórico.

(A) Deixa-me fazer um comentário com vocês aqui: vocês todos sabem que eu já estou aposentado, então eu já tinha feito uma opção de sair, depois fiz a desopção em tempo de voltar. E isso eu comentei porque veio esse grupo de pessoas contribuir comigo. Também eu, digamos assim, em termos de atividade eu ultimamente, e ai eu não sei se eu estou correto em dizer isso, o Robson pode me afirmar isso porque ele está me enxergando mais dia a dia, é que às vezes eu tenho desprendido mais das funções de ficar trabalhando mais direto lá com as plantas e sim migrado mais em termos de Jardim Botânico com seus 38, 40 hectares que seja lá, mas em se destinar mais esforço mais braçal, mais a campo do que mais lá dentro das coleções. Isso é uma coisa que de um tempo pra cá eu tenho me desprendido mais lá de cima. Obviamente, sempre quando tu saís de um lugar tu deixa vazio, falta alguém pra ficar coordenando. Então, estou tentando sempre acudir as plantas lá, quando chegam lá

está faltando de água, tem trocar de substrato, de embalagem, etiqueta, essas coisas assim. Mas, com certeza, o meu desprendimento ultimamente tem sido assim... é bastante grande em termos de volume de horas pro arboreto e tenha deixado, talvez, as coleções um pouquinho mais de lado. Isso é uma constatação minha. Até que ponto isso é muito bom ou não é, mas o serviço de campo, obviamente, eu sempre fiz, e não gostaria de parar porque é uma coisa que _____ (50'50"). Digamos assim, entusiasmado em termos de lida de campo e conhecimento e na busca de materiais pro Jardim Botânico.

(N) É, na verdade, eu acho que esse teu trabalho com as coleções, ele deve ser retomado na medida possível, que o...

(A) Mas também pode ser retomado com outras pessoas.

(N) O teu conhecimento, ele tem que ser difundido de alguma forma.

(A) Sim, sim, sim.

(N) Mais frequentemente com o pessoal, tanto com a equipe das coleções, como com outras pessoas no diálogo porque existe um tesouro que está dentro do teu conhecimento e que na medida que tu conversas com as pessoas tu vai expondo isso aos poucos.

(A) Vão trocando figurinhas, trocando dados, é isso.

(N) E aí tu vai revelando um pouco disso.

(A) Ah, com certeza, às vezes, é alguma coisa que tem assim, meio que... pra mim até assim, meio que parada ou não esteja alerta com as outras pessoas.

(N) Ele deveria estar sendo mais valorizado em termos de conhecimento botânico em si do que... não que não tenha importância o trabalho braçal que tu desenvolve ou oriente, ordena enfim, mas essa parte botânica que tu tens é primordial que o avanço, tanto das equipes aqui, internas pra que... do trabalho de cultivo, de ampliação das coleções. Isso passa muito da maneira que tu vais liberando a tua informação e vai construindo com as pessoas depois. Esse avanço, mas com certeza, e eu digo isso porque conheci alguns botânicos ditos acadêmicos que não reúnem tanto conhecimento prático com tu tens. Essa parte, ela tem que ser muito valorizada e colocada pro público. Essa é a intenção do nosso trabalho com essas entrevistas, né, na medida do possível também, quem sabe avançar no trabalho específico contigo em outros momentos pro futuropra que a gente consiga ir traduzindo isso, colocando no papel, colocando em forma de vídeo, áudio e etc.

(E) É, a gente sabe que muitas das coisas, das pessoas que viveram, da contribuição que as pessoas trazem pro Jardim Botânico não está nos livros de história que contam a história do Jardim Botânico e sim na memória dessas pessoas que vivem, que contribuem de uma forma ou de outra pra o Jardim Botânico ser o que ele é hoje. E toda essa transformação que ocorreu e que continua ocorrendo, né? Com pessoas que vêm novas, as pessoas saem, governos que entram, governos que sai, uns contribuem mais, outros menos. E também a valorização dos profissionais que

trabalham aqui dentro do Jardim Botânico. E eu acho isso fundamental. E eu sempre falo isso porque às vezes a gente acha... muitas pessoas pensam que um funcionário, ele saiu, hora entra outro e tudo bem. Não tá tudo bem porque essas pessoas têm em si um conhecimento que está armazenado somente na memória delas muitas vezes. E por isso a importância de se fazer, de se ter um registro dessa memória pessoal, que é a memória, não só dos funcionários e de pessoas que de uma forma ou de outra trabalham ou contribuem pro Jardim Botânico, mas a memória viva do Jardim Botânico.

(A) Exatamente, falou tudo agora, memória viva. E eu presenciei muito desses atos, desses dia a dia de uma série de pessoas que já passaram por aqui, outras que estão contribuindo ainda e até assim, almejam algumas coisas de pessoas que possam vir além e contribuir conosco porque se o arboreto tem 40 hectares, se nós temos, digamos assim, 60% dele usado, ajardinado, esses outros 40 precisam, digamos assim, de mais um grupo de recursos humanos pra que possam tocar essa parte. Isso é um exemplo nítido. Assim como eu falei: visivelmente que enxerga aqui que o terreno houve uma terraplanagem, a gente enxerga que há uma área que tem que ser beneficiada.

(N) Maravilha Ari.

(E) Eu acho que é isso aí. Agradecer desde já.

(A) O agradecimento é mútuo e não é único, é nosso, esse agradecimento eu divido com todos vocês presentes e com quem possa usufruir isso.

(E) Grande Ari, valeu.

(A) Orlei, esse é o cara, surgiu...

Entrevista Aldo

Tempo: 40'27"

(A) O meu nome, vocês já sabem: Aldomilton Santos da Silva, formado em técnico nível médio em Viamão e trabalhei na Prefeitura Municipal de Porto Alegre por um ano e nove meses, na SMAM, da SMAM então que eu fui entre aspas "meio convidado pra vim trabalhar aqui." Desde então essa data aí de 3 de abril de 78 eu trabalho no Jardim Botânico. Daí, eu ingressei nessa data trabalhando no parque, área de parque. Naquela época nós tínhamos mais ou menos uns vinte funcionários, vinte e poucos. Dai tinham várias categorias, tinham... Ah, 4, 5 anos depois já entraram os primeiros terceirizados. Acho 82 por aí, 83. E daí, eu entrei como chefe do parque na época, e só trabalhava na parte do RH era a Rosa Maria. Você já, talvez, tenha conversado com ela, e o Ari. Era eu, a Rosa e o Ari. Praticamente a direção e a secretária. Éramos em 5 pessoas. E daí a gente fazia de tudo um pouco. E tinha o almoxarifado que funcionava num galpão de obras que tinha ali, chamava meu escritório e do Ari, o almoxarifado, refeitório dos funcionários, tinha um banheiro ali, tudo. Sim, o pessoal tomava banho, né? Feminino e masculino. Era tudo desse galpão que tinha ficado da

obra da antiga TV, nesse prédio que foi construído pra utilização da TVE, canal 7. Daí então passaram-se os anos ali, começaram a ingressar mais funcionários, principalmente da área técnica. Aí teve um rapaz que é de São Sepé que trabalhou conosco um ano e pouco, dois anos acho, e um engenheiro agrônomo. Daí depois da saída dele, no lugar dele entrou a Cristina. A Cristina entrou em 80, dois anos depois que ele ____ (2'44"). E aí depois começaram entrar mais uns aí, 88 parece que foi o ingresso do Luiz Carlos e a Maísa. Foi, praticamente, a última chamada sem concurso. E depois teve a constituinte e tal, daípraca só com concurso. Então, praticamente, foram os últimos funcionários que entraram não concursados. Até então não havia concurso para o ingresso. E daí a gente fazia o que dava, né? Apesar se fazia bastante. Eu acho que a gente até trabalhou bem.

(E) Como que era o Jardim Botânico nesse período aí?

(A) Não, o Jardim Botânico nesse período é assim: na entrada da portaria ali só tinha calçamento até mais ou menos a metade da subida da lomba ali. Da calçada pra cima não tinha nada. O estacionamento, esse que tem ali hoje não existia, aquele ali. Aliás, não existia, praticamente, nenhum estacionamento. Era só poucos lugar pra colocar carro, que era na frente desse galpão, que era área de serviço. Aí, depois com o tempo foi construído, com os nossos funcionários nós calçamos a outra parte da outra metade dessa rua que dá acesso aqui, com os paralelepípedos conseguidos através de doação pela Prefeitura de Porto Alegre, SMOV, os paralelepípedos. Na época não existia aquela perimetral, né? Onde tem a perimetral, na frente do Botânico tinha uma feira livre, uma feira livre na frente. Antes da feira nós largávamos o material, resto de poda e material todo nessa... atravessa a rua e largava lá que a Prefeitura recolhia. Era tipo um lixão. Assim, não juntava muito material, mas a Prefeitura toda semana recolhia e nós sempre aproveitava naquela ali, com a permissão da Prefeitura, lógico. Aí, depois com o tempo nós... a gente fez uma terraplanagem naquela área onde, hoje, tem aquele poço artesiano. E nessa terraplanagem, a gente... a Prefeitura colocava aterro pra nós lá no fundo, daí nós largávamos nosso material lá e ia tudo pro aterro. A máquina vinha uma vez por semana. Tem um portão ainda lá na frente, grande, não sei se já viram. Tem um portão de acesso e a máquina espalhava material. E á onde a gente largava esse material que hoje já fizeram uma faxina, mas muito tempo ficou abrigado por aí no meio dos matos aí. Que não da minha época felizmente. Então isso aí é uma coisa que, na verdade, com a vinda desse pessoal agora que estão aí foi um ganho pra nós porque eles estão trabalhando esse material, que há um tempo atrás a gente já fazia essa compostagem, né? Então pra nós não chega a ser nada de muita novidade, mas claro que hoje em dia o processo já é mais trabalhado, tem um agrônomo que parece que é um estudante de agronomia que é estagiário, está trabalhando aí com o Valnei e tal. Um bom trabalho. Mas eu acredito que o Jardim Botânico perdeu muito de uns tempos pra cá. Acho que até com aquela lei Brito da perda dos funcionários, nós perdemos mais ou menos quarenta e poucos funcionários pela Fundação. E já não tinha... já estava meio desfalcada, perde 40 funcionários é um baque, né? Então, eu acho se perdeu muito nisso aí. E muitos funcionários que também trabalhavam na casa e logo depois no governo do Olívio teve concurso muitos ingressaram e a maioria já saiu em busca de melhores salários

em outras instituições. Então uma perda grande de pessoas qualificadas. E naquela época, claro que com mais funcionário tu conseguias cuidar melhor todas as áreas. Tinha lugares, canteiros com flores até porque as árvores também não eram... ainda eram novas, né? Bastante canteiros com flores, floridos. Todo ano se plantavam muitas espécies no parque, eram bem cuidadas, aquela coisa toda, né? Então, eu acho que isso aí, hoje, deixa um pouco a desejar porquê... Um pouco é a falta da mão de obra. E também, a gente não pode culpar só a falta de mão de obra, acho que a gente também peca um pouquinho, ...motivos também a gente acaba pecando muito. Às vezes, a gente... o elenco de funcionários, mão de obra braçal aqui é muito pouco, né? É bastante reduzida. E aí acaba... Eu acho que as chefias acabam, às vezes, ficando até meio... Ah, sei lá. Ficando assim, sem muita atividade porque se naquele tempo, 3 funcionários, nós tocávamos, praticamente, a casa toda. Muitas facilidades que têm hoje não existiam naquela época. Não se tinha, praticamente, celular pra se comunicar com o pessoal, não se tinha... É, um monte de coisa não se tinha hoje, né? Então acho que... eu acho... eu, no meu ponto de vista os técnicos do Jardim Botânico poderiam ser mais bem aproveitados. Com certeza. Pra mim é uma parte... é, eu sei que é bem delicada, inclusive, falar, por isso, mas eu acho que é delicado, mas é um fato real, né? Que eu percebo. Tem gente que... acho que um bom técnico, ele toca o serviço aí 20, 30 pessoas tranquilamente, sem problema nenhum,

(E) E me diz uma coisa, quando tu entraste no Jardim Botânico, a parte ali de lagos que existia, qual...

(A) Lagos já existiam os dois lagos, esse aqui e aquele lá embaixo.

(E) E aqueles banhados também, não

(A) Banhados... existiam mais banhados, que lá no banhado era limpo, né? Era um banhado um pouco mais limpo. Uma vez até da vegetação.

(E) Era maior?

A) É. A vegetação tomou conta e tinha uns projetos pra fazer alguma coisa lá, áreas de... como diz? Pontes aéreas e coisa pro pessoal visitar mais dentro da área do mato, mas é tudo... muita coisa fica no papel, né?

(E) E antes de tu vir trabalhar aqui no Jardim Botânico, tu já conhecias o Jardim Botânico?

(A) Eu, praticamente, não conhecia. É que eu sou de Viamão, né?

(E) Tá certo.

(A) E eu estava em Porto Alegre há muito tempo, porque eu me formei com 22 anos na ETA e ingressei no Botânico com 25. Então trabalhei 2 anos na Prefeitura, mas não tinha ainda essa convivência com o Jardim Botânico. E a gente veste a camiseta, né? A gente veste a camisa, trabalha num lugar bom, é um lugar bom de trabalhar, um lugar que a gente não tem que estar... Só o fato de vir pra cá e exercer todas as atividades aqui dentro é bom, né? É, teve áreas que tiveram algumas puxações, tem árvores medicinais, uma melhora muito grande, funcionário praticamente cuida dali.

Mas tem muita coisa, acho, que deixa a desejar. São coisas que, às vezes, não depende nem de recursos, é uma coisa de organização. É tipo assim, a telha da tua casa, tu não podes deixar ela lá meses. Se tu não podes colocar uma nova recolhe a velha, né? Tipo assim. Então isso aí, acho que deixa um pouco a desejar. E dentro do Jardim Botânico, infelizmente, existe isso. E pessoas pra fazer isso tem bastante gente pra fazer isso. É que não... Só que a gente... como eu, por exemplo, hoje, não tenho... Não é o fato de ter chefia ou não ter, isso aí é coisa que menos interessa às vezes, mas eu acho que quem está na linha de frente teria que ir mais atrás. Acho que em todos os graus existem algumas falhas aí, corrigíveis, acho eu.

(E) E como é que era a relação com a vila?

(A) Com os funcionários?

(E) Não, com a vila que tinha aqui do lado? Tu tens lembrança quando foi que começou essa...?

(A) Boa. Tinha uma cerca ali, mas o pessoal de lá eram funcionários... eram os doentes, né? Que tinham ali. E tinha o pessoal que morava ali. É, boa até por ali, né? Porque ele vinha, a tendência era eles invadirem. Eles estavam invadindo um pouco. Então existiam várias interferências ali, mas aí é mais a parte administrativa do museu que fazia, a administração mesmo da Fundação. Então tiveram várias interferências, inclusive, casas ali chegaram a tirar o telhado, desmobilizaram, meio que mandavam os caras embora.

(E) Desses prédios que existem hoje ali onde é a FEPAM e aqui no meio, aqui entre os banhados tinha algumas construções aí? Te lembra de uma casa que tinha ali?

(A) Tinha, tinha uma casa aqui tinha. Aqui na ponta tinha umas casas também. Essas foram todas removidas.

(E) Mas tinham algumas coisas que eram do próprio Jardim Botânico? Tipo alguma casa que fizesse parte daqui do Jardim Botânico?

(A) Não, não, não, tudo casa das pessoas que moravam aí já e que construíram.

(E) Aquelas que a gente vê então, aquelas ruínas que têm ali no meio eram casas também de pessoas...?

(A) Ali eu não alcancei. Aqui no meio do mato?

(E) Não, no meio aqui...

(A) Não, ali onde termina a compostagem ali é, eram casas que tinham aqui.

(E) É.

(A) Ali parece que tinham 3 ou 4 casas. Era bem divisa, divisa porquê...

(E) Ou fazia parte do hospital?

(A) Não, não fazia parte.

(E) Não fazia. Nem do hospital?

(A) Nem do hospital. E aqui na parte da vileta também tinham... eu ainda alcancei 2 ou 3 casas ainda ali. Dizia que tinha um senhor que era funcionário daqui e tinha problemas mentais. O Casal, moravam depois ele... a esposa dele veio a falecer e tiraram ele dali e desmancharam a casa.

(E) E esse galpão onde era a administração, que tu colocaste é...

(A) Era de obra da...

(E) Existe ainda?

(A) Não. Esse já era... Aqui onde tem esse estacionamento ali, né? Era um galpão de obra mesmo, com madeira rústica, telhado de zinco, bem galpão mesmo. Ele foi adaptado pros funcionários usarem. E aí com o tempo a gente construiu aquela parte interna lá embaixo do prédio, que aí os funcionários do Jardim Botânico, inclusive, sob a minha coordenação naquela época, que aí dia de chuva a gente fazia a escavação e tirava o material e ia pra esse depósito, esse aterro lá.

(E) Quando tu chegaste então já foi começado a usar o prédio esse que foi construído pra abrigar a TV?

(A) Não, bem depois.

(E) Bem depois?

(A) Bem muito depois. E aí foi construída aquela sala. A gente comprava material com recursos das vendas de mudas que já tinha naquela época. Comprava tijolo pingado assim, ia lá olaria, pegava uma caçamba, uma camionete cheia de tijolo, comprava cimento, ia pagando, fazia...

(E) Se vendia muito mais mudas naquela época?

(A) Não.

(E) Ou não?

(A) Não se vendia mais, não era venda de muito mais muda. Acho que até hoje se vende melhor. Não, porque hoje também está na rede, tem outras facilidades. A gente tem uma variedade maior também de espécie, tudo. É, a coisa se organizou. No viveiro aqui, acho até que a gente está mais ou menos. Não posso dizer que não está. Está bem organizado até. Claro que eu não tenho internet aqui, né? Acho um falha bastante grande, mas... Dizem que não existe recurso pra comprar o tal cabo ótico, esse aí. Então eu, por exemplo, não uso internet porque eu não vou usar internet lá na sala dos outros que estão usando. Não colocaram pra mim, eu me nego a usar. Sou um pouco radical, né? Mais ou menos. Ai eles perguntam: "coloquei no e-mail lá," "Que e-mail?" "Tu não abriu e-mail?" "Ah, faz uns 3 anos que não abro e-mail." Faz parte.

(N) Como é que era essa história da feira livre Aldo?

(E) Feira livre?

(N) É.

(A) A feira livre era a feira modelo que a Prefeitura tem em vários locais da cidade. E aí quando... aquela faixa ali era toda... quando não era a Perimetral era, praticamente, duas pistas, só que era usada uma, a antiga, né? Faixa velha. Então sobrava a metade daquele lado todo ali, era todo livre. Daí eles aplainaram ali aquela... bem na frente do Botânico. E tinha um baita de um feirão ali. Funcionou uma porção de anos ali.

(N) Era como o Brique hoje, assim?

(A) Não, não, não, feira de hortaliças, hortifrutigranjeiros. É, hortifruti.

(N) Alguma parte era produzida aqui?

(A) Não, não, não, nada a ver com o Jardim Botânico. Eram pessoas que... tipo esses feirões que tem, feira modelo da...É organizada pela Prefeitura, né? Ou fiscalizada pela Prefeitura.

(N) E isso durou...? Tem ideia quanto tempo?

(A) Durou uns 3, 4 anos, acho, por aí, 4, 5 anos. Não me lembro bem disso aí. Ai com a Perimetral, ele teve que... Acho que essa feira ainda existe numa daquelas ruas ali. Não sei se é Itaboraí, por ali. Acho que ainda tem essa feira aqui nas proximidades. E quanto ao terreno, eu acredito que muito pouco foi mexido neste terreno aqui, principalmente, nessa parte de lomba aqui, praticamente, só tem aquelas ruazinhas ali que as mesmas que têm desde que eu vim pra cá. E no Minhocão lá, aquela área que a gente chama de Minhocão, lá sim, lá foi colocado bastante aterro. Mas eu não alcancei, não alcancei essa época. Lá foi feita terraplanagem, colocado material.

(L) A venda de mudas sempre foi aqui? Ou era em outros lugares?

(E) A venda de mudas era aqui dentro do viveiro.

(L) Era mais pra trás?

(E) Não, na verdade, ela começou fora do viveiro, mas a gente tinha uma... tipo de uma banca, entende? Até a armação de ferro é essa que tem aqui atrás. Era uma armação de ferro e a gente levava as mudas daqui pra vender lá na frente. Ali onde tem a... na frente do jambolão mais ou menos por ali. Perto daquela figueirinha que tem lá, bem na frente da rua assim quase. E ali nós expúnhamos as mudas ali e vendia ali. Até era bem mais interessante porque o visitante chegava, estacionava o carro dava de cara com as mudas. Só que é mão de obra carregar e... Tinha que ficar um de plantão sempre lá. Aqui também fica, o Júlio fica aqui direto, mas ali tinha que ficar molhando de mangueira.

(E) Como é que era a visitação nessa época que tu entraste aí? Tinha acompanhamento? Tinha...?

(A) Acompanhamento?

(E) É, se tinha...

(A) É, na verdade nós, além de... que a gente fazia tudo no parque, a gente também dava treinamento pros professores. As escolas desde essa época já tinham um treinamento para os professores trazerem os alunos. Então eles vinham, marcavam a visita, mas tinham que ter o treinamento. Então os professores que não tinham treinamento, praticamente, ficavam na sobra. "Bom, se sobrar tu vens, mas a princípio atendia primeiramente os professores que tinham treinamento para acompanhar os alunos. A gente acompanhava também, né? Tinha mais ou menos... mas sempre tinha que de vez em quando acompanhava, não dava pra acompanhar muito também porque éramos poucos. Mais estagiários, às vezes apareciam alguns. E. então os professores tinham mais ou menos noção do que que eles vinham fazer aqui. Já desde aquela época. Já se passava alguma coisa também. Em seguida foi construída a escolinha. A gente passava com audiovisual. Alguém dava uma inicial aí antes de largar a gurizada na rua. Então nada é muita novidade. Teve uma melhorazinha? Teve. Até porque 35 anos tinha que ter, né? Uma melhorazinha.

(E) Espero que continue melhorando.

(A) Uma melhorazinha. Deixamos muito a desejar. Hoje, inclusive, na coleta do lixo da Fundação. Sabemos todos disso. Tem pessoal capacitado, está aí pra isso. Não sei a onde é que está. Cada um cuida da sua parte.

(N) Questão da fauna, e flora o... nativa. Como é que era antes?

(A) Praticamente como é hoje.

(N) Tinha o...

(A) Bastante animais, pássaros, aves. Inclusive, tinha na Fundação...

(N) Mas se perderam?

(A) Não, não, não. Acredito que não. Até, inclusive, tinha um rapaz que é formado em pássaros, conhecedor. Como é que chama? Orli?

(L) Ornitólogo.

(A) Ornitólogo lá do zoológico que vinha seguidamente fazer levantamento, fotografava, acompanhava. Tem livros aí que ele escreveu. Acho que ele até... parece que está ainda lá no zoológico se eu não me engano. É o Fosse, parece que é o nome dele. Fosse. Não sei se é Cláudio Fosse. Eu que ele está lá ainda no zoológico. Claro, que depois com o tempo vieram o pessoal que fez concurso, que está aí hoje. O nome dele o Lauro?

(N) Laison.

(A) O Laison, né? O Laison, essa coisa, sim. Mas sempre teve. O pessoal da UFRGS sempre veio fazer pesquisa, universidades, né? Geral.

(N) Cobras? Esse tipo de bicho?

(A) Cobras, lagartos.

(N) Isso tinha?

(A) Tinha, tinha, tinha.

(E) Hoje em dia nem tanto, né?

(A) É, tinha... mais era os refúgios, né?

(N) Em torno do parque não tinha muitas áreas naturais? Ou já estava bem urbanizado?

(A) Na entrada do parque?

(E) É.

(A) Não, entrada do parque... ah, aqui na volta sim, foi bastante urbanizado com o tempo. E aqui nessa da vileta aqui, esses prédios que têm ali, praticamente, todos nada tinha, nada. Desde lá da subidapra cá era tudo casas, casas velha e tal. Eles foram vendendo, não construíram, né? E o pessoal dá como referência o Jardim Botânico que está na frente do parque, como área verde, né? Tu abres a janela tu dá de cara com a área verde.

(E) Será que o parque está sofrendo influência com toda essa urbanização no entorno?

(A) Não. Eu acredito que não.

(E) Acabou ou já está acabando? Aumentar o calor? Ou prejudicaram, de uma forma, fauna, flora?

(A) Eu acredito que não. São residentes bem tranquilos. Foi melhorado também, que teve uma melhora muito... bastante grande foi o cercamento da área, né? Que isso aconteceu fazem o quê? 8 anos eu acho. Bem recente. Porque até então ainda era o alambrado de tela, né? Era um telado. Tela bem grossa, alta tudo, mas com o tempo. O tempo pegou e vai... e o pessoal abre, abriam pra entrar. O pessoal, aqui usava, gostavam muito de coloca os cavalos pra pastar. Lá na vileta também. Dai tinha que estar toda hora lá se incomodando por esse pessoal, carroceiros.

(E) E tinha alguma sanga, algum riacho que passasse aqui por perto?

(A) Tem aquela parte de baixo ali, né? Lá nessa área do banhadinho ali, uma certa época parece que... me parece que tinha mais. O córrego era mais fortezinho naquela época. Inclusive, lá onde tem o poço artesiano, lá bem próximo ali, tem um canal que passa embaixo da perimetral, que pega a desembocar pra cá.

(L) Esse poço já existia quando o senhor chegou aqui?

(A) Não, esse poço foi construído bem depois.

(L) É, foi depois?

(A) São dois artesianos.

(L) O senhor participou quando escolheram o local?

(E) Sim, sim, sim. Quem participou mais efetivamente foi a Rosa. A Rosa sabe bem. São dois, né? Um lá que funciona e tem outro desativado lá embaixo perto do composto.

(E) E pra que são usados esses poços atualmente?

(A) Olha, ele abastece praticamente toda a casa. Se nós fossemos só a água do DMAE hoje pra manter essa casa ai nem sei quanto, não sei...

(E) Claro, a rega, então...

(A) Tudo. Viveiro usamos direto, né? A gente tem irrigação automática. Usamos direto. A nossa salvação foi esse poço artesiano ai. E ele tem muita água, a capacidade dele é não sei quantos mil litros minuto. É muito forte, nunca fracassou.

(E) Tem alguma área do Jardim Botânico que existia, assim, e que tu achava boa, bonita, que tu gostava e que hoje não existe mais? E o contrário também, alguma área, hoje, que exista e que tu goste? "Poxa é área é maravilhosa!"

(A) É, aqui nessa área dos pinos, esse carvalhinho, os pinos ali, a ____ (24'10") é uma área bem interessante. Até porque eu trabalhava no parque ali, é uma área bem... ela tinha um tratamento muito bom. Tinha umas áreas, recantos, né? Tinham vários recantos, era bem interessante, bem cuidado. Bancos bem tratados. O pessoal gostava muito de ficar ali, principalmente, no inverno, né? Porque no inverno tu quer pegar sol, daí tinha os... pegava o sol bem de frente assim, área bem aberta. Era bem interessante. E o Minhocão também, aqui o Minhocão é uma área bem legal. Eu acho que, de repente, faltariam alguns bancos pro pessoal sentar. Eu trabalho, às vezes no domingo, sábado e domingo, a gente vê que o pessoal procura um lugarzinho pra sentar porque a umidade é grande, começa a caminharai... muita lombo, né? Sobe e desce, sobe e desce, quando tu vês. E outra coisa também que deixa muito a desejar é a visitação, o pessoal exige muito visitação nas áreas... a maior parte das áreas do Jardim Botânico ficam fechadas no final de semana. Muitas vezes até tem funcionários pela volta ai, mais não é aberta. Tem que olhar só pela rua. Gente que conhece outros jardins botânico que... as coleções são abertas, né? Ninguém vai roubar, sair com um cactus pendurado embaixo do braço. Abre pro pessoal olhar. Se a coisa é pública é pro público, né? Eu acho. Não adianta tu (traficar) um troço lá e coleção. Sim, mas coleção ninguém pode ver? Tudo mundo estranha essas coisas. Eu acho. Até porque se a coisa evoluiu, se pensamos pra frente tu tem que adaptar alguns locais pro pessoal ter mais acesso, né? Às vezes, vêm pessoas, vinham... seguidamente aqui, nós somos, na verdade, a reportagem ali, nós reportamos porque, às vezes, o pessoal vem "ah, mas só as vendas aqui aberta? E cadê o cactário? Cadê o não sei o quê?" "Ah, não tem, hoje não tem, tem que agendar." Aí tu tem que te desdobrar, né? "Ah, não dá, tem que agendar durante a semana." "Ah, mas eu liguei durante a semana e ninguém atende." "Ah, pois é..." E eu vou dizer o quê? O cara vem lá do Nordeste às

vezes, vem lá de longe. O cara está passando aí, ele quer visitar, né? Pagou ingresso. Por barato que seja, mas pagou quer conhecer, né? Ele não sabe se vai voltar aqui outro dia. Então isso aí, a casa deixa muito a desejar. Eu acho.

(N) E esse relacionamento Aldo, como tu observa esse relacionamento que tu tens com os visitantes que (vozes sobrepostas) as mudas?

(E) É muita cobrança, né? Existe muita cobrança. O visitante vem e cobra, cobra porque ele quer visitar o local, ele pagou. Ele pagou ingresso, ele quer ver bromélia. Aítu diz: “ah, tu vai na janela.” “Não, na janela eu não vejo bromélia.” Aítu dizes: “Ah, mas não tem ninguém pra cuidar.” Ai se sou eu até digo: “ah, então por que que deixou entrar no parque? Então não deixa entrar.” Tem pessoas “ah, eu não vim pra olhar mato, campo, quero olhar as coleções.” E aí? E eu estou aqui domingo trabalhando. Será que não daria pra, uma, duas vezes, que seja no mês, contemplar essas áreas? Não sei.

(E) O que que você acha que poderia melhorar? Isso já é uma coisa que fica evidente que poderia ser melhorado, mas algo mais que tu achas que poderia? De que forma poderia ser melhorado isso? O que você acha que poderia ser feito pra melhorar? O que pode ser melhorado no Jardim Botânico pra ele ficar especial?

(A) Pra ficar especial?

(E) Pra ele ficar um lugar do jeito...

(N) Contemplar essas demandas que as pessoas trazem.

(E) É.

(A) Mas ai que eu digo, deveriam trabalhar mais essa... pensar em dar um melhor atendimento aos visitantes. Porque o visitante vem aqui no Jardim Botânico, ele só entra nas áreas de vendas. Não tem mais nada. Lá no museu ainda tem, aquela área do museu ali e coisa, tem lá embaixo pra eles se aquecerem. Tudo bem, alguma coisa eles mostram, trabalho deles, mas mostram. Claro, não vão mostrar o viveiro de mudas, que ali área de produção de mudas, não interessa, mas estou mostrando as mudas prontas que estão disponíveis, inclusive, pra venda, né? É o meu trabalho. Agora, por que não adaptar essas coleções? Nem seja: “olha, quando tiver 10 pessoas circula lá, olha e deu.” Mas ai uma pessoa fica por ai se for o caso. Isso são coisas a pensar, de repente, pro futuro, né? Não vou dizer venha uma escola aqui com 50 alunos que vá entrar aquele bando ali. Não. É o mesmo caso. Não, entra 10 de cada vez.

(E) E alguma vez já houve visitação nesses espaços que hoje não existe visitação?

(A) Aqui no viveiro já. No viveiro já. Nessas áreas também já umas certas épocas, dependendo da direção, dependendo das cabeças das criaturas que estão por ai eles “ah tá, entra cada dez de cada vez.” Tem gente ali, não custa, né? Deixa entrar dez de cada vez. Veio um colégio lá do interior “bá, mas eu queria conhecer.” Oportunidade, né?

(E) Por falar em direção, em pessoas, tem alguma pessoa que você lembre que tenha sido um grande benfeitor, um grande amigo do Jardim Botânico?

(A) Ah sim.

(E) Alguém que você queira lembrar, citar de alguma forma?

(A) Sim, sim, sim, teve uma direção, umas direções muito boas ai. Inclusive, essa direção a qual eu entrei, que ficou 10 anos ai, era um botânico, ele era bem interessado. Era muito... aliás, foi o que praticamente idealizou tudo que está ai hoje. Então ele era uma pessoa, assim, bem... como é que eu vou te dizer? Ele era aberto pra ti trabalhar, ele deixava tu trabalhar. Que eu acho que a direção é assim, o papel dela é te orientar. “Não, fulano tal...” “Não, tudo bem.” Claro que alguma coisa que está demais ele vai lá puxa a orelha “ah, segura ai.” Eu me sentia muito à vontade trabalhar assim. Hoje, eu não trabalharia assim. Hoje, eu não conseguiria, talvez, trabalhar da forma que eu trabalhava quando eu ingressei aqui. Porque, na verdade, não sei se seria... é o meu jeito de repente, eu me acho, pelo menos, assim, bastante dinâmico, um cara de... não sou de estar sentado. Tanto é que a internet não está ali e nem me preocupei, né? Não sou assim de gabinete, sabe. Eu acho que o cara tem que... se o trabalho é rua tem que ir pra rua. Não adianta ficar sentado aqui e as coisas estarem acontecendo lá e tu não estar tomando conhecimento.

(E) E como era o nome desse?

(A) Albano Backes.

(E) Backes.

(A) De certo foi já citado por ai. Então, não sei se foi o tempo que ele ficou, mas ele idealizou. Ele era muito regrado nas coisas, mas te dava oportunidade pra ti fazer tuas coisas. Desde que nada absurdo o cara... E isso ai era muito bom, porque quando tu tem respaldo tu cresce, né? E aí quando, às vezes, ficava meio complicada eu cobrava dele, dizia: “olha diretor, o seguinte...” Ai fico mal, né? Se eu não conseguir fazer os camaradas, por exemplo, me obedecer e seguir a regra da coisa como manda o figurino, então ai eu abro mão do meu trabalho, né?” Ai ele “não, não, pode tocar que eu seguro e assino em baixo.” Tudo bem, ai fiquei 20 anos no parque, né?

(E) Já faz então?

(A) Quinze.

(E) Desde 78.

(A) Quinze que eu saí do parque. Agora em abril, eu fecho 35 de Jardim Botânico, 03 de abril. Aqui no viveiro já fui chefe duas vezes.

(E) Bastante tempo, né? Bastante coisa ai pra eles.

(A) Bastante coisa. É, tem muitas... muita vegetação aí, árvores, coisas que fui eu que... Aquelas palmeiras da entrada lá, eram 3 ou 4 só que tinham lá, as outras todas foram plantadas por nós.

(E) Não tinha quase árvore no Jardim Botânico?

(A) Não, tinha, tinha até uma quantidade mais ou menos, mas eram tudo novas, né? Hoje, árvore de 15, 20, 25 metros, eram árvores de 4, 5 metros. As avenidas, hoje, estão 15 metros, 20 metros, foi nós que plantamos. São 35 anos, né? Não é pouca coisa.

(N) E em termos de perspectivas Aldo, o que tu pensas?

(E) Concurso...

(N) Como é que tu avalia?

(A) ...brevemente. Se não abrirem o concurso aí bastante logo, meio rápido, a tendência é cada vez esvaziar a casa porque esse contrato de vocês vence em 2 anos. Um mais um, né?

(N) Vence em maio.

(E) É um, o primeiro já vai vencer em maio e aí vamos ter mais um ano só.

(N) A tendência é eles renovarem menos de um ano.

(A) É, aí vamos ter mais um ano pra abrir concurso, pra fazer toda a coisa, pra o pessoal se inscrever, pra sair não sei o que demora mais, no mínimo uns 6 meses. Então no máximo até o final do ano desse governo tem que ingressar gente aí, né? Que o pessoal está saindo, né? E mesmo, se eu sair no provento eu saio em novembro, 15 de novembro, com provento eu saio. Entendeu? Daí é menos um pra ficar aqui, menos um pra viajar com as coletas, que eu saio com as coletas, né? E ajudo na organização aqui. Tem o outro, tem o Jorge Groupon que trabalha na... que é o agrônomo, mas a gente trabalha junto, mas sempre tem menos um, né? Sai pra uma coleta, pô, sai dois fica um pra atender aqui e lá no fundo. Não tem como, né? E ali atrás a gente trabalha com (penado) com terceirizado, né? Então é complicado. O ideal é essa gente vir antes que a gente saia também, né? Até pra ter um treinamento. Que, hoje, tem locais aí que a gente vai e que... o camarada entra pra aqui. É difícil dizer pro cara "vai lá assim, assim, assim, tem tal espécie lá." E aí? Aí está o botânico aí que pode dizer.

(N) É difícil.

(A) É difícil, né? Até tu ir e pegar pique, pá! Eu estou há 15 anos só no viveiro. E tenho muito que aprender. Sei pouquinho. Porque é uma área muito extensa, muito trabalhosa, muita novidade, tu sais sempre tem coisa nova, sempre... E tudo, né? Época de coleta, pontos de coleta, o acesso, tudo. Entendeu?

(N) Mas nesse momento em geral, com esse público externo, nessas linhas de campo, a abordagem com o proprietário rural...

(A) É Bom. Isso aí...

(N) Isso é...

(A) É bem-bom. E até o Jorge aí ajudou a construir bastante coisa. A gente tem o...

(N) Tem uma rede de lugares no parque.

(A) Hum hum. A gente tem locais que praticamente já... pré estabelecido, lugares que...A gente até esse ano, dois anos pra cá a gente conseguiu visitar certos lugares que a gente não visitava antes, até por conta desses motivos, vários. E aí a gente está conseguindo até avançar mais nas fronteiras, principalmente, parte de fronteira que a gente não visitava muito. Dai de uns 3 anos pra cá, a gente tem ido bastante. Até porque teve um presidente que ele é... ele tinha uma relação boa em Uruguaiana, esses lugares aí. Daí, a gente andou visitando, fazia umas coletas pra lá. Bem interessante. Daí, a gente já fez algumas amizades, tem alguns pontos já pra gente ficar, né? Que às vezes, tu não tens hotéis perto, é melhor tu ficar numa fazenda, entendeu? Um agricultor ali, faz base ali e aí visita a região.

(N) Só um resumo então: em termos do parque, áreas que tu consideras mais alteradas, que foram mais mexidas?

(A) Mais alteradas?

(N) É.

(A) Olha...

(N) Tinha essa área de aterro lá embaixo.

(A) Área de aterro lá embaixo, é a área que foi mais... Acho que é das áreas que teve maior movimentação de terra foi aquele aterro lá embaixo naquela época. Porque o Minhocão já era consolidado, né? E a parte da ponta do Minhocão lá também foi bem trabalhada, colocada atenção, uma porção de espécies novas e tudo. Até porque com a saída da casa do homem lá conseguiu avançar mais e tal. Foi construído um banheiro lá que no fim está lá aquele monumento também que não serve pra nada, né? Que eu acho que até deviam dar um jeito de dar uma realçada.

(N) Subtraiu...

(A) Ahm?

(N) Subtrair ou recuperar.

(A) É, porque não tem como. Horrível, tu estás andando tu vêes um mausoléu, tudo arrobado. Mas nada é perfeito.

(E) Eu queria agradecer aí a tua entrevista, se tu quiseres dizer alguma coisa, agradecer alguém ou alguma coisa que tu queira mais aí pode ficar à vontade.

(A) Não. Eu acho que nesse tempo que eu estive aqui eu só posso agradecer porque aprendi, fiz a minha vida toda aqui. Então não vou ser um mal agradecido de sair daqui "ah, que eu não consegui, não isso, não aquilo." Tenho mais que agradecer porque eu consegui executar as minhas tarefas como técnico nível médio, né? Que acho que fiz um bom curso até, por sinal, naquela época ainda. E eu acho que... como

se diz, tarefa cumprida. Eu acho, da minha parte. Acho que se eu sair amanhã da Fundação eu que eu não deixo nada... não deixei nada a desejar, fiz, praticamente, tudo que eu gostaria de fazer.

(E) Isso ai. Muito obrigado.

(N) Obrigado.

Entrevista Pedro

Tempo: 55'23"

1ª parte.

(P) É, isso aqui foi um horto medicinal criado pelo Comim, né? Uma ideia de implantar um horto medicinal no Jardim Botânico, então foi implantada essa área aqui, um pequeno espaço, e ao longo do tempo a gente expandiu. Então foi feito com algumas espécies aqui. E depois quando eu vim pra cá eu expandi com plantas temperos, com condimentos. Na qual nós temos aqui as pimentas hoje, temos o açafraão que não tinha, a alfazema, o manjeriço. Isso aqui são plantas novas a erva varieira, o gengibre, pimenta, cebolinha, foi plantada novamente. E aí algumas aromáticas também que tinham morrido na época que vim pra cá em 2004, que eu assumi aqui, fiz uma reforma plantando mais plantas, umas que tinham morrido e outras que nem existiam, aproveitando já a expansão do espaço que foi aumentada a cerca.

(E) Desde dois mil e?

(P) 2002.

(E) 2002.

(P) 2002. Aliás, 2004.

(E) 2004.

(P) 2004, perdão. Eu estou com 2002 na cabeça, mas 2004 foi quando eu assumi. Já tinha essas aqui, o que era piperita, aumentei com poejo e hortelã, poejo e hortelã não existiam, foi uma planta que a gente ganhou lá do CAD, o Centro Agrícola da Prefeitura. Essa aqui foi ganha também é uma hortelã americana, roxinha, chamam de roxinha também. Essa inteperá aqui, quase não muito conhecida por nós aqui. Essa já mais comum que é a hortelã do campo, a spirulina. O levante já tinha na época. A caiana também veio lá do CAD, não tinha. Esse boldo já tinha bastante aqui. Melão também, uma planta que a gente não conhecia, melão de árvore que chamam. A ginkgobiloba também estava apanhando muito ali no meio daquelas árvores ali, então passei ela pro sol aqui, ela reagiu bem, depois fui tratando dela, hoje ela é uma árvore, bem-dizer uma árvore pronta já. Cai a folha no inverno. Alcachofra também que a gente ganhou depois, não se tinha alcachofra, physalis, o ginseng também. O ginseng veio esse outro também que é o balsamo canudo. A gente não conhecia, é uma planta mais ornamental do que medicinal, ninguém usa como medicinal, mas ela é um cicatrizante também.

(N) Como é a sua rotina aqui Seu Pedro?

(P) Ehm?

(N) Como é que é a rotina, hoje, de trabalho dentro do espaço do horto medicinais?

(P) É aqui é mais agora no verão a irrigação, a gente lida mais na irrigação, na adubação e na poda, procura podar pra ter espaço pra gente poder molhar a terra e botar o adubo. Então esse é o trabalho, capina, isso aí é a rotina daqui, tem que estar sempre monitorando isso aí.

(N) Nas outras estações muda muito?

(P) Nas outras estações muda, no inverno, no inverno mais, a gente vai podando ou fazendo mudas novas, botando no canto pra geada não matar pra gente sempre ter aquela espécie novamente. Então esse cuidado a gente tem no inverno, tem que ficar monitorando porque a geada mata muito. No caso jiló, a gente fica completamente sem o jiló no inverno. Mais algumas outras que eu lembro. Agora no inverno elas também se... A gente perde a espécie por qualquer vacilo que tiver. O balsamo é uma planta permanente, essa aí não tem problema, ela reage bem no inverno. As babosas também reagem bem no inverno. A mirra também, a (tetravene) suporta bem no inverno. O que mais eu posso falar? Ah, tem aquela que a gente perde também muito, fica um período sem ela que é a macela, macela quando chega a época de inverno a gente fica sem nada. Ela só dá na parte da primavera até o verão, terminou o verão terminou a macela. Tem essas plantas aqui também que é a celidônia, considerada um mercúrio, merthiolate, ela é cicatrizante também. E usam ela pra problema estomacal também. Eu não sei a quantidade, isso eu não sei, mas ela é uma planta muito importante. Ela tem dois sentidos, tem tanto pra externo como pra interno. Pinheira Santa, aqui também a gente só poda os galhos de baixo, deixa crescer pra cima que ela já é uma árvore arbusto mesmo, cresce bastante, então a gente não mexe muito nela, mais é adubo no pé, que a gente vê que está muito fraca a terra ali a gente bota mais. Pata de vaca.

(E) Medicinal e tem umas sornamentais também aí, né?

(P) Tem, tem, tem umas que é de enfeitar canteiro também, aquelas do papagaio ai é o andador. Temos uma planta japonesa também aqui, temos essa japonesa e tem outra também. Preciso me lembrar qual é a outra japonesa. E aqui o romeiro, a gente chama romem, dá uma sementinha pro japonês botar no arroz. Pegar outra japonesa ali também. A mais importante é essa aqui, é uma planta que ela é mais adaptada ao frio, não é muito do calor, no verão ela não é muito, mas aqui ela está se comportando bem, aqui debaixo da árvore. A princípio sim, né?

(E) Sim.

(P) Vamos ver com o tempo se ela vai suportar bem. Tem umas euphorbias também que são umas plantas venenosas, ela veio como fosse uma planta que eles usam muito pra derrubar verruga, da família da aveloz.

(E) Ela do o quê? Uma árvore ou é... arbustiva, ela?

(P) Ela dá um arbusto, se deixar ela vai com os braços retos assim, mas se cortar ela procura formar uma copada. Alecrim, temos 3 tipos de alecrim, temos esse aqui, temos o canforado e tem o outro que é novo agora e que eu não tenho bem informação sobre ele, que é o mesmo desse aqui. É um alecrim de espécie diferente, tem a folha mais larga.

(E) Mais larga.

(P) É.

(E) Bonito.

(P) São várias espécies, eu só tenho essas três ai que é o que a gente ganhou.

(E) E essa aqui que dá essas florzinhas?

(P) Essa aqui é a sete-sangrias, a sete-sangrias. Essa ai é uma planta também que ela não aumenta, é só dar uma podadinha pra ela não sair fora do canteiro e deixa ela florir que ela vem embora. Serve também pra ornamento. Tem manjerição, aqui tem manjerição doce, pra doce, chamam de manjerição cravo ou cipó cravo. Tem vários nomes que eles dão ai. Tem uma stevia também que é uma planta bem importante.

(E) Se usa nos adoçantes, né?

(P) Nos adoçantes, pra fazer aqueles... pra quem tem problema dentário, né? Usa muito. Tem umas plantas aquáticas também ali que é a cavalinha e o chapéu de couro. É uma planta que tem de estar bem na umidade, se for dentro d'água melhor ainda. Tem umas em pé que é da reserva do Ari. Isso ai por enquanto não é medicinal, a gente não informação medicinal delas. Mas é essa aqui e a cavalinha. Temos as urtigas também, que essas urtigas eu nem sabia que era medicinal, me trouxeram como medicinal, elas estão aí. Tem essa e tem a outra que ela termina também e só nasce no inverno. Essa é o contrário, não é do verão, no inverno ela fica bonita, nasce e já vem rápido. Esse aqui o (obutal de icrem) (9'00") a batatinha da raiz dele é pra temperar carne. Ele já veio buscar a dele, o gancho, olha lá a batata. Olha lá, a batata, a gente pica ela e bota na conserva, ai quando quiser temperar a carne vai lá pica, tira o caldinho dela e bota o bico por cima da carne.

(E) Maravilha!

(P) É picão, capuchinha também que ela termina nesse período, verão muito forte ela morre, isso ai é natural dela, não é que...

(E) Capuchinha, né?

(P) É. Uma planta que pode ser consumida a flor também.

(E) A flor, né? A folha também se consome da capuchinha?

(P) A folha, a flor.

(E) É?

(P) Pode. Menos a raiz, o resto aproveita. Tem cipó suma também, pouca gente conhece. A rapaziada gostava de fazer o tratamento da acne com ela, faz o chá e lava o rosto. Diz que funciona bem. Mas é uma planta que é pouco conhecida também e não se acha muito em qualquer lugar. A cavalinha é mais comum, dá _____(10'19") também.

(E) Essa é a cavalinha?

(P) É, essa é a cavalinha. Tem que estar sempre com umidade na raiz, né? Ela cria uma estopa aqui embaixo e em baixo sempre tem que botar água que é pra ela ir sugando, né?

(E) Sim.

(P) Se não fizer ai ela morre mesmo. Capim-vetiver.

(E) Uns moranguinhos ai também.

(P) É, isso ai é um moranguinho ornamental, não é...

(E) Não é comestível.

(P) Não, não, não. Não, se come também, mas ele é muito azedo, muito fortezinho. Mas é pra ornamento mesmo. Eu aproveitei as floreiras que estavam ai e plantei ele. Botei umas mudinhas aí e já pegou bem. Esse aqui é o falso cardamomo, diz que é muito bom também pra se comer frito. Não tem um gostinho muito bom, meio (pecubá). A gente tem uma águinha gostosa pra... mas agora ele está seco. Tem a lágrima-de-nossa senhora também, essa do pio rosário. Ela dá uma sementinha e cai por tudo e depois nasce, qualquer dia está nascendo, as mudas.

(E) Olha ai.

(P) Ela nasce por tudo ai, isso ai depois isso aqui.

(E) Oh, e dá em baixo, o grão dá em baixo.

(P) É, dá a raiz pra um lado e vira pra cá o lado da brotação e a raiz pra cá. Até em cima do chão assim ela nasce. A batata yacon aqui também. Tá meio feia agora. Às vezes sem quer, eu acho um... Essa é comestível também. É bom cortar na hora e já comer. Descasca ela que nem cenoura, e raspa ela e pode mandar, bem aguadinha, meio adocicada.

(E) Não precisa nem cozinhar.

(P) Não, essa não é de cozinhar. Tá com o aspecto meio feio. Se quiser provar a pontinha ai dela dá. É bem adocicadinha.

(E) Lembra cana, né?

(P) É.

(E) Cana-de-açúcar, mais macia, só que mais macia.

(P) É, a cana é mais doce, né?

(E) É, é mais doce é.

(P) Essa não é tão doce, mas é bom.

(E) Muito bom.

(P) Pouco é. Isso é inço também do campo, inço brabo e é uma planta boa pra botar no álcool pra infusão. E dá mel pra abelha também, as abelhas. Tem uma parte do litoral aí que eles extraem só do quitoco o mel. O mel é bem mais branco que esse nosso. O nosso é meio amarelo, né? Esse é bem branco. Eu tenho mel dele lá em casa.

(E) Deve dar bastante flor, na época da florada.

(P) É. Isso aí, melãozinho.

(E) E esse melão se come também?

(P) Come também, ele amadurece, ele fica um pouco maior, né? Agora nós tivemos um problema aí foi da peria.

(E) Ah, pois as preazinhas.

(P) A preá bateu aqui em tudo aqui. Agora, eu cortei ali, está a marca dela, onde ela passava. Vinha aqui pra comer as folhas e quando já não tinha mais folha já estava comendo o talo, roendo o talo de baixo.

(E) Nossa!

(P) Eu perdi muito aí, a rama, estava comendo, picotando. Não sei se é pra derrubar o próprio melão.

(E) O melão.

(P) ____ ali em cima, né? Aí ela rói em baixo, cai e aí ela vai e come o melão. A intenção dela é comer o melão também. Eu botei alguns presos aqui dentro pra gente poder tirar pra semente, mas no fim não tinha semente. Mas pega muito bem de mudinha, sabe? Tirou uma mudinha assim, planto é dois toque.

(E) Que maravilha.

(P) Não tem assim, dificuldade nenhum de pegar. Não é com a ginkgobiloba, a ginkgo biloba fazer a muda de galho já é complicado. Se não for na época certa ela não enraíza, ela não brota., não adianta.

(E) E esses aqui chamam de cordão-de-frade, né?

(P) Cordão-de-frade, isso mesmo. Esse aqui também, se tira esse coisinho aqui, às vezes tem um caldinho no tronco dele, a gente... esse é bem docinho.

(E) Bem bom cara.

(P) E losna, a gente procurou manter um pé só. Cheirosa. Jurepeba deixei dois pés porque já dava (inaudível) babosa. (Cipó mil homens) também. Ele sobe, isso aqui tem que... dá mais no meio do mato, então tem um lugar par ele ir se tramando e subindo. Então aqui tem dois pés. Está tramando aí, deve estar lá por cima já. A gente perde a folha também, quando chega no verão ele se entrega um pouco, mas depois na primavera ele brota.

(E) Maravilhoso Seu Pedro.

(P) Tá bom?

(E) Acho que agora vamos fazer a segunda parte então da entrevista lá na sala lá que é importante, mas o seu trabalho é, realmente, fantástico.

2ª parte

(E) Então vamos lá. Seu Pedro, eu queria o senhor em primeiro lugar se apresentasse, dissesse o seu nome, a sua função aqui dentro e nos desse a sua impressão desde o primeiro dia que o senhor chegou aqui no Jardim Botânico de como o senhor enxergava, o que que o senhor via, o que o senhor citava de interessante no Jardim Botânico e de toda transformação que o senhor viu ao longo desses anos que o senhor está aqui.

(P) Sim, eu sou o Pedro, eu vim lá do Itapuã, lá eu era agricultor e através de um tio meu eu peguei o serviço aqui no Jardim Botânico na época. E a gente chegou aqui num começo de trabalho que não estava nem parado, ele não tinha nem começado. Tinha passeios aí que não estavam prontos ainda, tinha gramados ainda também que não estavam prontos, A gente fez capinas, que abaixo do prédio mesmo tinha muito aqueles gravatá brabos ali. E a gente entrou fazendo isso tudo. Pedra, a gente passava também o rastilho tirava tudo. O calçamento ali que entrava na portaria, ele era até um certo ponto pra cima, não tinha mais, era um areião brabo. Na frente do prédio aqui que era também... era um cascalho, que eles tinham começado o prédio aqui e ficou muito aqueles calcareos junto com prego, furava muito os pneus dos carros. Aí o pessoal se queixava muito, né? A administração não era aqui. Nós tínhamos só o prédio lá embaixo que hoje chamam de cactário lá, né? Aquilo pra ali era a administração do Botânico. Tinha o diretor que era o Albano aí que veio coordenar o serviço do Botânico. E com o tempo veio evoluindo, a gente veio fazendo as coisas novas aí, calçamento aqui pra cima que não tinha, fizeram depois. E é o que a gente encontrou jeito.

(E) O senhor está aqui desde que ano?

(P) Eu vim pra cá em 76, janeiro de 76, 16 de janeiro de 76. Aí trabalhei 8 meses na função de servente, depois passei a jardineiro, aí comecei a fazer mais uns trabalhos de recorte de rua. Era meu trabalho. Corte de grama à máquina também. Ajudei muito a equipe de mulheres na época, que as mulheres faziam os canteiros de flores, que aqui tinha muita flor. Não é que nem hoje que mais é árvore. Naquele tempo era canteiros de flores, pra tudo que era canto tinha canteiros. Então eu era dessa parte também que ajudava muito elas. Fazia o recorte dos canteiros, virava a terra nos

canteiros pra fazer novos. Não tinha... carregava adubo no carrinho de mão pra botar nos canteiros, espalhava pra elas. Elas que passavam o rastilho, elas que faziam o plantio. Esse trabalho mais manual é que tocava pra mim sempre.

(E) Eram mais jardins mais baixo, plantas mais baixas do que propriamente árvores.

(P) Sim, sim, sim, é, árvores a gente recém estava começando a fazer covas pra plantar. Eles estavam ainda pegando semente pra plantar as árvores pra poder passar pro parque. Eles botavam nas bombonas, levavam e a gente plantava lá. Mas eram poucas que a gente plantava. Plantava esse ano, passava 2, 3 anos plantava mais. Não era assim, tipo de uma vez, já arborizar tudo. Não, era devagarinho, ia se criando o local: aqui as mirtáceas, aqui as plantas nativas. Então eles iam dividindo por etapas, pra ir plantando por etapas. E enquanto isso, a gente usava o espaço com flores, canteiros de flores.

(N) Como era a visitação nessa época? Tinha pessoas que visitavam o Jardim Botânico? Era um espaço aberto?

(P) Já era aberto, era aberto, inclusive, nem se pagava entrada na época, era franca. Então eles entravam no parque a vontade. Tinha já os vigilantes que cuidavam. A gente também trabalhava muito na vigilância aos fins de semana. Porque nos fins de semana é que vinha mais. Entrava mais visitante no parque.

(E) E esses lagos que têm ai, como é que surgiram esses lagos ai? Esses banhados ai? Sempre existiram ou foi uma coisa meio construída (vozes sobrepostas).

(P) Não, esse de cima foi construído assim, depois com o tempo que foram limpando por dentro, cortando capim, depois passaram, parece, uma máquina ali, há uns anos, há um pouco agora passaram uma máquina e fizeram como lago (no meio), fizeram a ponte. Mas a gente só tinha aquele lago lá embaixo. Era só aquele lá, tinha umas tartarugas, tinha umas carpas lá, cascudo. Tinha esses peixinhos assim.

(E) E esses dois banhados que tem ai, eles também sempre existiram?

(P) Não, aqueles ali de baixo não tinham, aqueles ali, eu acho que foi devido aquela represa de água que teve, que saía lá, né? Tinha um bueiro que saía pra rua. E naquela represa ali formou aquele lago ali. Nós tínhamos um banheiro que era lá embaixo, naquele lado ali era um banheiro um nosso, abaixo do outro lago ali. Com o tempo que foi... se formou. Não existia não.

(N) Como era essa represa? O senhor lembra ainda.

(P) Sim, ali era um banhado, tinha uma sanga, tinha uma sanga ali que passava ali, ai jogava num bueirinho ali e passava por baixo do chão pro lado da ESEF, pra lá que ia.

(E) Tinha uma sanga que passava ali?

(P) Tinha uma sanga e do outro lado da sanga até tinha um pomar, ali tinha uma casa de um...

(E) Tinha nome essa sanga? Não? O senhor não lembra?

(P) Não, não, não tinha não. A gente chamava só um arroiozinho que passava ali que ele vinha daqui de trás. Acho que é o mesmo que passa ali, só que agora ele se expandiu, né? Chegou ali embaixo e abriu, mas ele corria, corria sempre por ali.

(E) Aquele canal que existe ali, que é meio que um valo ali, será que era o leito dele que secou ou alguma coisa assim? Será?

(P) Eu acho que sim porque a água corria, corria por dentro ali. E agora ele tem uma época que seca, né? Ali passava sim.

(N) Além desse arroio, o senhor se lembra de outros cursos, outros riozinhos, arroios que tinham por aqui ou não?

(P) Não, não, eu me lembro só desse aí, só desse.

(E) E a relação com o entorno aqui do parque e essa vila que tem aí? Como é que foi (conhecer)?

(N) O hospital?

(E) O hospital? Essas... que não existe mais hoje. O que o senhor lembra dessa...?

(P) Ah, o hospital, na época ali era dos doentes mentais, né? Ali tinha muitos doentes mentais quando eu vim pra cá tinha. Depois foi tudo lá pro leprosário. Parece que ficou mais um tempo uma turma ali, mas tinha bastante sim. Eles fugiam, vinham aqui pra dentro do Botânico também.

(E) E tinha gente que morava aqui dentro do Jardim Botânico? Durante algum tempo houve isso ou não?

(P) Eu vi que tinha um senhor que morava aqui. Eu só peguei um senhor que morava ali. Mas antes morava mais gente também. Morava sim.

(N) Os prédios que já existiam naquela época eram esses que a gente tem hoje? A administração funcionava aqui em cima?

(P) Não, eu acho que administração veio pra cá, acho que o ano 84, 85, que eles vieram.

(E) E antes era a onde?

(P) Era lá no prédio da Mesbla.

(N) Que é qual o prédio?

(P) O prédio... não sei se é a antiga Mesbla.

(E) Lá no Centro.

(P) Coliseu, né? Que chamam de Coliseu.

(N) Era lá no Centro.

(P) Era lá no Centro. Quando eu entrei pra cá eu fiz a minha documentação lá.

(E) E a administração aqui do Jardim Botânico mesmo, que tinha aqui de prédio, a onde é que era? Não tinha isso aqui, né?

(P) Era... deixa eu te mostrar aqui. Ali, era no prédio lá embaixo, que tinha esse canteiro aqui. Eu tirei essa foto ai, acho que em 79. Eu me lembro que tinha uma portinha, agora não tem mais essa portinha que sai pra ai, né?

(E) Tinha ali o cactário.

(P) É, era o cactário. Na parte da frente era o escritório, onde tem aquelas mesas, por ali. Ali era da direção.

(N) Essa foto é sua?

(P) Essa minha.

(N) Do seu arquivo pessoal.

(E) Maravilhoso!

(P) E esse outro lado é onde eu entrei, eu estava com 2 meses de serviço quando eu terei. Eu entrei em janeiro e tirei em março. Fiz questão.

(N) Bem aberto lá embaixo.

(E) O prédio ali do Jardim... desse prédio que ia ser a TVE já existia, não? Isso aqui é aqui na frente.

(P) Não, não, estava desse jeito aí, todo aberto em cima. A gente entrava ali pra tirar o pessoal mal intencionado ali. Eles entravam lá pra dentro, era difícil naquelas galerias tu achar eles ali. E era um trabalho da gente, trabalhava na guarda no fim de semana era não deixar no prédio, mas era uma tarefa difícil.

(N) O número de funcionários era semelhante ao que é hoje?

(P) Aqui tem, outra foto ainda que era dali também que aparece o prédio. Vou te mostrar aqui. Esse livrinho aqui é novo, mas essa foto é muito antiga. Eu acho que essa é mais antiga do que eu aqui. Deve ser um ano antes de eu entrar. Esse rapaz que está em pé ai, ele trabalhou comigo, o outro já não.

(N) E quando o senhor entrou ainda era assim? Era bem aberto ali na frente do prédio.

(P) É.

(E) Só tinha os butiazeiros.

(P) Tinha butiazeiro e uma... e um muito gravatá lá embaixo. Ali era capim.

(N) O capim era alto.

(P) Era alto mesmo, ninguém cortava.

(N) Campo nativo?

(P) É, campo nativo.

(E) E o solo, pelo visto, bem saibrento, né?

(P) Hãhã. Aquele prédio tem paineira ____ que tem ali, eu não ajudei a plantar, mas eu fiz o buraco pra eles plantarem. O tal de ____ (10'22") parece que veio fazer aqui a cerimônia de implantação aí. E olha, não dá praeu abraçar hoje tão grande que é a paineira.

(E) Maravilhoso.

(L) Quando o senhor diz que o Parque era aberto pra visitaçã, não pagava entrada.

(P) Sim.

(E) Ele tinha cercas ou era que nem a Rendençã, ou Parcã? Eram parques...

(P) Não, ele não era aberto total, ele tinha uma tela, daquelas telas de arame.

(L) Tinha, mais um limite.

(P) É, que fazia todo esse contorno que hoje faz. Só que aquela tela ali, ela enferrujou com o tempo, era toda aberta, toda podre e nós tinha dificuldade até, porque, às vezes, tu queria mandar os caras se retirarem ou controlar quem entrava, eles entravam por aquele buraco, saiam por aquele buraco, tinha que cuidar que roubavam plantas também, botavam num saco e saiam. Então tinha que cuidar. Flor. Saiam por aquele buraco ali e tinha que "olha, tem um buraco ali, tem que vigiar mais aquela parte ali." Pra não deixar que saia ali ou que cuida aquela parte pra não entrar gente estranha por ali. Então isso era uma dificuldade nesse sentido. E ai depois foi feita essa tela nova aqui que agora não se chama de tela, é grade, né? Ai melhorou muito. Até pros guardas, né?

(E) E me diz uma coisa Seu Pedro, como era o terreno em si do Jardim Botânico? Foi, de alguma forma, modificado durante esse período? Passou patrola? Teve terraplenagem? Em que áreas teve mais modificação assim, que precisou ser feito algum tipo de trabalho de terraplenagem ou alguma coisa do gênero?

(P) É, na parte pequena que houve essa aqui que eu mostrei pra vocês. Foi onde passaram ali, aumentaram com aterro ali, eu não lembro se eles passaram a patrola, foi só aterro mesmo e feito no enxadã. E o que foi mais patrola foi naquela área de baixo lá, né? Aquela ponta lá do lado foi passado, foi modificado bem. Está ali até, onde tem aquela estaçã ali, aquele lado tudo ali foi aumentado, aterro que botaram. Tiravam pedra grande pra trazer, pra guardar. Eles botavam fora também. Também ficou aberto pra dentro. Então tinha material que se aproveitava.

(E) Essa região ali que eles colocaram pedras, ali onde tem alguns cactos, ali logo na entrada, também foi colocado?

(P) Ah, sim, sim, foi botado terra ali também. Um barranco ali, né?

(E) É.

(P) Sim. Foi tudo a gente. Veio pedra de fora e a gente carregava de trator pra botar pra ali cima, que não foi vir e colocar ali, largavam num canto... Até tem ali, acima das canelas tem umas pedras ainda ali. Foi tudo largado ali e a gente carregava pra lá.

(L) E esse espaço aí recebia um aterro que ficava aberto pra receber o aterro?

(P) Sim, o de fora lá sim.

(L) Que dai essas pedras vinham junto com o material que...

(P) Não, não, essa não veio, essa veio de fora. Essa não veio pra ali. As que vieram aqui pra cima ali umas quadradinhas, direitinho assim. (Bota) que era ali. Desmanchavam uma obra, alguma coisa, eles traziam junto, jogavam ali, a gente as separava pra reaproveitar aqui.

(L) Aproveitava.

(P) No aterro de baixo. O outro ali é outro espaço que mudou.

(N) Na área das palmeiras lá, como é que era a questão do depósito de aterro? O senhor chegou a ver isso? Tinha caminhões que traziam aterro da cidade ali pra aquela área ai das palmeiras?

(P) É, é que ficou aberta a cerca, ficou aberta a cerca, chegava devagar, chegava mandava, vinha de tudo. Até ponta de (tacoa).

(N) E isso durou quanto tempo Seu Pedro?

(P) Ah, eu não sei te dizer quanto tempo foi que levou largando lá.

(N) Faz muito tempo? Mais de 5 anos? Mais de 10?

(P) Não, é mais de cinco, menos de 10. Isso ai eu te garanto.

(N) Entre 5 e 10 anos ficou aberto ali?

(P) Ficou.

(N) Depósito de terra.

(P) Hãhã.

(N) E já existia quando o senhor entrou aqui?

(P) Não, antes não tinha. A sanga ali, tudo altos e baixos. Tinha uma chácara ali.

(N) Ainda era (natural)?

(P) O cara plantava, tinha um pomar ali. E não era... não pertencia nem à aqui ainda. Depois sim que tiraram o cara dali é que abriram pra botar o aterro pra emparelhar.

(N) E o acesso por ali já era asfaltado ou ainda era de terra?

(P) O acesso, tu diz pra onde?

(N) Pela principal ali.

(P) Não, a principal era paralelepípedo.

(N) Paralelepípedo.

(P) Pedrinha, é, pedrinha.

(N) Paralelepípedo.

(P) É, não era asfaltado.

(N) E no entorno tinham estradas de terra ainda ou não? Ou já era tudo paralelepípedo?

(P) Já era paralelepípedo quando eu vim, já. E a mão... a mesma, né? Única, vai e vem.

(E) Ali na região, onde foi construído o prédio da TV, não estava construído ainda, o senhor e acompanhou esse processo de construção?

(P) Acompanhei, acompanhei sim.

(E) Também teve muita movimentação de terra também e terraplenagem ai e trator e máquinas? Muitas máquinas ou não?

(P) Aqui pro prédio não.

(E) Não?

(P) Não, não.

(E) O terreno já era...?

(P) Já era... e já estava meio pronta e só reformaram as paredes. O que eu observei foi isso.

(E) Sim.

(P) Não, não, não foi botado nada.

(E) Nem tirado? Nem aplainado, também não?

(P) Não, tirado em baixo foi. Tirado em baixo foi, que o prédio... aquele porão, ali onde tem aquelas peças ali, ele... o aterro vinha até em cima. E aquilo ali no inverno quando chovia, nós não tínhamos como trabalhar no parque botavam nós ali a...

(E) Tirar.

(P) E a gente levava cada susto porque tu ias cavando em baixo, não demora vinha aquele monte de terra seca por cima. E tu tinha que cair fora porque senão tapa o cara. Se ele desaterrar ele morre. Nós tivemos, acho que 11 anos, se eu não me

engano, cavando nós embaixo. Ai depois que a gente cavou, limpou ali que eles fizeram uns alicerces ali e fizeram peças ali no porão.

(E) E ai Seu Pedro, eu queria saber também do senhor as modificações, o que que senhor quando entrou que tinha de legal, plantas que tinha, que hoje em dia não tem mais? Hoje em dia, a sua visão de dia...

(N) Os animais, se era mais animais.

(E) Se tinham mais bicho, menos bicho, se tinha...?

(P) É, o que me chamou atenção muito que aqui tinha muita perdiz, que era um pássaro do campo, a perdiz, tinha muito nessa zona ali em cima. E isso é uma coisa interessante, me chamou a atenção. A gente tinha muito aquelas perdizes, ai depois começou a criar aquela cobra papa-pinto ali, a campeira, que chamam de (tocheira). Eu chamo de papa-pinto que ela gosta de comer pinto. E terminou com a perdiz. Isso ai, às vezes, em conversa a gente dizia “tu já viu que terminou as perdizes aqui? Foi a papa-pinto que fez isso.” Ai veio aquela cobra ali e terminou com toda a perdiz. Sumiu ali. Ai depois veio o lagarto. O lagarto veio acabou com a papa-pinto. O pessoal mesmo que dizia “tu viu? ____ (17'54”) todos os filhotinhos das cobras, não tem mais cobra.” Hoje, tu não encontra mais essa cobra campeira ai. Provavelmente foi. Não sei, se a pesquisa se mostra isso, mas eu acho que foi, porque me chamou a atenção isso aí. Tinha bastante perdiz, daí a pouco veio a cobra, terminou com a perdiz, daqui a pouco veio o lagarto terminou. Vamos ver agora quem é que vem pra terminar com o lagarto.

(E) E o senhor sabe o lagarto foi introduzido por alguém aqui ou ele veio naturalmente, apareceu de repente?

(P) Não, já se tinha algum lagarto ai, se tinha, mas quando fizeram esses bueiros pra correr água por baixo... porque antes era uma calhinha assim, corria. Depois que fizeram por baixo, tudo direitinho. A gente notou que ali que eles faziam toca, começou a expandir mais a família do lagarto. E antes não era tanto assim. Talvez ele veio de fora. Mas foi ali que aumentou. A gente viu que aumentou bastante o lagarto. E hoje temos só o lagarto e saracura.

(E) Bastante saracura também. E que mais que o senhor pode nos contar mais de modificação significativa que o senhor...

(P) Sim, foi quem... aquele até ajudou a fazer esse calçamento da onde terminou, era mais ou menos ali a... quase um pouco pra cá das epitácias. Ali tinha terminado. E a gente continuou, veio mais ou menos aqui até esse pé de goiabeira. Ai a partir dali, depois, eles botaram essa nova (pavi) que eu não sei como é que chamam esses tijolinhos aí. Foi ali, calçaram tudo pra cá. Isso aí houve essa modificação toda. Ali em cima também foi feito aquele caramanchão. Ali não tinha, era um campo de futebol. No verão nós largava às 5:30 h e ia jogar ali até escurecer pra depois ir pra casa. Então ali tinha um campinho que era nosso. Então agora que ponto chegou, agora não dá nem pra jogar mais, capim.

(E) O senhor jogou bastante tempo ai nesse campinho de futebol?

(P) Não, acho que um ano mais ou menos, depois terminamos com o jogo.

(E) E que mais Seu Pedro, assim, de plantas que o senhor acha que hoje em dia estão ... locais interessantes de visitaçã ou locais que o senhor acha de importância que antes não tinha e que agora tem? Ou até coisas que o senhor acha que poderiam ter? Que direção o senhor acha que o Jardim Botânico poderia seguir ou deveria ter mais cuidado ou alguma coisa assim? O que que o senhor considera assim?

(P) Não, as plantas até que estão num lugar adequado. O que a gente acha que poderia melhor é o acesso do visitante. Isso, até a gente que trabalha, tem essa cobrança “ah, mas eu venho aqui, eu não posso entrar nas plantas. Ah, eu não posso entrar nas bromélias, não posso entrar nos cactos.” Então as pessoas reclamam muito, né? O pessoal que vem de fora. Dar uma abertura pra eles, ter acesso mais imediato. Mas isso ai é a direção que tem que ver se tem condições de vigilantes pra isso. Mas a gente recebe muito essa reclamação, as pessoas têm acesso. Teria que abrir mais pra eles. Que a gente trabalha com o público, então o interessante é a gente servir bem, né? Isso ai é uma coisa que eu ainda tenho sentimento a respeito dessa questão.

(E) Pessoas também que o senhor considere importante durante todo esse processo, que foram vitais pro crescimento, pra construção do Jardim Botânico? Também se o senhor quiser citar, quiser falar sobre alguém que trouxe um grande crescimento pro Jardim Botânico, o senhor pode ficar à vontade também.

(P) É, não, o Albano, o Albano que foi nosso diretor, primeiro diretor do Botânico, pessoa muito dedicada a isso, era legal, ele selecionava gente. Porque se não fosse bom de serviço não servia pra ele, ele mandava. E muito interessado, ia lá examinar os canteiros, olhava bem direitinho “olha, é assim que eu quero.” Tinha a finada Dona Marilis, a Dona Marilis era o braço direito dele. Ela fazia um canteiro já ia correndo buscar o Albano “o que o senhor acha:”

(N) Qual o sobrenome dela?

(P) Marilis chamavam de Marilis, o sobrenome dela agora não me lembro. Dona Marilis, era a chefe das mulheres, né? Dos conhecidos que ____ (22'16”) antes. Ela não botava quase a mão no serviço, mais era pra articular como é que se fazia. Então ela já sabia certinho o tipo de canteiro que o Seu Albano gostava. Ela fazia os canteiros grande, tanto é que esse aqui da... aqui esse grandão, olha o tamanho, esse aqui é amor-perfeito. Mas é que falhou muito, não sei o que que houve ali que ele morreu um pouco, ficou só no meio. Mas era canteiro grande que a gente fazia sempre. Então isso ai o Albano gostava de fazer esses canteiros todo cheio de voltinha. Então ele marcou muito. Mas mesmo assim está bom, o pessoal de hoje está dando sequência nisso. O Jardim Botânico evoluiu muito, sabe? Isso é uma coisa que me alegra bastante também.

(E) É bom, né? Em primeiro lugar a gente pode ficar feliz.

(P) É, sempre teve gente bem competente pra... ____ sem dúvida.

(N) E dentro das tuas funções, desde que tu entraste aqui, teu trabalho foi relacionado com as plantas? Trabalhou em outros setores?

(P) É, eu era mais de limpeza de canteiros, ajudava as mulheres naqueles serviços mais pesados, por exemplo, carregar com com carrinho, recortar os canteiros na pá.

(L) Essa terra que o senhor virava nos canteiros, vinha de outro lugar pra vocês fazerem os canteiros porque a terra não era boa ali?

(P) Não, não.

(L) Ou era porque tinha mesmo?

(P) Que tinha mesmo agora.

(L) Era o que estava ali pra...

(P) Eu tirava a leiva do canteiro. Por exemplo, queriam um canteiro aqui no meio desse gramado. Aqui está o gramado, ou feio ou bonito, aqui não sei. Eles queriam um canteiro. Ai eu vinha e recortava toda a volta aqui, botava uma estaquinha com uma linha.

(L) Fazia o desenho.

(P) Fazia o desenho do canteiro com uma linha. A Dona Marilis olhava "ah, é assim, que eu quero." "não, o Pedro, tem que fazer a volta aqui." Eu fazia a volta. Ai eu tirava a leiva aqui, pegava aquela terra que ficou em baixo... que a leiva tu sabe, tu mete a pá, tira só o caquinho, leva ela e bota lá numbarranquinho onde vai desmoronar lá, reaproveitava ela. E ali dentro, aí eu virava aquela terra ali, trazia acima do composto, botava, dava outra virada...

(L) Ah tá, não era terra do parque mesmo, ficava ali.

(P) Que a gente fazia no composto, a gente sempre teve composto.

(L) E ai tinha composto...?

(P) E o composto a gente acrescentava naquela terra ali...

(L) Ah, ficava o substrato de fora.

(P) Ficava o canteiro até mais alto que o gramado muitas vezes, ficava meio altinho.

(L) E depois vai sentando.

(P) Exato, depois tu botavas a planta ali com... tirava o vasinho com terra e tudo aumentava ainda mais o... Então ficava um canteirinho alto ali. Então a gente aproveitava mesmo que estava ali, porém, como adubo.

(L) Isso em todo parque, onde tinham os canteiros, era mais ou menos esse processo?

(P) É, mais ou menos esse processo.

(L) Pegava um pouquinho de composto...

(P) Composto pra acrescentar ali, meio substituir a leiva o que eu tirei.

(L) Tinha algum lugar que o senhor lembra que não tinha como fazer? Porque que nem uma parte que a gente encontrou atrás lá de onde era o cactário, o banco de sementes, que a gente viu que a gente não consegue cavar. Ali a gente não conseguiria fazer um canteiro.

(P) Ah não, lugar meio ruim assim, não.

(L) Ai vocês não faziam canteiro onde estava...

(P) Não, não, não fazia não.

(L) Não colocavam terra ali pra fazer?

(P) Não, não. Nós fazíamos bastante canteiro nessa área de cima aqui, ali embaixo onde é a (britácia) a gente fazia canteiro, na portaria.

(L) Tinha ____ ali?

(P) É. Na frente desse prédio aqui, a gente fez ali, fez outros depois. Desmanchava esse aqui já fazia outros.

(L) É, eu vi aqui no livrinho que tinha uns diferentes ali. Hoje criaram só gramado, está só gramado...

(P) Exato, ai depois veio as árvores, dá a sombra não tem mais como fazer canteiro de flor...

(L) Tá.

(P) A maioria dessas flores precisam de sol.

(L) Então não tinha uma grande mobilização?

(P) Não, não.

(L) Era só substrato no canteiro?

(P) É, só. Se aproveitava o esterco e o adubo que se fazia pra colocar ali.

(N) E dentro das tuas funções Pedro, tu passaste por diferentes setores do parque?

(P) É, eu trabalhei assim, trabalhei no trator também carregando material. Assim como o Amilca faz, trabalhei muito tempo no trator também. Mais de 10 anos. Eu ajudava um pouquinho lá nos canteiros quando precisava e já voltava pro trator. Tinha material pra carregar ali. Nós varriamos todo o parque também, tirava todas as folhas secas. O gramado era cortado, também se tirava toda aquela grama, carregava pro composto. Se fazia o composto com ela. Depois trabalhei no composto também várias vezes, entrei e sai.

(L) E a onde é que era essa área de composto? É perto de onde está hoje?

(P) São vários lugares. Nós tivemos ali onde é aquele pé de... aonde é aquela casinha atrás das medicinais ali, tem aquele pé de ambu, durante... ele era do lado ali, mais ou menos onde está o banheiro. Ali era um, depois fomos lá pros eucaliptos lá em cima, dos eucaliptos viemos pra aqui onde é a horta medicinal. E da medicinal fomos pra baixo.

(N) Onde é hoje.

(P) É. Onde é hoje.

(N) Tu também trabalhaste na parte administrativa um certo tempo?

(P) Não, no administrativo nunca trabalhei. Eu só fiz estágio, estágio eu cheguei a fazer.

(N) Ali dentro é o setor administrativo?

(P) Sim, sim.

(N) Desde então sempre no parque?

(P) Sempre no parque.

(N) Sempre na lida do parque.

(P) É.

(N) E o número de funcionários, hoje, ele é semelhante ao que tinha ou tinha mais funcionários...?

(P) Tinha mais, tinha mais. Tinham 7 mulheres, 7 mulheres parece.

(N) Cuidavam dos jardins.?

(P) É. Jardineiro, eu não me lembro quantos. Mas sei que nós tínhamos auxiliar de serviços gerais também. Nós éramos mais ou menos uns 12 aos uns 15.

(N) Que cuidavam das plantas?

(P) Não, que trabalhavam fazendo canteiros novos. Tinha uma equipe também do... às vezes, eu era emprestado porque nós tínhamos setores. Tinham os setores que trabalhavam no plantio, quase todos trabalhavam fazendo canteiros novos, tinham outros que só faziam irrigação. Então nós tínhamos aqueles setores. Tinha o de vigilância, ficava ____ (28'14") e outro. Então eles pediam emprestado pro outro "olha, preciso de um emprestado aqui pro plantio de grama." Se sabia que o cara sabia plantar grama já tiravam ele pra lá. Eu fui um, várias vezes eu fui emprestado pra lá. Quando apertava aqui eu voltava. Então a gente intercalava. Era uma turma grande. O setor de obras ali junto.

(N) Ainda tem alguns funcionários daquela época que trabalham, hoje, aqui?

(P) Tem, do mesmo ano meu, que é o Júlio, o Ari, que um pouco mais antigo que eu. É o Júlio. Acho que é só o Júlio, eu e o Ari. E a Dona Rosa que entrou no ano seguinte, né?

(N) O Ari já estava aqui?

(P) Já estava aqui quando eu cheguei. É o único que é o mais velho do eu. Passei do mesmo ano mais velho que ele só entrando, dezesseis pra antes, mas não tem. O Ari é de 75, acho. É novinho também.

(E) É. Vocês têm mais alguma pergunta?

(N) Faz parte das medicinais.

(L) Como o senhor começou a cuidar das medicinais? Por que o senhor achou que ia gostar mais? Por que no fim faltou gente o senhor foi? Como é que o senhor chegou lá?

(P) É uma história bem bonita. Eu como já era agricultor, trabalhava na roça. Então quando tem que trabalhar com plantas tu já... se tu gostas então nem fala. Ai como o finado Comim tinha feito aquele pequeno espaço ali, o quadrado ali pra... pra ter aquela de ter plantas medicinais aqui também. Ele montou aquilo ali. Ai conversando com funcionário aqui, ele "olha, eu tenho uma plantinha na casa pra trazer, medicinal ai?" "olha, eu tenho losna, eu tenho poejo, eu tenho boldo." Não sei mais o que eu disse pra ele." "Me traz." O cara vinha e entregava pra ele. Tinha que trazer numa sacola e entregar aqui, nada de plantar. E ele também organizou, começou a fazer quadrinho ali. Ai botou aquele negócio, plantou umas coisinhas ali, os caras ajudaram a fazer os canteiros ali. Mas aquilo ali era assim ó: como a gente trabalhava com o Adomilton no parque aqui, o Adomilto não tinha interesse muito naquilo ali. O interesse dele mais era ajeitar o parque aqui, dava uma prensa danada. Quando apertava lá, que crescia aqueles brejos, que estava seco, tinha planta morrendo, o Comin "bá, dá um cara ai pra molhar aquilo ali, me arruma um cara pra capinar aquilo lá." "Amanhã eu te dou." Chegava no outro dia, jogava o cara lá. O cara capinava lá, nem terminava de limpar "estou precisando de ti, hoje tu não vai pra lá." Só que não voltava mais o cara. E o brejo vinha conta, e vinha tomando conta, e vinha tomando conta. Ai depois o Hélio de Oliveira a mesma coisa, o capim tomando conta, tomando conta. Quando foi um dia ele se apavorou. Ai ele vai saindo daqui... Ah, não, minto, ai eu vendo aquilo ali, disse pra mim: "pô, eu tinha vontade trabalhar ali, tomar conta daquilo ali. Pra não aquilo daquele jeito" Uma coisa bem no meio do parque assim, né? O pessoal visita, lá no (estacionamento) a primeira coisa que vê é aquilo ali. "O que que eu faço? ____" (31'25") Ai eu tinha ido pro sindicato naquele período, fiquei 3 anos pra lá, eu só vinha nas quinta e sexta trabalhar. Ai, quando foi um dia a Pátricia e o Miguel inventaram de fazer um curso de... estava fazendo um cursinho de... pra fazer mudas, tanto de plantas medicinais com não. Falei com o Nereu "pá, não dá pra ir fazer o curso junto com eles ai?" Ai a Nereu disse: "não, não, epara ai." Ai viu com o Hélio ai "pode vir fazer, pode ir lá amanhã." Fiz o curso, mas foi coisinha rápida. Ai aprendi fazer umas mudas e tal. Fiquei na expectativa. Ai quando foi um dia o Hélio saiu daqui, me encontrou bem na frente lá "eu não posso ver isso aqui. Olha que imundice tá isso ai" disse ele "eu tinha que arrumar uma pessoa. Quem é que eu poderia botar aqui?"

“Mas rapaz tu estás falando com ele mesmo, está falando com ele mesmo. É só tu conseguir ali com o Nereu pra mim vim pra cá, mas só que é assim, se tu queres uma coisa bonita, eu venho, mas eu tenho que ficar efetivo ali. Eu vir pra cá pra estar saindo, trabalhar um dia e sair fora não vai adiantar nada.” “Mas é agora.” Quando foi de tarde o Nereu “mas olha, vamos eu e tu e o Hélio lá na sala da Andreia lá em cima.” E vou lá e vai dar certo. Fui lá, me trouxeram ali “oh, eu quero que tu limpe isso aqui e plante coisas novas aqui.” Eu digo “tá, mas tu vai comprar plantas novas pra aí?” “Não, tu te vira. O jeito eu não sei, te vira.” E comecei, dali meia semana tirei 6 carretos de lixo. Só daquele boldo tirei um, que tinha boldo dos lados ali, a onde é aquele caramanchão de maracujá. Tinha uma meia lua de boldo e tinha outra pra.... Tirei tudo dali e tinha carretada daquilo ali. E podei tudo, marquei mais .as árvores que já estavam mortas, outras podei, outras a Andreia disse que não queria mais. Até nem tirei. Fiz uma limpeza ali. Ei começou a vir visitante, sabe? Aí olhava aquelas plantinhas, trouxe mais algumas também da minha vizinha lá. Digo “digo, agora estou cuidando a horta...” Ela foi lá no mercado comprou planta pra me trazer. Ela comprou e comprou e me deu de presente “não, planta lé.” Violeta, se eu não me engano ela comprou pra mim, comprou aquela alfazema que nós tínhamos. Trouxe e eu botei ali. Ali os visitantes começar a entrar ali “bá, tu não tens isso, tu não tens aquilo, eu vou te trazer, posso?” “Pode, pode trazer.” Os caras começaram a trazer muda. O cara trouxe o porta-malas do carro cheio. Trouxe ginseng, trouxe... que mais que ele trouxe lá? Trouxe aquela sálvia azul, trouxe várias coisas ali pra mim. E aí foi indo, o espaço, fui limpando mais, tirando leiva, fazendo canteiro, trazendo composto de baixo, terra.

(L) E isso foi em época que o senhor começou?

(P) Foi de 2004 pra cá, foi quando eu assumi. E agora tá sim, diz que vão fazer uma reforma aqui depois. Estamos, aguardando, né? Fazer uns canteiros melhor, mais ajeitado pra entrar cadeirantes pra ter um acesso ____ (34'31”) pra eles. Então tem essa ideia aí, esse projeto deles, vamos ver, tomara que saia do papel.

(E) É bom, né? Maravilhoso os seus trabalhos ali realmente.

(P) É, dá pra ver, trabalhar.

(N) Como o senhor vê essa perspectiva agora aí desse seu período aqui na frente do Jardim Botânico? Qual é a tua perspectiva? Queres continuar as medicinais?

(P) É, a minha vontade é. A gente fica a vontade trabalhando ali, né? Tu mesmo se articula ali. Vamos ver nesse projeto novo aí agora se segue o mesmo, né? Exemplo assim, monta um projeto ali, a gente procura executar o que está no projeto e manter sempre o que está ali. Se der tudo certinho aí é uma maravilha.

(E) E o senhor costuma fazer ou tem vontade de fazer mais cursos de plantas medicinais? Como é que funciona isso?

(P) Não, não, não, eu já estou aposentado, na verdade, eu estou aposentado já.

(E) Sim.

(P) Então o que eu estou aprendendo ali pra mim tá... eu não quero continuar trabalhando. Eu quero ir em lavoura mesmo, plantar alface, couve, essas coisas pro gasto, pra família. A minha ideia é essa, né. Mas enquanto eu estiver no Botânico ali pra mim está bom. Alguma coisa que eu já pratiquei, né?

(E) sim.

(P) Já acostumei com as plantas, já se aquela que dá bem no sol, aquela que não dá. A gente está aprendendo. Quando vêm aqui já faz um monte de pergunta pra pessoa “essa planta gosta de bastante sol? Ela gosta de sombra? Ou meia sombra? Como é que é?” “Não, ela gosta disso, não gosta de adubo.” Tem planta não gosta que bote adubo nela.

(E) E o senhor separa, exatamente, por esse tipo de espécies ou que gosta mais de sol? O senhor já acertou que tema separação pra...

(P) É, eu tenho que cuidar mais isso. Espaço pra mim ter só as aromáticas, só aquela não. Os condimentos tem que fazer. Passei tudo pra esse lado de cá, mas as outras ainda não pude porque tem árvores também, então não adianta querer fazer, me articular dessa maneira porque tem as árvores que vão atrapalhar. As árvores têm que servir pra aquela que são de sombra. Elas eu planto em baixo. Então não adianta querer fazer coisa muito organizada porque não está adequado pra isso.

(E) Perfeito.

(N) Quer deixa alguma mensagem final Seu Pedro, registrada?

(P) Como assim?

(N) Não sei, só se quiser gravar alguma coisa. Eu acho que...eu não sei a gente tem mais alguma coisa.

(E) Alguma coisa que o senhor queira falar, algum agradecimento, algum...

(P) Não, não. Eu só queria deixar uma coisa assim: tem coisa que está alegrando bem a gente, sabe? É esse pessoal novo que entrou ai no emergencial. Eu estou torcendo muito que esse pessoal passe no concurso e fique porque são pessoal bom mesmo na... Eu sei, eu tenho observado ai, eles organizam aquele composto lá embaixo. Uma coisa que eu trabalhei lá, né? Muito tempo lá. E aquilo é difícil, sabe? E esse pessoal está fazendo uma coisa bonita lá, fizeram uma limpeza, organizaram as plantas... como se diz? Catalogaram. Catalogaram elas direitinho. Agora tem tudo. Organizando o Botânico. Então esse pessoal tem que continuar junto aqui com nós pra futuramente a gente ter um Botânico até melhor do que esse que está ai. Então isso ai é uma coisa que eu queria deixar registrado. E torcendo pra eles, né? Que eles continuem com nós ai. Que tá bom. Vieram aqui pra nos dar os exemplos. Sabedoria.

(N) Estamos aprendendo.

(P) A gente é velho de serviço, mas não é muito experiente. Essas questões mais de pesquisa, mais de entendimento. A gente só sabe cultivar, mas sobre elas mesmo o cara não...

(E) É isso aí.

(P) Conhecimento... a gente ter informação, informação de gente que sabe.

(E) A vida é troca, né seu Pedro?

(P) É. Não é coisa que a gente aprendeu, a gente ouve e guarda.

(E) É isso aí. A gente queria agradecer então Seu Pedro, pô, foi uma entrevista maravilhosa, o senhor, realmente, nos ensina muito com a toda a sua...

(P) É o que a gente aprendeu e sabe, né? Guardou. Aquilo que eu te falei.

(E) E nós também esperamos que o senhor continue com a gente bastante tempo.

(P) Hãhã, vai indo aí, né? Enquanto está bom, vamos embora.

(E) Então tá, muito obrigado.

(P) Tem uns pedacinhos ruim aí, mas isso é normal a gente enfrentar. Não, só vai.

(E) Isso aí, muito obrigado Seu Pedro.

(P) De nada, agradeço também.

(E) Nós gostamos muito da entrevista.

Entrevista Júlio César

Tempo: 38'07"

(J) Bom, meu nome é Júlio César Vieira do Prado. Eu estou aqui no Jardim Botânico desde 1976, outubro, 1º de outubro de 76. E nesses anos todos já observei muitas mudanças no Jardim Botânico. Porque quando eu comecei a trabalhar aqui era bem diferente, era bem-dizer uma área de campo com poucas espécies de plantas. Então, a partir daquele momento ali, a gente começou a plantar muitas espécies e foi mudando o panorama. Por exemplo, dessa parte mais alta aqui, a gente enxergava o Centro de Porto Alegre, enxergava a Usina do Gasômetro, enxergava até uma parte do Guaíba. E hoje em dia, como as árvores cresceram isso tudo não se consegue ver mais. Mas ele mudou bastante, melhorou bastante desde a época que a gente começou aqui. Nesses últimos trinta e poucos anos aí, eu acho que, pá! Melhorou bastante mesmo. Está muito mais bonito agora com quase que todo ele, a maior parte dele já implantada, né? E isso aí, eu acho que não... tu vai ter que começar a conversar comigo pra mim me lembrar de fatos, tipo uma conversa mais informal mesmo. Não sei se quer me perguntar alguma coisa que daí vai me abrindo a memória também, eu vou lembrando de fatos de que eu...

(E) Tu está aqui desde 86?

(J) Desde 76.

(E) 76.

(J) É.

(E) E tu morava antes aqui dentro.

(J) Isso, 30 anos, já morava.

(E) Já morava antes?

(J) É que o meu pai foi um dos primeiros funcionários, né? Então a gente ganhou uma casa pra morar e depois, quando eu tive idade de começar a trabalhar, foi um dos primeiros serviços que me apresentou, né?

(E) Tu não veio da Corlac? Eu sei que ex-funcionários aqui vieram da Corlac.

(J) Não, não.

(E) Até eu não sei se tu tem conhecimento do porquê disso, como é que aconteceu mudança.

(J) Eu me lembro, na época, foi assim, foi extinguida a Corlac, dai como eram todos servidores públicos, foi uma turma pra cada órgão do governo. E uma turma acabou ficando aqui na Fundação. Tem várias colegas ai que estão ai desde, eu acho que de 90, noventa e poucos ai que estão ai colaborando com nós.

(E) E que mais, assim, esses lagos, esses banhados, eles sempre existiram? Esses banhados que tem ai, os lagos porque eles artificiais, né?

(J) É. O banhado ali tem uma parte que era uma chácara, e depois, com o tempo foi abandonada a chácara, ele acabou se tornando o banhado, que foi levantada uma parte, foi feito um aterro numa parte lá e dai o banhado se formou quase que o natural também, né? Que a vegetação toda que tem ali foi espontânea.

(E) Essa chácara plantava algum tipo de...

(J) A chácara que tinha ali do lado era da colônia agrícola, então quem cuidava a chácara eram os doentes mentais. E tinha um supervisor ali, mas eles plantavam alface, couve, aipim, quase todos os tipos de hortaliças, legumes eles tinham plantado ali em quantidade bem suficiente pra eles mesmos.

(E) Até que ano teve essa colônia?

(J) Eu não lembro assim o ano, até que ano, mas eu acredito que até oitenta e poucos ela funcionou ali.

(N) Nessa área de cultivo era a onde?

(E) Era na parte de baixo, lá onde tem o... tem aquela área das palmeiras, lá na frente lá, até aqui diante passando o cactário antigo, aquele ali, toda aquela parte de lá, uma ladeirinha que tem ali e a parte de baixo ali, toda ela era a chácara.

(N) Onde é o banhado?

(J) Isso. Ali, eu não sei se chegaste a ver que tipo uma divisão assim? Do lado, um pouquinho do lado daquele... do banhado tudo era a chácara ali. Mas ali é uma terra boa até, eles trabalharam a terra, então ficou uma terra bem boa ali.

(N) Tu lembra de ter um arroio ali na frente? Está enterradas as palmeiras.

(J) Não era ali na... o arroio que tinha não era ali, ele cruzava mesmo por dentro ali assim. Porque aquela parte mais baixa ali tinha uma vertente e ela corria pro lado da perimetral ali. Dai eu lembro disso, até um cano que juntava água e tipo que uma boca que distribuía pro lado da rua.

(N) Depois foi modificado?

(E) Depois foi modificado, dai eu não...

(N) Esse aterro e represou a água ali.

(J) Represou a água e dai onde formou aquele banhado grande ali.

(E) E tinha só esse arroiozinho ou pro outro tinha também?

(J) Pro outro lado também tinha porque como ali é uma parte mais alta, ele escorria pro outro lado lá também. Pode ver que tem um banhado grande lá do outro lado também, mas ali ele recebia água do outro lado do bairro ali, do Bairro Jardim do Salso ali. Tem uns canos grandes que cruza ali pela aquele canto ali.

(E) Pela Cristiano...?

(J) É, pela Cristiano Fisher ali.

(E) A gente vê em mapas que tem duas bacias que hoje em dia são tamponadas, são canalizadas, que deságuam no Dilúvio.

(J) É, e tem coisas que, por exemplo, quando eu era menino, o Jardim Botânico, parece que era toda essa área aqui. Então ali onde o Hospital da PUC que foi construído muitos anos depois, o riacho antigo era ali, ele era bem mais pra cá, dai ele cruzava assim, como se fosse um córrego pela aquela parte ali que tem o hospital.

(E) O Dilúvio era mais pra cá?

(J) Era bem mais pra cá. Ali tinha, tipo uma matinha de árvore que acompanhava o riacho antigo, que ai ele já vinha desde lá de cima.

(N) É de quando isso Juliano?

(J) Ahm?

(E) Era os 60, 70?

(J) Anos 60, 70 eu ainda lembro, daí quando começara a construir o hospital ali, daí foi... pouco antes de construir o hospital fizeram o riacho novo, né? Dai mudaram o itinerário das águas que corria por ali, daí ficou assim, um tipo uns córregos com água parada por muitos anos ali. Depois acabaram aterrando tudo e construíram o hospital. Mas isso em 60, sessenta e poucos que tinha esse córrego ali.

(E) Eu logo que eu fiz a primeira visita aqui no Jardim Botânico eu desconfiava dessa possibilidade em função dos mapas que eu tinha olhado e isso é importante pro nosso trabalho como eu tinha te dito, né? De a gente poder recuperar essa história que a gente tem pistas, mas não tem noção que a gente não viveu isso. Só quem viveu pra saber.

(J) É, o que eu lembro, por exemplo, de área aqui no Jardim Botânico, eu tinha, sei lá, 7, 8 anos de idade, era que era um tipo assim, de árvores mesmo era só o mato de eucalipto ali, pra cá uma ou outra, butiazeiro tinha uma porção, e o resto era campo, área de campo assim que... tinha muita perdiz, perdigão, que a gente caminhava pelos campos, seguidamente estava levando um susto quando levantava uma perdiz, que ela faz um barulho estranho quando levanta né? Dai tinha muita perdiz aqui na área.

(N) Criação tinha alguma ainda ou não?

(J) Não, criação só do pessoal da vizinhança que largava, tipo, os cavalos aqui dentro, mas gado eu não lembro.

(N) Não tinha?

(J) Não, não lembro.

(E) E por que será que sumiram essas perdizes? Tu acha que em função dessa modificação?

(J) É, eu acho que sim, em função da ocupação, né? Porque naquela época mais era campo. Essa área toda onde tem prédio grande ali, isso aqui tudo era um campo. Então elas gostam mais de área de campo, daí a gente foi botando vegetação, as árvores foram crescendo e elas foram sumindo, né?

(E) E tinha muita cobra também, muito bicho?

(J) Cobra tinha bastante.

(E) Que mais tu lembras de bicho silvestre que tinha por ai naturalmente e que hoje em dia, talvez, tu não veja?

(J) Não, é, hoje em dia. Aquele o... como é que a gente chama? O logo guará aquele. Aquele eu lembro que tinha. Seguidamente, a gente via um ou outro correndo ai. Raposa até hoje tem bastante. Eu acho que são esses bichos. Ah, esses... aquele pequenininho, como é? Aquele que parece um ratinho. Como é? o...

(L) Preá.

(J) Preá, isso, é. Preá tinha bastante. Era aos montes nessas beiras, nessas partes mais úmidas aí sempre tinha bastante ali.

(E) E me diz uma coisa, foi muito modificado o relevo do Jardim Botânico? Por exemplo, a gente olha mapas e a percebe que aqui é meio que um topo de morro, né?

(J) Hãhã.

(E) Eu queria saber se houve tipo de terraplanagem? Algum tipo de escavação? Algum tipo de canalização? A gente vê também que aqui entre um banhado e outro tem uma espécie de uma canalização. Não sei se aquilo é natural ou se foi escavo.

(J) Pois é, eu lembro assim, nessa parte mais alta aqui... isso aqui foi retirado terra dali. Em torno, eu acho, que uns 2 metros e pouco mais ou menos de altura foi rebaixado ali. Eles tiravam terra dali, não sei pra onde levavam. Eu sei que teve uma época que vinha... tinha uma porção de tombadeiras, e umas patrolas que fizeram um tipo de um platô, retiraram muita terra ali daquela parte. E escavação, aqui pra baixo, perto do cactário ali, eu me lembro também que fizeram... umas máquinas... muitos anos atrás fizeram uns degraus, fizeram uns 3 degraus. Era uma descida parelinha, né? E a máquina chegou ali e fez 3 degraus bem largos. Não sei porque que foi também. E ali pra onde tu falas desses encanamentos nos canos ali, ali eu não lembro o que que aconteceu naquela área ali. Eu não lembro.

(E) E me diz uma coisa, como é que era a relação de vocês com o pessoal do hospital? Tinha... vocês conversavam com alguns? Tinha algum tipo de relação ou eles sempre ficavam trancados? Como era? Era fechado? Era...

(J) O pessoal, os doentes?

(E) Isso.

(J) É, na época a vê que a maior parte deles, eles eram tipo morador. Então eles tinham a liberdade de caminhar por toda a área, entravam pra cá, caminhavam por tudo aí. Não tinham... era tudo gente boa, gente que dava pra conversar tranquilamente. Eles não tinham muito... como é que se diz? Não atinavam muito, sabe? Mas dava pra conviver tranquilo.

(E) E como foi... tu pegaste o surgimento dessa população da vila... como é? Mariano, né? Como é o nome dessa vila?

(J) Juliano Moreira.

(E) Juliano Moreira. Quando começou isso? Como é... tu tens lembrança?

(J) Assim, que eu me lembre aquela área ali era uma área de funcionários da própria colônia agrícola. A maior parte do... os primeiros moradores ali eram funcionários da colônia agrícola que ganhavam o lugar pra morar, né? Construía a sua casa, tinhalugarpra morar. Até a água e a luz era o governo que bancava pra ele na época. Eu vi dizer que era em função do salário que era muito pouco que então eles tinham

direito a água e a luz e o espaço pra morar. Daí com o tempo, eles acabaram ganhando do governo a área pra morarem.

(E) Me diz uma coisa, em torno aqui do Jardim Botânico, do parque, como é que foi modificando ao longo do tempo? Tu te lembra? Aqui era fácil de chegar, tinha transporte pra chegar aqui? Como é que era diferente essa ligação do Jardim Botânico, aqui do bairro e de todo o entorno com o resto da cidade? Como é que era essa relação de vizinhança aí?

(J) É, per eu fui... assim, o ônibus, tinha o Jardim Botânico, né? Que o fim da linha era aqui perto. E tinha um outro fim da linha, era dois fins da linha, um perto do outro, que era o Jardim Ipê na época que ficavam ali na... Tinha numa ruazinha aqui perto que é a Felizardo. Então naquele tempo já tinha... tinha duas linhas de ônibus. Até uma agora está mais afastada, o Jardim Ipê sai de outro local. O Jardim Botânico ainda sai daqui de perto. Mas eram as camionetes antigas aquelas. O pessoal chamava jardineiras. Era bem servido até de transporte.

(E) Tinha muito prédio ai na volta já?

(J) Não, prédio grande não tinha nenhum. Acho que o mais perto que tinha aqui de prédio, que a gente chamava de os edifícios era uns que fica na Barão ali, que a gente chamava de Edifício dos Bancários. Era o mais perto que tinha. Depois na volta ali eram só casas baixas mesmo.

(N) Tinha algum tipo de chácaras, sítios, (fazendas)?

(J) Tinha, tinha aqui perto do outro lado da Escola de Educação Física ali tinha duas chácaras. A gente chamava Chácara do Agrião, mas eles plantavam de tudo que era tipo de hortaliças, né? Eram duas chácaras bem grandes que até... acho que até poucos anos atrás funcionou ali, funcionava. Tem uma delas ali, acho que até uns 8 anos atrás ainda produzia alguma coisa. E a outra foi ali onde construíram esses prédios grandes do lado da ESEF ali. E depois tinha a chácara da Pareci também, que produziam flores ali, né? Pareci é num cantinho que eles fizeram...

(E) O Jardim Botânico recebeu muito aterro?

(J) Olha, recebeu bastante naquela área da frente da Salvador França ali, aquele pedaço ali perto das palmeiras por ali, ali recebeu bastante. Foi alguns anos de aterro.

(E) Em função de ser área alagadiça ou...?

(J) Não, não. O porquê que recebeu, eu não lembro agora, talvez por ser uma área muito baixa e tentaram levantar aquela parte ali. E outra coisa que eu lembro bem foi que a área do Jardim Botânico era bem maior, né? E daí, teve parte ali que foi doada pro exército, onde é o Clube Militar, que é um bom pedaço de área que eles levaram, ganharam. Outra parte que também foi cedida foi a área do 8º Distrito de Meteorologia. E outra parte o Clube Farrapos da Brigada Militar. Esses ai levaram um bom pedaço do Jardim Botânico.

(N) Existiam cercas? O cercamento era feito...?

(J) Tinha cercamento, era...

(N) Farpado?

(J) Era moirão de cimento, de concreto com arame farpado. Tinha uns 10, 12 fios de arame farpado em toda volta. Toda a volta era cercada com arame farpado.

(N) E essas áreas foram sendo desmembradas durante os anos 70? Ou 80?

(J) É, eu lembro que o... é, deixa eu ver, em 70, mais ou menos, que foi cedido pro exército, pra Brigada Militar, pro 8º Distrito. E depois tinha a promessa de nós recebermos... o Jardim Botânico receber a área da colônia agrícola, né? Que até hoje está meio enrolado ainda.

(N) Que é o lindeiro com a FEPAN?

(N) É.

(N) Já existia a FEPAN ali?

(J) Não, a FEPAN não existia. Ali era só a colônia agrícola. Depois que ela foi fechada aqui e mandaram o pessoal pra Itapuã, os doentes mentais foram pra Itapuã e pra a outra parte do São Pedro ali, que como a área ficou meio parada a FEPAN recebeu pra usar, né?

(N) Era uma área que estava prometida aqui pro...

(J) É, eu sei que foi prometida pro Jardim Botânico, né?

(N) Questão da construção do prédio central aqui, tu chegaste a acompanhar desde o início?

(J) Eu acompanhei sim, eu era guri na época, eu tinha... sei lá, uns 7, 8 anos ou talvez um pouquinho mais, não lembro. Mas lembro de toda... de toda a construção, eu lembro.

(N) Inicialmente foi destinada à TVE?

(J) À TVE, TV Educativa, né?

(N) Era um projeto deles?

(J) Era um projeto da TV Educativa. Seria o Canal 7 na época. Até hoje é, acho que ainda é.

(N) Depois eles foram... eles foram notificados... Eles chegaram a se instalar ali?

(J) Não, nunca chegaram a se instalar aqui porque na época eu me lembro que... diz que os aparelhos que teriam que usar dentro do prédio não teria nem como colocar dentro do prédio. Diz que eram equipamento muito grande e com o prédio pronto não teria como colocar esses aparelhos dentro do prédio. E dai ficou ali fechado... ficou,

como é que se diz? Jogado ao tempo, muitos anos. E até que a Fundação recebeu o prédio pra montar a sede. E daí a Fundação que deu uma ajeitada pra poder ocupar.

(N) Ele não estava concluído?

(J) Não, não estava, era só a estrutura, a parte de concreto mesmo. Todo o acabamento que teve ali foi...

(N) Aquelas partes vazadas que têm ali, aqueles espaços grandes eram pra ser estúdios.

(J) É, era pra ser 3 estúdios. Ia ter programas ao vivo, coisas assim.

(N) E esse acordo, tu ainda não eras funcionário nessa época?

(J) do acordo?

(N) Do acordo com a cedência desse espaço.

(J) Não, eles ocuparam ali e eu já trabalhava aqui. Que a sede da Fundação era no edifício da Mesbla, na Coronel Vicente. Muitos anos foi lá. Depois, acho que... bá, não lembro o ano também porque eu sou ruim de guardar datas, mas em oitenta e poucos que... sei lá, 84, mais ou menos, que veio a mudança pra cá. Foram mudando, foram ajeitando alguns espaços e ocupando.

(N) Então nesse tempo ficou parada essa obra?

(J) Ficou muito tempo parada, né?

(N) E havia visitaçaõ no Jardim Botânico? Vinham pra ver a...

(J) A visitaçaõ no Jardim Botânico já, desde que foi inaugurado sempre houve visitaçaõ, só que assim ó... ele... isso antes da Fundação tomar conta, ele estava alguns anos parado, sem trabalho nenhum aqui dentro. Eu me lembro que os funcionários... não tinha administrador, não tinha ninguém que administrasse, né? Os funcionários vinham, ficavam por aí, um ou outro fazia alguma coisa. Mas só começou a ter impulso mesmo a partir de 72, 73, não lembro a data, quando a Fundação tomou conta e o Professo Albano veio pra cá e começou a tocar mesmo. Daí entrou uma equipe que começou a produzir, começou a implantar o Jardim Botânico mesmo. Ele tinha assim, ele tinha o embrião, né? Tinha o embrião formado, depois quando o Professor Albano veio pra cá administrar dali em diante começou a tocar, aí sim começou a coisa mais científica mesmo.

(E) E como é que funcionou isso? Qual era a ideia? Quais foram as primeiras ações que você se lembra que foram feitas nessa época? Que era importante ser feito?

(J) Pois é, eu entrei em 76, o Professor Albano e uma equipe ai já estavam já desde 73 ou 74, não lembro, mas já peguei tipo o trem andando, a gente estava preparando o gramado, a gente fez muito gramado, plantou muita árvore. Naquela época a gente estava plantado bastante. Em vários locais a gente sempre, sempre estava plantando,

todo o dia plantava alguma coisa e fazia caminhos novos, que os caminhos já estavam meio deteriorados de muito tempo ficar parado, né?

(E) Sim. Quem é que escolhia os locais de plantio? Como é que era feita essa escolha do plantio de árvores, os locais? Tinha alguém que indicava ou não? Chegava as mudas e...

(J) Não, deixa eu ver como é que foi, deixa eu ver, deixa eu pensar. É, eu sei que um pouco antes de eu entrar aqui tinha uma engenheira agrônoma, trabalhou acho que um ano, um ano e pouco. Eu não cheguei a conhecer, mas eu soube que tinha. Depois teve uns técnicos agrícolas que tinham aí na época. Depois, deixa eu ver quem foi que... Daí um pouco mais tarde entrou a Cristina, começou a... Na verdade, a parte mais científica já foi na época da Cristina em diante, né? Que ela começou a separar por áreas e fazer plantio mais organizado mesmo. Mas o Professor Albano também, ele sabia, ele que determinava “essa espécie vocês plantam aqui.” Ele trabalhava quase que junto no parque ali, ele caminhava bastante, ele interagia bastante na área do parque.

(E) E o que tinha de interessante que existia antigamente e que talvez, hoje, não exista? Tem alguma coisa que tu lamenta que não exista mais? Ou algo assim?

Não sei cara, agora tu me pegou porque eu acho que é assim: tudo que foi feito ai sempre foi pra melhorar, então assim, eu acho que não...

(E) Veio uma melhoria crescente.

(J) É eu... Tinha um recanto bonito, ali perto do cactário antigo tinha um recanto muito bonito com buganvilleas, as três marias, que o pessoal gostava muito de ficar por ali. Hoje em dia, aquele recanto ali está diferente, não tem mais esse recanto. Ali era um dos recantos bonitos que eu...

(E) E hoje em dia, o que que tem de bem interessante que tu gostas? Que se tu puderes ficar ali tu vai?

(J) É, agora tem vários recantos bonitos. Um recanto, acho que mais interessante que tem aí, que o pessoal mais visita, e como eu trabalho direto com o público eu vejo eles comentarem que gostam muito é a área do lago aqui, da ponte do lago que tem... Aquele ambiente ali é um ambiente muito bonito. E todo mundo gosta de passar ali, que ali é um lugar que tem que tirar uma fotografia, é obrigado a tirar uma fotografia daquela área ali. É, ali, eu acho que é uma das áreas mais bonitas que tem. E outra área que o pessoal gosta muito ali é a área dos pinheiros e a área das palmeiras lá embaixo. Esse aí que eu sinto que o pessoal gosta bastante.

(N) E nesse teu contato com o público, tu que está mais ligado ao atendimento ao público, tu percebeste uma modificação nesses interesses, ao longo do tempo, das pessoas de espaços no Jardim Botânico?

(J) Não, eu sinto, tipo assim, o visitante mudou. É bem diferente do visitante de 20 anos atrás. Hoje, é um... antigamente, o visitante vinha só aqui pra... “vou na aquela área ali pra descansar, pra dar uma descansada.” Hoje não, hoje eles vêm, eles

querem saber o que tem, eles querem conhecer, eles querem saber coisas do meio ambiente, né? Então é bem diferente, a cultura de visitante de 20 anos atrás é bem diferente da cultura do visitante de hoje. Que hoje ele quer... ele vem aqui pra aprender. Que ele quer conhecer as coleções, quer conhecer os espaços, quer... Acho bem diferente mesmo.

(N) E em termos de número de funcionários, o que tinha antes quando tu chegaste pra hoje, houve uma mudança?

(J) É, quando eu entrei aqui tinha uma quantidade bem boa de funcionários, né? Até tinha mais era assim, mais... como é que vou te dizer? Pessoal de nível menor pra fazer o trabalho pesado, tinha bastante gente. E com o tempo, foram saindo, foram se aposentando, e hoje tem poucos funcionários pra botar a mão na massa mesmo. Tem o pessoal administrativo que faz o serviço... como pode se dizer assim? Mais...

(E) Burocrático.

(J) Burocrático, mas criar as coisas mais... pessoal pra botar em prática mesmo é pouca gente.

(E) E nesse tempo de lá cá, o que tu achas que pode ainda melhor no Jardim Botânico pra gente poder ter um espaço ainda melhor? Na tua avaliação pessoal, que ações o Jardim Botânico deveria fazer pra melhorar nas mais diversas áreas aí? O que que tu?

(J) É, o que eu acho que tem que acontecer é sair um concurso público pra suprir as vagas todas que tem... acho que nem um terço dos funcionários tem. Então eu acho que se saísse um concurso pra completar todas as vagas que têm, em todos os níveis, eu acho que ia adiantar bastante pra poder tocar os recantos que precisa, as partes que precisam ser melhoradas, né? E pode se tentar alguma parceria tipo público privada pra a gente ter mais recursos pra poder implementar toda essa ideia que os pesquisadores têm, que o pessoal, as ideias que enfim, que o pessoal tem de fazer e não podem, né? Porque sempre barra em falta de recursos.

(E) A nível de visitação, poderia ser melhorado alguma coisa?

(J) Eu acho que a visitação recebe um bom atendimento porque seguidamente a gente está recebendo e-mails e telefonemas de gente agradecendo pelo bom dia que teve no Jardim Botânico.

(E) E pessoas importantes, o Albano já saiu bastante, tanto nas outras entrevistas quanto e agora você falou bem dele. Pessoas assim, externas, até... que contribuíram de alguma forma pra melhoria do Jardim Botânico, você consegue lembrar de pessoas que contribuíram, de alguma forma, pra construção do Jardim Botânico?

(J) Bá, não, não lembro assim de... tem muita gente que ajudou, mas assim, muita gente que ajuda, tipo assim, doou coleções de plantas como o Xico Stocking, aquele que deu uma coleção de cactos pro Jardim Botânico. Tem muitas outras pessoas que cooperaram de uma forma ou de outra, mas eu não lembro de todas.

(E) E como é que funcionava a coisa da venda de mudas? Modificou muito de lá pra cá?

(J) É, modificou bastante porque há anos atrás quando a gente começou a vender mudas, a gente fazia, simplesmente fazia muda e vendia. Hoje não, hoje a gente procura fazer mudas de espécies ameaçadas que antes não se fazia. Então tem uma variedade muito grande de mudas e o cliente vem buscar, tem muita gente que vem só por causa dessas plantas ameaçadas. Tem gente que não tem mais lugar pra plantar. Eu tenho um caso ai de pessoas que compram mudas há mais de 20 anos, acabou enchendo uma propriedade de plantas e comprou outra propriedade pra continuar plantando. E tem um senhor aqui de Sapiranga que seguidamente ele vem só pra ver o que que ele ainda não tem. Então tem muita gente que vem procurar o que só pode conseguir aqui, uma planta diferente mesmo, rara. Ele vai achar é aqui. E ultimamente todas as coletas que a gente tem feito aí, toda ela é... como é que eu vou dizer assim? É de planta selecionada, matriz selecionada. São plantas muito boas. Então isso aí é um ponta a mais pra produção de mudas, pra venda de mudas.

(E) E me diz uma coisa, tinha feiras que aconteciam dentro? Fala um pouco sobre isso.

(J) Pois é, a gente teve... há anos atrás a gente tinha as feiras do verde, que vinham várias floriculturas de Porto Alegre, montavam uma feira durante dois finais de semana no Jardim Botânico. E era muito atrativo, tinha bastante propaganda, vinha muita gente. E o Jardim Botânico acabou ficando bastante conhecido também por essas feiras do verde. E depois acabou se terminando aí, não sei qual é o motivo que acabou terminando, mas era bem interessante na época. Tinha gente chegava esperar na época da feira pra...

(E) Seria interessante retornar.

(J) Seria muito interessante, mas... Parece que tinha um problema era de acesso do público, vinha muita gente junto no mesmo dia, no mesmo final de semana e a gente ficava com problema, o pessoal acaba machucando as plantas, estragando muita coisa, porque era muito visitante pra pouca segurança, poucos vigilantes. Mas era bem interessante as feiras do verde.

(N) O anfiteatro ele teve uso continuado quando ele foi instalado aqui?

(J) O anfiteatro mesmo, até hoje foi pouco uso que teve. Eu acho se tiver umas 3 ou 4 apresentações que teve ali acho que foi muito. Eu não lembro muito mais que isso ai. Outra coisa que era muito interessante na época aí e que também trazia um grande público pro Jardim Botânico era a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre que vinha tocar aqui. Então era... bá, atraia bastante gente, era um dos momentos mais esperados pro pessoal visitar o Jardim Botânico. E daí, eles conciliavam, né? Vinham assistir a Orquestra Sinfônica e visitar o Jardim Botânico.

(N) E isso teve durante muitos anos? Ou...?

(J) Teve vários anos a... durante vários anos teve a Orquestra Sinfônica.

(E) E tem alguma coisa que tu queiras acrescentar a mais, que tu lembres de pessoas ou formas de trabalho ou algum agradecimento, alguém que você lembre ou uma interessante mais pra encerrar?

(J) Bom, eu acho que assim, de pergunta interessante, interessante assim são os visitantes que eu já recebi aqui na venda de mudas, já recebi bastante gente ilustre ali, tipo assim, o Senador Paulo Brossard seguidamente vinha comprar mudas nossas. E como ele muitas outras pessoas, artistas da Globo, vários já foram ali visitar o viveiro, compraram mudas. Jogador de futebol se está em Porto Alegre seguidamente aparece um ou outro ali e acaba comprando uma muda. Então assim, visitante ilustre a gente sempre tem bastante, né? E eu acho que agradecimento, eu acho que todos que passaram ali deixaram uma grande contribuição pro Jardim Botânico. Então, eu acho que pô, tem que agradecer a todos que passaram por aqui sem citar nome senão a gente vai esquecer de alguém.

(E) Então eu acho que é isso, né? A gente quer te agradecer Juliano por todo o teu conhecimento, toda a tua disposição em poder nos ceder essa entrevista, né? E dizer que a gente é muito grato por todas essas pessoas passam aqui pelo Jardim Botânico. Tem todo o teu tempo de trabalho e dedicação ai pelo teu trabalho aqui no Jardim Botânico e todo o teu de trabalho e dedicação ai pelo teu trabalho aqui no Jardim Botânico. A gente sabe da importância que as pessoas têm dentro de todo esse contexto do Jardim Botânico.

(J) Então tá, eu agradeço a oportunidade também de poder me manifestar.

(E) O prazer é nosso.

(J) Então tá.

(E) Valeu.

Entrevista Julião

Tempo: 110'36"

(J) ...Então os outros não se interessavam muito e eu metia a mão. Eu prendi gente armada de revólver aqui só com a adaga. Enrolei o cara, enrolei ele na conversa, era bem por aqui que ele estava... e estavam a Embratel lá em cima e eu me fiz que não. Ele tinha dado tiro aqui dentro, roubado um rádio. Um domingo antes ele roubou um rádio, no outro domingo ele deu um tiro. E ai eles foram me chamar pra eu buscar a polícia e eu estava todo engessado. Aí eu perguntei pro encarregado: "o senhor tem dinheiro pra contar?" Ele disse: "não." Eu digo: "eu também não tenho." Ai ele disse assim: "mas o que vamos fazer?" Eu digo: "eu vou ver que é." "Mas o cara tá armado." Digo: "mas eu conheço meu eleitorado." Ai "o senhor só me mostra que é ele. O senhor viu bem?" "Vi." Digo: "como é que eu vou mostrar?" Digo: "eu vou indo e o senhor vai lá por baixo, então quando chegar perto do cara o senhor faz três vezes assim, no cabelo, que ai eu sei que aquele cara." Aí o cara estava sentado num barranco, e ai aqui faziam instrução do quartel, né? E o cara estava sentado num

barranco ali, ai eu fiquei assim, olhei, eu digo: “mas que lugar bonito isso aqui, o que que é?” Faz de conta que eu não era daqui, né? Aí o cara disse: “isso aqui é o Jardim Botânico.” “E aquilo lá em cima que estão botando, aqueles ferros lá?” Diz ele: “aquilo lá é a Embratel.” Quando ele espichou a mão assim, eu estava com a adaga enfiada aqui e as mãos pra trás, quando ele espichou a mão eu calcei ele com a adaga no coração “não te mexe que eu te mato.” Eu sabia que ele estava armado, né? Ai... mas não podia revistar porque não podia tirar a adaga, né?

(E) Sim.

(J) Ai ia indo com ele, ai vinha vindo um brigadiano à paisana ali, meu conhecido, eu digo: “revista esse cara aqui.” Revistou o cara não tinha arma. Aí eu disse: “não, mas o cara deu tiro, ele escondeu a arma por ai. Está preso igual, vamos descer.” Aí vou descendo com o cara, tinha uma moita cheia de japecanga, e quando nos passamos o cara fez assim com os olhos. A eu disse probrigadiano: “revista aquela moita ali.” Aí o cara foi revistar a moita tinha uma pistola, uma pistola de 15 tiros do exército. Aí prendemos a pistola. Aí o cara confessou. O guri aquele foi embora. Mandei. Não prendi, não podia prender, né? Só fiquei com... brigadiano ficou com a pistola. Ai no outro dia era domingo, eu estava de serviço de novo na portaria, quando eu vi apareceu um cabo lá e o rapaz aquele. Digo: “ai, vou me incomodar.” Aí o cara chegou no portão disse: “vem cá.” Eu nem estou. Eu estava dentro da portaria “vem cá.” Aí digo: “é comigo?” Ele disse: “é.” Eu digo: “então entra aqui se tu quiseres falar comigo.” “Não, vem cá.” “Eu não posso sair lá fora, sair lá fora é abandono de expediente. Se estou fora do recinto eu abandonei o expediente. Entra aqui.” Aí o cara entrou. Com perdão da palavra, da menina ali “é, não sei o quê.” Eu digo: “olha, pra mim tu és cabo fresco.” Enrolado. Eu digo: “não, fresco sobre as divisas, porque tu não sabes nem te expressar, eu servi três anos. Tu tens que te expressa de outro jeito, eu sou um homem de idade.” Mas aí ele amoleceu e abriu o jogo diz: “a pistola eu roubei dum capitão que foi fazer o Cras no Rio de Janeiro e eu fiquei cuidando a casa e como eu fiz tudo bem-feito ele não deu falta da pistola e me promoveu. E se o senhor entregar essa pistola lá eu vou perder a minha promoção e vou ser expulso.” Aí eu pensei, digo: “a pistola não tá comigo, tá com o brigadiano, eu não fiquei com ela, né?” Aí eu digo: “tá, então eu não vou dar parte de ti, vai embora.” Ai não dei parte dele.

(E) Que beleza, que beleza. E o senhor trabalhou em várias áreas aqui?

(J) Eu vou... de princípio eu era funcionário comum, eu entrei com carteira assinada, ai quando eu tava com 9 anos de serviço, de carteira assinada, baixaram um decreto que não ficava ninguém mais de carteira assinada, tinha que fazer concurso público.

(E) Sim.

(J) E diz que tinha de ter um... pelo menos um ginásio pra poder passar no concurso. E eu tinha estudado só o terceiro livro lá fora. Não sabia nem armar uma conta. Mas eu digo: “mas eu vou meter os peitos, eu vou.” Aí fui, cheguei lá me sentei bem na frente, lá no centro, naquela faculdade lá, Era perto de 600 pessoas, né? Ai a moça vai fazer um ditado lá, eu não sabia onde é que ia ponto nem nada, quando ela fazia uma paradinha eu achava “acho que aqui vai um ponto.” Botava. Foi indo, ai era as conta, eu não sabia armar as conta. Por exemplo, “o senhor ganhou... ganhava 199, tinha

que pagar 9 pra isso, 9,90 pra aquele.” Tudo quebrado. Eu não sabia armar a conta. Aí fiz de cabeça e botei o resultado “tanto, me sobrou tanto.” Ai tá, aí mais outras coisas lá. Daí quando saímos, os outros mais adiantado, que ninguém gostava muito de mim porque eu era durão e não... não aceitava, né? Ai os caras pra debochar de mim disse assim: “aquele continha do reboque, 5 metros de reboque a 5 cruzeiros, quanto é que tu botou?” Digo: “isso ai é a minha guriuzinha desse tamanhinho sabe que é 25.” Ele disse: “é 50.” Digo: “é 25.” “É 50.” Eu falei: “então vamos fazer o seguinte com vocês, eu faço um jogo, meia dúzia de cerveja com salame e queijo no primeiro bar.”

(N) Tem história esse guri pelo jeito, né?

(J) A ai o cara... aceitaram. Chegamos no primeiro bar mandaram o cara fazer a conta, o cara: “mas não precisa fazer a conta, a conta está feita, é 25, qualquer criança sabe.” Os caras ainda duvidaram. Aí pediram pro gerente. Sabe aquele tempo as maquinazinhas assim. Aí o gerente: “mas não precisa, mas vou fazer. É 25.” Aí tiveram que pagar a cerveja pra mim. Ai quando saiu o resultado do...

(E) Do concurso.

(J) Do negócio, né? Saiu: “capataz em primeiro lugar. Sota capataz em segundo. O Pedro é o chefe de pedreiro. Terceiro. Quarto: jardineiro Julião Mello do Prado”, que era eu. Aí eu peguei, disse pra eles: “olha, eu acho que se enganaram, botaram aquilo enganado.”

(E) E que ano era isso?

(J) Ahm?

(E) Que ano era isso?

(J) Eles fizeram... eu até de 57, era 10, 7, 9 anos depois. Nós já tínhamos 9 anos e se rodasse ia pra rua sem direito a nada.

(E) Ah!

(J) E morava dentro da repartição, tinha água, luz, tudo de graça.

(E) Beleza!

(J) E os 8 ou 9 filhos pra criar.

(J) É, responsabilidade, né?

(J) Pá!

(E) E desde que ano o senhor morava aqui?

(J) Ahm?

(E) Desde 54 mesmo?

(J) Eu entrei aqui em 57.

(E) 57.

(J) 59 mais ou menos eu vim morar aqui dentro porque desocupou uma casa. Até eu já tinha 2 anos de serviço. A primeira casa que desocupasse era pra mim. Aí iam dando pros afilhados, né? E a minha não saía. Aí desocupou uma e deram pro motorista. Aí eu embrabeci, ia fazer uma loucura e pedir as contas. Que eu era carteira assinada, né? Eu já tava de encarregado. Pedi as contas que eu ia ir me embora. Ai o cara esse que tinha ganhado a chave, eu conheci ele em Livramento, quando eu era rapaz novo morei em Livramento, e ele era motorista do governador, do prefeito de Livramento. Aí outro cara falou pra ele, ele foi lá e me entregou a chave, disse: “toma, eu não preciso dessa casa, eu tenho casa. Pode te mudar pra cá hoje de noite.”

(E) Que maravilha, né?

(J) Aí eu fiquei. Aí fiquei morando, morei 17 anos ai. Depois fui embora quando o Professor Urbano entrou aqui porque aí ele ficou ai 2 meses, assim, tipo bobeira, né? Até fazendo pesquisa. O Dr. Gilberto, aquele cara do zoológico, ai me disse assim: “seu Julião” era ele que estava coordenando, disse: “esse alemãozinho vai ficar fazendo umas pesquisas aqui e o senhor trata bem ele. Não tem quem limpe o escritório.” Não tinha mulher, não tinha nada. “Dá pra o senhor limpar o escritório e ajeitar pra ele?” Eu digo: “Dá, não me tira pedaço.” Aí fui lá no escritório, era lá embaixo, limpei, enfeitei, botei flor, né? Aí ele ficou ali. E o pessoal assinava o ponto e ia embora. Ou enchia o trator de tijolo e levava pra casa, né? E ele sondando tudo ali. E os caras diziam: “esse é um alemãozinho bobo que tá aí.” Eu digo: “bueno, então tá, então vai.” Aí passou dois meses ele me chamou no escritório. Diz: “Seu Julião, o senhor quer ficar comigo aqui?” Eu digo: “risada. O senhor quer ficar comigo aqui? Porque eu sou daqui.”

(E): Sim.

(J) Ele disse: “não, isso aqui não é mais do estado, é da Fundação Zoobotânica. Eu vou mandar todo mundo embora. Não quero ninguém aqui. Só quem vai ficar é o senhor e o Seu Miguel porque é carteira assinada o Seu Miguel.”

(E) Nossa.

(J) “E o senhor, eu quero que fique comigo aqui.” Ai eu digo: “mas não tem vantagem nenhuma porque eu trabalho sete horas e meia e vocês vão trabalhar 8 horas e quarenta e cinco.” Digo: “que vantagem eu tenho de estar trabalhando a mais?” Aí ele disse: “não, eu lhe garanto uns 100 mil-réis mais no seu ordenado.” Ah, eu digo: “então vamos conversar.”

(E) Já podemos conversar.

(J) Aí eu aceitei, né? Ele leu o papel, ai mandou pro governador, o governador assinou, mandou pra Assembleia, a Assembleia assinou. Fiquei emprestado por dois anos pra Fundação. Aí passou os dois anos, fiquei mais dois anos. Selecionei o pessoal. Pra ficar com vinte e poucos, eu acho que eu passei mais de cem, porque tinha gente que... Ninguém queria trabalhar, e tinha que trabalhar comigo, né?

(E) Sim.

(J) Tem gente que tá até agora, o Ari. O Ari entrou naquela época e era genro do professor. Não, cunhado. E o professor me diz assim: “oh, se não andar direito pode mandar embora também.”

(E) E andou direito?

(J) Andou, andou direito. Meio tapeando, ele era guri novo.

(E) Sim.

(J) Estava estudando, né? Mas andava, trabalhava direitinho.

(E) É, até hoje, né?

(J) Até hoje tá aí.

(E) Tá aí, né?

(J) E esse meu não trabalhava aqui no meu tempo.

(E) Também, né?

(J) Nem o filho, nem a filha. Depois que eu saí daqui, ai quando pra sair daqui pegou a entrar muito afilhado, compreende?

(E) Hãhã.

(J) Muita gente nova querendo pisar por cima dos mais velhos. E eu sou meio atrevido, nunca baixei a bola, nem o exército. E também nunca fui preso. Aí eu pedi uma reunião com o professor, com todo mundo. Aí fizeram a reunião. Aí eu digo: “agora eu quero que cada um dê a sua opinião, né? Sobre o serviço, o que que está funcionando errado. Tu dá a tua, esse dá a dele.” Foi passando a volta. Eu digo: “olha, esse rapaz aqui não trabalha mais comigo. Não é pra botar pra rua, ele bom de serviço, só que ele me desobedece, então comigo ele não trabalha mais, fica à disposição do diretor.” E fui perguntando pros outros. Ai chegou no chefe da guarda, né? O chefe da guarda eu já tinha trancado com ele naquele tempo ele era novo ainda. Então ele jogava um baralho lá na portaria lá embaixo. Eu cheguei, eu almocei e voltei e encontrei jogando e digo: “eu não quero saber de jogo aqui dentro.” Diz: “Ah, mas o João Alfredo...” que era o apontador “diz que pode jogar.” “Não pode, ele não manda mais do que eu aqui. Aqui o professor disse que quando ele não estiver a autoridade mais alta sou eu, mando em tudo.” Aí continuaram, né? Aí eu vim, peguei outro dia, ai fui direto ao professor e disse pro professor: “o senhor manda terminar com o jogo ou manda fazer um papel me recolher imediatamente pra minha repartição.” Ai diz: “não, mas que esperança, é proibido jogo. Ai passa um ali e enxerga, tira uma fotografia.”

(E) Claro.

(J) Ai já faz uma crítica. Ai eu sei que passou. Ai quando veio essa reunião, foi fazendo a volta e cada um dava a sua opinião, né? E eu escutando e o professor, né? Ai quando chegou nele eu disse assim: “agora o senhor faça o favor, o senhor dê a sua opinião.” Ai diz ele assim: “é, eu não vou dar opinião nenhuma.” Digo: “mas por quê? Faça como eu fiz. Eu dei. Esse aqui não me serve não me serve, eu digo na cara. Diz na minha cara.” Diz: “é, pra melhorar isso aqui tem ir uma pessoa embora.” Digo: “faz com eu fiz. Eu não quero mais esse. Ai diz quem é essa pessoa.” Ele diz: “eu não vou dizer porque faz parte da minha educação.” Eu digo: “olha meu filho, faz parte do medo que tu tem de mim. Não é da educação. Tu não diz de medo de mim. Tu não é homem, tu não se anima a dizer na cara.” Ai encerrou e ai eu disse pro professor: “pode mandar me recolher imediatamente que eu não fico nenhum dia aqui.” Até disse uma bobagem, né? Digo: “vocês são uma cambada de pé de chinelo e eu sou um funcionário público estatutário. Eu pra ir pra rua só por briga ou roubo. Nem porre eu não posso ir mais porque é doença.” E eu não bebia também. Ai fui embora. Ai me recolhi pra minha repartição. Ai cheguei lá das obras públicas. Ai cheguei lá o secretário era o Doutor Otávio Germano. “Seu Julião não tem serviço pro senhor aqui porque eu senhor fez concurso em jardinagem e não temos jardim.” Naquele tempo eles não tinham jardim lá. “Não temos jardim. O senhor vai ter que ficar sentado ai.” Digo: “bá! Mas eu vou ficar doente sentado porque está sempre caminhando.”

(E) Circulando.

(J) “Não, fica de... fica de contínuo dum velho ai.” Ai me botaram de contínuo de um doutor lá, eu nem me lembro como era o nome dele, sei que a secretária era a Dona Lourdes. Ai me sentaram na mesinha ali na porta, não era acostumado estar sentado, ia ler jornal cochilava, não dava. Ai eu fiquei uns dias ali, o finado Otávio Germano mandou me chamar de novo. Digo: Ai, ai, ai, de certo fiz alguma coisa errada.” Porque eu não sou bom no... Ai cheguei lá, disse: “Seu Julião, o negócio é o seguinte: o meu contínuo faz trinta e poucos anos que me acompanha e os dele estão se metendo em droga lá em Alvorada e prenderam e ele pediu pra mim fazer um ofício pra largar. Eu fiz. Agora prenderam de novo, ele veio, eu não vou fazer mais porque eu me desmoralizo. Eu vou mandar aposentar ele e o senhor vem pra cá comigo de contínuo.” Ali é bastante papel, ali é... Ai fiquei na porta sentado ali, né? Passou uns 15 dias. “Seu Julião vem cá.” Eu larguei o cafezinho ligeiro, digo: “fiz alguma coisa errada.” Ai cheguei, ele “não, toma o cafezinho primeiro.” Que ele era muito boa pessoa”. “Toma o cafezinho primeiro, saco vazio não para em pé.” Ai tomei o cafezinho e fui lá. Ele disse: “aqui, olha aqui, está vendo esse ofício aqui?” “Tô.” “Esse ofício aqui está lhe chamando pro Palácio Piratini, o homem que trabalha por três. Eu nunca tinha recebido um ofício assim na minha vida, tenho trinta e tantos anos de função.” Digo: “não é que eu trabalhe por três, é que eu sempre estou trabalhando.” Então, aqui no Botânico botavam gente a capitar uma rua, um dum lado e outro doutro, né? E eu tava sempre, sempre. Então às vezes eu chegava uma semana, era lá no fim, eu chegava uma semana antes que o outro. Então parecia que eu trabalhava mais, mas não, eu trabalhava a mesma coisa. É que tava sempre, sempre, né?

(E) Sempre. Acostumou a ir sempre, né?

(J) Ai fui pro Palácio, ai fiquei lá até... até o.. o Sima, até a época do Sima. Ai... porque ai já... Quando o Jair saiu eu pedi a aposentadoria, né? Ai o mordomo do Sima me topava muito. O que entrou de mordomo, era um subtenente, ele disse: “velho, tu não vai embora.” eu já tava com sessenta e pouco já. “Tu não vai embora, tu vai ficar comigo.” Digo: “ah, que vantagem eu tenho? Eu estou pagando pra trabalhar porque eu tenho que pagar a passagem, eu posso estar aposentado.” Ele disse: “eu te arrumo um CC4.” Eu digo: “o que que dá?” Ai ele diz: “mais ou menos uns oitocentos.” Ai digo: “ah não, então já dá de conversar.” Ai fiquei, né? Telefonei pra guria das Obras Públicas pra engavetar o meu processo de aposentadoria. E fiquei, fui ficando, fui ficando. Ai fiquei um ano e pouco e ele não podia arrumar, já tinha arrumado pros outros tudo e o meu não podia arrumar porque quando fiz 10 anos eu mandei passar pra ordenado porque ai nem que me tirassem de lá não podiam tira aquilo, né? Por lei. Ai tava difícil de tirar aquilo. Ai nós éramos da Casa Civil, ai mandaram... passaram pra Casa Militar. Ai pegou os brigadianos querer a mão no meu serviço. Ai eu perguntei pro tenente. Digo: “tenente, o senhor fez algum curso de jardinagem.” “Não.” “E prática rural? “Também não.” Eu digo: “então não se mete no teu serviço vai cuidar dos teus brigadianos e das tuas negras e me larga de mão.”

(E) É melhor, né?

(J) Ai ele diz assim: “abre o teu olho que eu te boto pra rua.” Eu digo: “nem tu e nem o governador. Eu já tenho mais do tempo de serviço.” Ai o cara me disse uma coisa e eu vim pra casa. Eu não vou dizer o que que é. Eu vim pra casa e fiquei pensando. Digo: “esses caras são capaz de fazer, encontrar uma droga no bolso, né? São capaz de fazer e me enrubar.”

(E) São mesmo.

(J) Ai cheguei no outro dia lá, telefonei pras Obras Públicas: “manda os meus papéis imediatamente pra aposentadoria.” Ai 30 dias deu a aposentadoria e eu tava trabalhando, o subtenente Ruben foi lá. “oi velho, tá trabalhando?” Digo: “mas eu sempre estou trabalhando.” “Tu estás aposentado desde ontem, pode ir embora.”

(E) Que beleza. E como é que era aqui o Jardim Botânico quando o senhor veio pra cá?

(J) Ahm?

(E) Como é que era aqui o Jardim Botânico quando o senhor veio pra cá?

(J) Aqui não tinha nada.

(E) É?

(J) Tinha uma figueira por aqui assim, a figueira que enterravam os despachos, mpre era cheia de vela e despacho. Eu acho que até ela morreu. Era uma figueira dessas ai. Eu acho que ela morreu. O mais tinha lá embaixo onde é o lago das tartarugas, ali era o chiqueiro de porco. Nós tivemos que tirar, né? E por aqui era a plantação de cana, cana doce, né?

(E) Aqui em cima.

(J) É, dos loucos ali, da colônia. Então os loucos xingavam nós que nós estávamos roubando as terras dele, né? E mais os matos de eucalipto lá embaixo, mato velho, né?

(E) Vamos tentar ir lá Nei?

(N) Vamos, vamos lá.

(E) Que a gente consiga registrar.

(J) É, esse lago aqui tinha, mas não era assim com é agora, Era um laguinho. Então dava muito trabalho porque enchia d'água e a gurizada vinha tomar banho. E não era pra deixar porque podia pegar doença, né? Então tinha que correr a gurizinha. E um dia eu cheguei, eles estavam tomando banho muito entretidos, e eu cheguei e me sentei perto das roupas deles assim, e fiquei sentado, né? Pra coisa que eles olharam que me enxergaram saíram correndo pelados e foram embora. E eu fiquei com a roupa. Eram tudo... os guri da colônia aqui, né? Ai peguei a roupa fui levar lá na cerca.

(E) Coisa boa.

(J) Eu nem sei. Eu acho que ele não é mais do estado, o Gilberto, ele foi diretor do zoológico muito tempo e foi diretor daqui também. Aquele sujeito muito bom também, muito direito. Ele me queria muito bem. Ele me queria bem porque eu cuidava direito, né?

(E) Sim.

(J) Ai mandaram o... mandaram de lá do zoológico pra cá um administrador, mas ele era empregado, carteira assinada, mas tinha um... tinham pegado ele jogando lá pelos matos, por lá e mandaram ele pra cá pra administrador. Ai o Dr. Gilberto me chamou e me disse assim: "olha seu Julião, o senhor não baixa a bola, não baixa a bola pra esse cara porque ele é carteira assinada e o senhor é estatutário. Não deixa ele pisar em cima do senhor e não deixa ele fazer coisa errada aqui dentro. Ai volta e meia nós dava uma trancada. Depois das 5 não podia entrar ninguém, né? Ele deixava entrar eu... montava calado... "né, eu sou administrador." "Mas não manda mais do que eu."

(E) É isso ai. Vamos chegar ali que a gente começa a entrevista oficial.

(J) Morava o diretor, então eu tinha fogão a lenha naquele tempo e eu todos dias de tardezinha ia buscar lenha pelo mato, levava o machado pra quebrar os tocos, né? E ia indo com um guri no carro e pro fundo da minha casa tinha um macegal e me lembrei que tinha um eucalipto arrancado há muitos anos ali, podia ter toco seco, né? Fui até um pedaço, quando eu olhei estava o capinzal todo amassado e eu senti um cheiro ruim, né? Ai fui pra frente, olhei e enxerguei a mão, só os ossos da mão de um cara assim, né? Ai cheguei até lá, né? Cheguei até lá, o cara estava com a cinta no pescoço, tinha um moncão de terra assim, e um pé de jurubeba em cima, um pé grosso e ele amarrou a cinta no pé de jurubeba. De certo tava, né? E laçou no pescoço e de certo caiu e morreu. E o chinelinho ali perto, né? Ai o que que eu ia

fazer? Digo: vou chamar a polícia, né? E antes eu cuidava do almoxarifado, onde tá esses matos de eucalipto ali. Aparecia até gente fugitiva da correção nos matos, né? Então todos os dias de noitizinha os cachorros acoavam eu “tá, tá, tá.” Fazia aquele barulhão pra correr dali, né?

(E) Afastar.

(J) Eu cuidava do almoxarifado que era na frente da casa. Ai chamei a polícia, ai veio a polícia, já apareceu 50 contra mim, né? Fazendo suposições, que eu morando ali como é eu não sentia o cheiro? E eu sentia o cheiro, só que a gente às vezes pela boca se contamina como diz o outro. Tinha um velhinho que já estava pra cortar capim e eu perguntei pra ele assim: “o senhor não está sentido esse cheiro.” Ele disse: “estou” Digo: “isso é cheiro de defunto.” Diz: “mas como é que o senhor sabe?” Digo: “porque todos os finados eu trabalho lá abaixo do cemitério.” Eu levava flor pra vender lá porque tinha família muito grande, então aproveitava e fazia uma defesa lá, né? E o cheiro, a gente conhece porque o cheiro de defunto é diferente.

(E) Diferente.

(J) Ai já apareceu, alguém disse que eu tinha arma, que eu dava tiro, que eu fazia, que eu acontecia. E já o repórter... já o repórter voltou a ver aquele monte de coisa, né? Ai a polícia pegou a dar em cima de mim. Eu digo: “mas eu não sei, eu não conheço o cara, deu a casualidade.” Ai a coisa estava ficando feia pro meu lado, né? Estava arriscando eu ser preso. Ai veio uma carta de Erechim de um primo-irmão meu e o meu padrinho que foi pobre, mas tava rico. Conheceu aquele...? Não, não era do seu tempo, Júlio Bruneli, o delegado muito famoso. Então o delegado veio no meu portão, encostou e jipe e me chamou. Ai eu digo: “olha, eu não posso sair fora do portão porque é abandono de serviço. Eu vi que era da polícia. Ai “não, mas vem cá, quero falar contigo.” “Não, não posso sair daqui, o portão tá trancado.” Ai ele desceu, foi lá, né? “eu vim aqui porque eu sou muito amigo do teu primo e do teu padrinho, o Edmundo Panelão. Quando eu tive muito mal de vida em Erechim ele me ajudou muito. E ele me pediu pra mim dar um jeito na tua vida, te mandar embora pra não te prenderem.” Digo: “mas que esperança. Eu sou empregado aqui, sou funcionário, tenho família, eu não fiz crime nenhum, eu não vou embora, não vou fugir não.” Ai “então eu vou fazer o que eu posso por ti pra ver se descubro isso.” Ai contei pra ele tudo. Ai tá, sei que descobriram. O rapaz tinha se matado porque a família dele era família mais ou menos, né? E ele bebia muito e envergonhava a família. Então a família chamou ele, fizeram uma reunião e deram um show nele, né? E ele disse que não ia incomodar mais, que não ia envergonhar mais a família. E se embebedou e se matou. Ai, até a arma que eu tinha em casa, até o calibre, a polícia sabia. “A arma, de fato, que eu tenho, mas faz 6 meses que eu não pego, tá na travessa do quarto, os senhores entrem lá e fotografem que ela deve estar cheia de poeira. O lugar dela é deve estar limpinho.” Ai eles foram lá, viram, fazia muito tempo que não era pego mesmo. Ai eu me incomodei bastante com isso.

(E) Me diz uma coisa Seu Julião, como é que era o relevo aqui do Jardim Botânico quando o senhor chegou? Tinha muito toco de morro? Tinha muita pedra? Como é que era aqui?

(J) Pedra?

(E) É, como é que era o relevo? Como é que era...?

(J) Não, era quase só terra vermelha. Isso aqui... até foi interessante a minha entrada aqui, porque eu estava desempregado. Eu trabalhei na (CCEI) 3 anos e fiquei mais 6 meses ganhando sem trabalhar pra não me botarem pra rua. Ai depois quebrou me botaram. Ai eu tava sem serviço e um senhor lá me disse: “olha, se tu quer trabalhar de ajudante de instalador hidráulico?” Eu digo: “tá, qualquer coisa.” “Então vamos trabalhar atrás da oitava lá, oitava delegacia, num colégio.” Trabalhamos 5 dias lá. Ai quando chegamos na faixa ali ele me mostrou: “tá vendo aquela terra terraplanagem lá?” Que de lá a gente enxerga, né? Eu digo: “tô.” Ele disse: “tu vai me pegar no centro agora a camionete Vila Russa.” Isso aqui era Vila Russa, o nome. “Vai pegar a camionete Vila Russa, vai desembarcar no fim da linha e sobe a rua direto e deixa a ferramenta lá que amanhã nós vamos pra lá fazer a instalação de 5 casas.” Ai eu vim, deixei a ferramenta e voltei. Ai vim trabalhar com ele, né? Ai fizemos as instalações nas casas tudo, e passou um senhor, eu até tenho a foto dele aqui. Esse senhor aqui era encarregado, o primeiro encarregado. Então ele me disse assim: “isso aqui é o serviço pra entrar pro resto...” Ele já morreu há muito tempo. Ficou louco. Morreu aqui dentro.

(E) O senhor qual é aqui?

(N) Como ficou louco? Como ficou louco?

(J) “Isso é um serviço pro cara que pegar aqui é pro resto da vida.” Ai eu disse assim pra ele: “com quem é que a gente fala pra pegar ai?” Diz: “é com umpadre, um padre de cavanhaque grande, um padre de cavanhaque grande que passa ai.” Ai eu tava trabalhando, o padre vinha vindo, eu sou católico, né? Quando era criança ia em catecismo e tudo. Terei o chapeuzinho, botei em baixo do braço, né? Cheguei lá: “com licença irmão, eu queria que o senhor me arrumasse um serviço ai porque...” Diz ele: “tu não tá trabalhando?” E é tipo brutão assim, né?” “Tu não tá trabalhando?” “Eu tô, mas é por dia, o patrão não trabalha eu não ganho, chove e não ganho, sábado eu não ganho, domingo eu não ganho. E eu tenho família.” Ai ele: “não tem vaga nenhuma.”

(E) E era esse aqui?

(J) Era essa turma toda, a primeira turma que entrou.

(E) Do Jardim Botânico, essa é a primeira turma, essa ai?

(J) O Seu Amarolino, um tal de João. Esse aqui não era, era funcionário aposentado que cuidava a portaria. Esse aqui Trindade, era pedreiro. Esse aqui é jardineiro. Esse era pedreiro também. Esse aqui é capataz, que depois ficou no meu lugar, depois entrou ele. Esse era irmão dele, esse outro é capataz. E esse aqui era eu. Ainda falta alguns que entraram primeiro que não estavam na ocasião.

(E) Bela foto.

(J) Esses dois aqui são os únicos que eu não sei se estão vivos ainda, o resto está tudo morto já, já morreu tudo. Então sendo eu e esses dois que eu não sei se eles vivem ainda, eles moram ai pra vila... moravam na Vila Jardim ai.

(E) Que maravilha!

(J) Mas ai como eu tava dizendo, ai o padre “não vaga nenhuma, não tem vaga nenhuma.” Bem estúpido, né? “Tá obrigado.” Me deu vontade de já largar os pés, mas... Ai de volta fui fazer o meu serviço. Então do lado de cá da casa tinha um gramado muito bonito, daquela grama-de-forquilha assim, e eu agarrei e cortei toda ela assim, tinha fazer um buraco em volta da fossa negra. Ai fazer, tapar o esgoto. E eu tirei ela toda pra um lado, fiz o buraco mantendo a fossa, fechei e coloquei toda a grama no lugar de novo, lavei bem, aguei e bati. Ai 5 dias depois o padre passou. Eu tava sentado, tinha terminado o serviço. “Por que que tá sentado?” Era bruto assim, né? Eu digo: “terminou o serviço.” “Mas como se tá do mesmo jeito ali.” Eu digo: “porque eu achei bonito e deixei do mesmo jeito.” “Muito bem, muito bem. Cadê os seus documentos?” Eu digo: “Ah, não estão aqui comigo.” “Então traz amanhã e apresenta pra o meu administrador. Tu tem toda a tendência pra trabalhar aqui.” Ai no outro dia eu trouxe os papéis e encaminharam. Fazer todos os exames pra entrar no estado, né?

(E) Tinha bastante padre aqui, né?

(J) Ahm?

(E) Tinha bastante padre? Tinha bastante padre aqui, né? Padre, Freira?

(J) Não, só o padre. Ele era diretor dos La Salles.

(E) Ah, certo.

(J) Mas ele era brutão. Depois, de saída nós saímos se dando muito bem, mas depois ele pegou a apoiar certas coisas que eu não apoiava, né? Porque o que esses dois aqui faziam, um tinha sido motorista dele e o outro era irmão do motorista, era guarda. Então material ia, né? E eu abria a boca. E ainda sujei com o padre também, né? Ai me juraram de me fazer eu calar a boca, né?

(E) Sim.

(J) Ai eu disse: “olha, eu sou magrinho, pequenininho.” Eu disse pra esse rapaz aqui. “Eu sou magrinho, franzininho, mas não nasci de 7 meses, nasci no meu tempo normal, não tenho medo de homem.” Passado uns 3, 4 meses, eu tava de folga na noite, ai apareceu um vulto na portaria e eu saí de atrás porque aparecia louco ai, eu saí de atrás pra ver se não era louco, né? E era um deles fazendo (sotage) pra mim sair. Eu saí, quando chegou ali perto da figueirinha, aquela da curva, eu tentei subir o barranco pra sair na frente dele e me tocaram bala, me deram tiros. E eu atirei atrás do barranco, caia terra em cima de mim, né? Ai tá, tinha só a pistolinha, dei um tiro, trancou a cápsula, tive que correr escondido por trás do barranco. Ai fui lá em cima,

juntei mais gente, vim, não encontrei mais ninguém. Ai no outro dia comuniquei ao diretor o negócio, né? Ai ele em vez disse assim: “você tava dormindo e sonhou que tinham feito isso.” Eu digo: “não senhor, está o sinal lá na terra vermelha, eu lhe digo até o tipo arma porque eu servi 5 anos, é 45... é 44, o cano bloqueado com bala com bala de 45, o ____ 45. É armada pesada, não é revólvinho.” “É, tu tava dormindo pensou.” “Então faz o seguinte: diz que eu estou louco e me manda colocar num hospício e me aposenta.” “Não, isso eu não posso fazer.” “Então eu lhe faço outra proposta...” Naquele tempo eu não tinha nada pra escutar, né? A gente podia dizer o que queria porque era eu pra ti e tu pra mim, né? Agora (outra gente ouve). Ai eu disse assim pra ele: “então faz o seguinte: me dá um 38 e duas caixas de bala e manda os teus cupinxas voltar de novo porque eu conheço, conheci todos eles.” Eu conheci todos eles. Era esse, o irmão dele e um sargento da polícia de trânsito, sargento... até o nome eu sabia, mas é que eu não podia dizer por que não tinha testemunha, né? Não tinha prova. Ai eu disse pro padre: “eu vou dar parte.” Ele disse: “se tu der parte tu vai pra rua porque aqui é repartição pública, isso é resolvido internamente, não é da rua.” Ai eu tive... botar... botar o freio na boca, né? Mas depois ficamos amigos tudo.

(E) Que ano que veio o hospital pra cá?

(J) Ahm?

(E) O hospital veio que ano pra cá?

(J) Ah, o hospital já tavaai quando nós viemos pra cá.

(E) Já estava.

(J) Já era velho ai.

(E) É? E eles plantavam, né?

(J) Ahm?

(E) Eles plantavam?

(J) Plantavam lá e plantavam aqui. Aqui já tava meio atirado, mas tinha cana doce, que é velho assim, né? Do lado de lá, eles plantavam bastante. Até tem outro caso: tinha um louco que costumava roubar galinha da tua casa e largar na outra casa, do outro vizinho. Tu levantavas de manhã... tu tinha 3, 4 galinhas, tu levantava de manhã e tava com o pátio cheio de galinha. E o louco morreu fazia 5 anos. Eu não sabia, né? E bateram na casa do meu vizinho, na frente da minha casa, no galinheiro 9 horas da noite. E o vizinho era... É esse, esse aqui. Era muito medroso. Botou a boca no mundo “compadre me acode, estão roubando as minhas galinhas.” Eu toquei os cachorros, eu tinha cachorro brabo, e os cachorros bateram no louco e ele desceu mato abaixo correndo e eu com um pedaço de pau de atrás, e os cachorros bateram nele e ele deu volta, deu volta e ainda peixamos, nos escuros se peixamos e eu derrubei ele, né? Derrubei e agarrei e dei uma bordoadada e gritei, né? Ai chegou mais aquele e mais um cunhado meu e tiramos ele agarrado. Mas o cara fedia, fedia, fedia. E os cachorros queriam pegar o cara de todo jeito. E a gente dando nos cachorros. Ai levei o cara até... até quase aqui a... a... em frente o museu e mandei ele embora pra colônia. Ai

me deu o nome e tudo, né? Ai no outro dia eu falei com o Seu Machado que era o chefe da colônia dos loucos, né? Ele disse: “Seu Julião, o senhor tá brincando comigo, homem é morto há 5 anos.” Eu digo: “não, de o homem é vivo, eu agarrei ele e trouxe. O nome dele é Ventura.” Eu disse: “é, isso mesmo. Não, ele é morto há 5 anos.” “Não acredito, eu trouxe o homem agarrado até aqui em cima.” Ai me levou lá nos escritórios pra me mostrar as fichas. O homem era morto há 5 anos mesmo.

(E) Bá!

(J) Eu fiquei com aquela... será que eu agarrei o morto? Porque fedia bastante. Ai o meu cunhado... até o meu cunhado já morreu. O meu cunhado disse assim: “Seu Julião, o senhor não prestou atenção que aquele louco tinha o cabelo quase pela cintura e os loucos é tudo cabeça rapada.” Eu digo: “mas é mesmo. Na época ele vivia no lixo. Que ali embaixo tinha um depósito de lixo. Aqui dentro do jardim, depois fecharam. Tinha um depósito de lixo, ele devia de estar lá no meio.

(E) Em que lugar? Em que lugar tinha?

(J) Ahm?

(E) A onde tinha esse depósito de lixo?

(J) É bem no canto da... não bem no canto da Cristiane, pra cá um pouquinho. No canto da Cristiane tinha 200 metros ali que era do exército. Ficava dentro do jardim, mas era do exército. Que a Ipiranga, parece que mudaram mais pra lá, né? Então cortaram um pedaço do exército ali. E depois eu não sei se a PUC ficou, né? E ali a onde é a PUC, ali a onde é o hospital, ali era a cancha de correr carreira, jogo de osso, tiroteio. Pra cá tinha uns matinhos rasteiros assim e tiravam areia. Porque a cerca fazia toda a volta e desaguava lá. Então eles tiravam areia, roubada porque o estado não dava areia.

(E) A sanga nascia aqui?

(J) Essa que passou, fazia toda a volta. Começava lá na Chácara das Camélias. Chácara das Camélias era do lado de lá da Educação Física. Tem uma rua ali.

(E) Hum hum.

(J) Ali era a Chácara das Camélias. Ali tinha uma vertente. E a água vinha vindo, vinha aumentando, aumentando e virava na cerca, fazia a volta e vinha, e ali ela terminava em banhado. Banhado seco assim, quando chovia molhava e depois secava. Então eles entravam de caminhão de ré, enchiam os caminhões. Saia 4, 5 caminhões por dia de areia. Ai me chamaram no dia... tudo é... me chamaram no dia e me fizeram uma proposta: pra mim assinar o vale que eu ganhava R\$ 100,00 e mais o meu ordenado. E eu pensei, eu digo: “não, eu fico só cuidando do meu pessoal e o meu ordenado, eu não quero nada de compromisso com nada. Eu vi que aquilo era... era coisa errada, né?

(E) E esses banhados? Esses banhados que tem aqui?

(J) No fundo do Jardim?

(E) É.

(J) Ali tinha um banhadinho. Até... eu não sei se ainda tem, tem uma vertente ali muito boa. Até nós botamos um tubo, um cano daqueles grandes, botamos pra nós tomar água dali que era melhor do a água da Corsan. E ali ela semeava água probanhadinho ali e água que vinha lá de cima, da Chácara das Camélias, que chamavam, fazia toda volta, né?

(E) O Arroio Dilúvio, o arroio ali da Ipiranga? Ele não passava ali. A onde é que ele passava antes? O Senhor lembra?

(J) Não, quando eu cheguei, ele já tava onde ele tá agora.

(E) Já tava canalizado.

(J) Mas diz que ele era mais pra cá, né? Porque cortou, ficou 200 metros do quartel. Ficou no canto da Cristiano Fisher. E de um certo pra cá é o depósito de lixo. Ai depois o Jardim fechou, terminou o depósito de lixo. Até fazer uma barragem ali, em baixo já tinha mais ou menos umas 600 pedras e aquilo tudo foi, né? Pra fazer a barragem. E ai parece que não puderam fazer porque diz que essa barragem ali ia amolecer a terra da rua, da faixa. Não dava de fazer a barragem, não saiu.

(E) E essa sanga? Como era o nome da sanga? Tinha um nome?

(J) Não, eu não me lembro.

(E) Ah, não. E ai tinha a sanga que saia pro lado da ESEF ali, né, da Educação Física.

(J) Ela saia lá da Rua das Camélias, tinha... tem um colégio lá ainda, eu acho, pra lá da Educação Física tem um colégio, adiante do colégio tem uma rua, ai a vertente saia de lá e passava por trás da... ali a onde é a Educação Física, passava por ali e passava a rua. Não tinha rua na frente do Jardim, era um caminho, não tinha rua. Atravessava ali e ia crescendo, né? Ia crescendo com as vertentes.

(E) E do outro lado? Do outro lado, no outro banhado também tinha?

(J) Também.

(E) Uma outra sanga também, não?

(J) Não, do outro era plantação, o banhado era só do lado do Jardim, uma parte ali que tinha.

(E) Perto de onde eles plantavam, né? Da...?

(J) Depois passava lá pros lado dos eucaliptos, (irmão) fazia a volta lá por onde fizeram esse negócio da Brigada lá.

(E) Hum hum.

(J) Fazia a volta lá e ia desaguar lá perto da PUC.

(E) O Dilúvio.

(J) Esses tempos, eu fui consultar ali e disse pro doutor: “eu já conheci isso aqui cancha de correr carreira, jogo de osso. Diz ele: “é mentira.” Eu digo: “quantos anos o senhor tem?” “Eu tenho 60.” Digo: “e eu tenho 88, quase 89.” Eu disse: “quem tá mentindo é o senhor, o senhor não sabe nada.” É um doutor brincalhão, né?

(E) É. Tem alguma pergunta também pro (Julião) ai?

(N) Dos plantios, como é que eram as roças aqui? E quanto tempo durou essas roças?

(E) Quanto tempo duraram essas roças aqui, esses plantios que tiveram aqui, essas plantações que ele fazia? Até quando durou a plantação?

(J) Daqui deles durou... eu fui embora e ainda eles plantavam. Depois terminou com tudo. Mas ai repartiu, né? Ai a nossa cerca era do lado de cá da sanga, a sanga passava na beira da cerca. Tinha um mictório do antigo era lá embaixo. Está tudo atirado pra lá, né? O catário também, aquele catário antigo. Aquilo quem trouxe as mudas dos cactus pra ali foi eu. Eu trouxe lá frente do Hospital Petrópolis. Um velhinho chamado... é mais ou menos assim um ZuquiVuqui. Eu não sei se é verdade. Mas não era brasileiro. Eram 300 tipos de planta, né? Ai botamos nesse catário de baixo e eu cuidava ali. Ai depois quebravam o vidro, pegaram a roubar, pegaram a se sumir, pegou a ficar pouquinho. No fim até eu quase ____ porque eu disse pro administrador: “como é que o senhor deixou os cactus? Não tem o guarda ai?” Diz: “mas o guarda não pega.” Digo: “mas eu vou pegar.” Ai ele duvidou, né? Ai eu peguei uma roupa de louco, um chapéu de palha todo esfiapado e me sentei lá perto de catário no chão de tardezinha. Ai vinha vindo 3 rapazinhos, ai fiquei riscando no chão assim. Ai eles deram risada da minha cara ainda, fizeram a volta e o mais pequeno entrou pelo buraco do vidro e tirou o cacto e alcançava pros outros. E eu tinha um cachorrão grande, mas não era ensinado. Nós falava no nome dele ele balançava a cola, né? Eu fui por trás e peguei meio tijolo e gritei com eles “não corre porque eu mando o cachorro pegar vocês.” Ainda um guri diz assim, o que mais pequeno... mas não eram ladrões, aventureiros, criança. Um era mocinho já. E disse: “bá, parece feiticeiro esse cara. Como é que nós não enxergamos ele?” Os caras, eles enxergaram o louquinho riscando lá.

(E) Sim.

(J) Ai prendi tudo. Ai levei. “Se largar da mão eu mando o cachorro pegar.” Mas o cachorro não pegava, não era ensinado. Ai chegou lá na portaria o cara que era... que se intitulava administrador não queria chamar a polícia. Eu disse: “se o senhor não chamar a polícia eu entro com um ofício me queixando do senhor amanhã. O senhor é CLT e eu sou funcionário estatutário.” Ai pegou a encher de gente ali, um guri conseguiu fugir. Ai veio a polícia, ai chamou a polícia, veio a polícia. Ai quando a polícia chegou um senhor alto, disse assim: “o que que vocês estão pensando? Eu sou tenente da Brigada.” Morava naqueles edifícios ali em cima. “Eu sou tenente da Brigada, larguem os meus filhos.” Ai o negrinho, que era o sargento disse: “não, eles

estão com produto na mão, eu não posso largar.” Ai “Esse parece até louco. Vocês prenderam os meus filhos. Eles disseram que estava vestido de louco, mas tá aqui os documentos dele.” E eu: “quer mostrar os documentos.” “Ah, meus documentos ficou em casa, me levem lá pra pegar.” Disse: “no seu tempo a polícia levava em casa pra pegar documento, agora a gente não leva.” E ele foi pro lado do negrinho como pra agarrar o negrinho e o negrinho fez assim, né? Nada, não puxou o revólver, só fez menção de pegar. Ai o cara parou, né? Ai nos botaram... me botaram junto com ele, levaram lá na paineira lá em cima, chegou lá não dava de resolver lá porque eram menor. Ai foram lá pra Jaime Telles lá. Ai explicou tudo ai. Quando é de noite já vem o Dr. Gilberto na minha casa saber como tinha investido. Ai eu expliquei por que o outro, o administrador estava diferente, dava contra mim, né? Ai veio o doutor, nem sei, ele já morreu, aquele outro, Júlio Becker, um que era de negócio de árvore, ele ficava louco quando via uma árvore cortada. Não me lembro.

(E) Se o senhor quiser água tem água ali.

(J) Eu não me lembro o nome dele. E também saber como é que tinha sido o negócio, né? Que o outro contava de um jeito. Eu digo: “é mentira dela, eu digo na cara dele, foi assim, assim, assado. Que vêm roubando planta há muito tempo e eles não pegam. Eu não sei se é ele que ajudando a vender.” Ai fomos pra lá, chegou lá, um dos guris ficou lá preso, o outro soltaram porque tinha que tomar remédio. Ai pra no outro dia ser resolvido o caso. Ai no outro dia fomos lá, ai veio o Dr. Gilberto, veio esse outro Lúcio Beguer, finado Lúcio Berguer, também me topava muito, e mais advogado do estado. Ai chegou a mãe do guri, dos dois guris, me disse chorando: “o senhor tem filho?” Eu digo: “eu tenho doze ou treze.” Ela disse: “o senhor cria o seu filho? O meu filho vai fazer o vestibular agora, se ele for preso ele não vai poder fazer.” Ai entrou aquele, né? Ai eu chamei o Dr. Gilberto e pedi pra ele, eu digo: “Dr. Gilberto, eu pensei bem uma coisa, esses guris não são ladrões, porque se eles fossem ladrões eles não tinham atrás da minha conversa, eles tinham corrido e ido embora. Porque os ladrões não vai atrás, e eles foram na minha conversa, ficaram com medo de correr. É que eles não eram ladrão, eles estavam uma brincadeira, uma aventura. Resolva ai pra largarem eles.” Ai resolveram, botaram uma pedra em cima, largaram eles.

(N) Como que eram os campos aqui? A vegetação?

(E) Como que era a vegetação aqui? O Campo? Como que era? Era serrado, campo...?

(N) Campo? Mato?

(J) A vegetação do Jardim?

(E) Isso.

(J) Naquela época estava quase que terminado porque tinham passado máquina e tudo, só tinham os matos de eucalipto lá e os matos lá embaixo, onde fizeram o hospital ali, ali tinha os matinhos rasteiros que eu ia buscar vassoura ali. Às vezes me topava com um preso fugido da correção escondido ali. Uma vez eu vinha vindo, tava um cara, tinham feito fogo e eu vim por dentro da valeta, eu vinha com o machado e ai

virei o machado, botei embaixo do braço e virei a ponta, como se fosse uma metralhadora pro lado deles, né? Quando chegou perto eu gritei com eles: “você estão presos.” Eles: “ah, vizinho não faz isso que depois o senhor vai ser prejudicado.” Ai eu falei: “não, então vocês se escapem daqui, vão embora daqui, se escapem porque eu não chamar a polícia.” Chamar a polícia quando e depois... Ai apagaram o fogo e foram embora. Os vizinhos tinham feito queixa que tinham roubado galinha e...

(N) A pergunta é se tinha mato e campo.

(J) Mais era terraplanagem tudo, né? Até já iam retirar as máquinas e veio o diretor do DAER e o administrador. Era o afilhado do padre nesse tempo, lá não sei de que país era, que ele estou com o padre. Ele era aluno do padre. Depois ele seguiu, parece com o circo, namorou uma artista muito bonita e seguiu o circo. Depois no fim ficou perdido pelo mundo e o padre encontrou ele mal de vida e trouxe e botou de administrador. Muita boa gente que ele é. Só bebia _____.

(E) E essa terraplanagem que tinha...

(J) Ehm?

(E) A terraplanagem era do quê? Da...

(J) A terraplanagem em toda lomba aqui, né? _____.

(E) Era da TVE ali? Que eles construíram pra TVE?

(J) Era do DAER as máquinas que vieram pra terraplanagem.

(E) Mas pra que que era essa terraplanagem? O senhor se lembra?

(J) Pra ajeitar porque era isso tudo, né? Pra ajeitar pra depois fazerem. A planta do jardim aqui era a coisa mais linda, mas saiu tudo, não fizeram igual à planta. Eu podia ter guardado a planta, que ela foi feita toda em marquise de madeira toda ela, mais ou menos do tamanho assim. E ai mandaram botar fora, já estava comida de cupim. Eu podia ter guardado ela.

(E) Não tinha mata nenhuma?

(J) Eles não fizeram nada igual, tudo diferente, né? Ai eu sei que veio o diretor do DAER pra levar as máquinas e o administrador bebia e tava bêbado. Ai nós tinha levado pra casa, botado a dormir. E ele: “e agora o que que eu faço?” Faltava abrir a rua ainda. Digo: “vou me intitular o administrador.” Eu era peitudo, né? Ai eu digo: “as suas ordens.” “Eu quero falar com o administrador. Eu digo: “o administrador está dispensado hoje, está de aniversário e não está ai. Foi passear. Quem ficou no lugar dele sou eu.” “Eu vim pra mandar recolher as máquinas.” Digo: “mas não daria pro senhor deixar mais uma semana? Porque ainda tem umas ruas pra abrir, que eu sabia, ele tinha me dito, pra abrir.” “Mais uma semana. Tá, então eu vou deixar mais uma semana com você.” Depois quando ele melhorou, eu digo: “pô, o senhor me apronta cada uma, eu tenho que me apresentar como administrador, um cara que não sabe nem escrever direito.”

(N) Juliano, o sangão com o mato, se tinha como tirar?

(E) Como que era? Era campo ou mato que tinha ai? E se já tinha butiá?

(J) Como é?

(E) Era campo ou mato que tinha?

(J) A onde?

(E) Aqui no Jardim Botânico antes da terraplanagem.

(J) Aqui era campo, tinha plantação de cana.

(E) E tinha butiá já?

(J) Tinha mato, um certo trecho tinha um matinho que descia e lá embaixo também, um matinho, um matinho rasteiro assim, né?

(E) E butiá?

(J) Butiá tinha bastante. E mato de eucalipto, mato de eucalipto é muito velho. E ali embaixo onde é as tartarugas ali, ali tinha uns cinamomos velhos, uma... uma... como é que se diz? Eu não me lembro o nome, uma árvore que era a árvore mais velha que tinha ai. Aquela, orelha de negro que chamam, timbaúva. E ai eles fizeram tira o chiqueiro de porco e fizeram aquele lago ali. Tinha até uma ilha no meio, depois tiraram a ilha. Ai nós trouxemos peixe, botamos ali, mas os caras tarrafeavam de noite, os guardas, e levavam os peixes.

(N) E tinha muito butiá na região?

(E) Se tinha bastante butiá então?

(J) Ahm?

(E) Tinha bastante butiá então?

(J) Tinha bastante, mas tá morrendo muito, né?

(N) É verdade.

(J) Tem, tem um lugar ali que eles tinham uma... uma parte que tinham os butiazeiros, é onde tinha o butiazeiro mais doce. Eu nem sei se ele já morreu ou não. Era tudo graúdo. Porque é o quadro de pinheiros que era do Brizola. Então tinha uma placa com o nome do Brizola. Ai tentaram quebrar placa, tiraram um pedaço, era de mármore, tiraram um pedaço. Ai eu estava trabalhando lá e foi um cara lá que era chefe de escritório, era contador, e me deu uma ordem que era ordem do diretor, mas eu fiquei desconfiado, mas... Porque o diretor não mandava ordem, ele me chamava e me dava as ordens pra mim mesmo, e fiquei desconfiado. Que era pra mim arrancar a placa. Ai eu digo: "eu não vou arrancar a placa. Agarrei e virei, era uma pedra grande, né? Virei, virei a pedra, a placa deve estar até hoje debaixo da pedra, com o nome do Brizola.

(E) Estava em cima. Quando tirar as pedras.

(J) E os pinheiros cortamos. Um dia entraram ali e cortaram quase tudo. Até ma vez me deixaram... me pegar as 10 horas pra cuidar pra não deixar cortar os pinheiros, né? Ai eu vim às 9 horas. Quando eu vim às 9 horas, conhecia bem o ambiente, no passar dei falta de um pinheiro, nos escuros, que era acostumado ali. Ei procurei nos escuros assim, achei o toco, mas a resina já estava meio seca. Digo: “isso ai foi tirado muito cedo.” Ai quando foi no outro dia deu aquele povo, né? Queriam me dar 15 dias de gancho porque eu deixei roubar um pinheiro. Eu d'igo: “eu fui antes da hora, era pra mim ir às 10 horas, eu fui às 9 horas e já tinha tirado o pinheiro. Ai vira, mexe tinha um negrão que se dava comigo, morava do outro lado, viu quando cortaram o pinheiro, né? Ai ele me chamou me disse assim: “Seu Julião, eu me dou com o senhor, o senhor tem família grande, se o senhor ver, isso se senhor ver que o senhor vai pegar gancho mesmo o senhor me chama que eu vou testemunhar quem é que cortou o pinheiro, mas vê se não precisa fazer isso porque é um guri de um funcionário público, vizinho aqui. A gente que não quer.” Ai abaixaram a bola, ficou por merecimento, né? Depois vieram, noutros natais passados vieram de tardezinha e cortaram 14 pés de pinheiros, botaram numa camionete e levaram. Ai foram lá em casa me avisar. Eu digo: “eu não tenho nada ver, eu não estou de serviço, o administrador está lá na portaria. Nem tô” Játava cheio de tanto me incomodar, né?

(E) Sim.

(N) Sim. E os bichos?

(E) E a fauna? Os bichos que tinha? Tinha muito bicho?

(J) Ahm?

(E) Tinha muito bicho?

(J) Ah, aqui aparecia, perdiz tinha de monte, lebre, raposa, aquele bicho... como é que é Eduardo? Um bicho que era... vinha de lá dos matos porque não tinha... Ali a onde tem aqueles edifícios ali, tudo era campo do lado de lá. A gente tinha daqui um mato Sampaio de carroça, atravessava por dentro dos campos. Não tinha casa, não tinha nada. Então vinha guaraxaim ali, vinha aquele outro bicho, como é nome? Parecia um chachorrão grande? Tamanduá. A gente via eles acuar de noite. Eles vinham aqui. E um dia os meus cachorros bateram ai na ponta do mato ali. De manhã cedo era aquela bagunça com os cachorros. Fui lá ver, tinham achado jaguatirica lá na ponta dos galhos. Ai eu disse: “mas como é que esse bicho veio parar aqui? Então tem que ter a mãe dele aqui.” Ai gritei, gritei, gritei, trabalhei quase uma hora pra conseguir a laçar ela com a taquara, né? Quando queria entrar ela tirava com as mãos. Até que uma hora enganchou no pescoço. E os cachorros queriam pegar e eu não deixava, levantava pra cima. E os outros guris corriam os cachorros. Ai me pegaram, prenda na gaiola. Braba, arreganhava os dentes, né? Ai fui, comuniquei por jornal, né? Ai o jornal me fez uma proposta: faziam um seguro e mim largar ela e pegar pra televisionarem, né? Pra mim largar ela, que eu não disse que tinha pegado no jardim porque ia assustar os visitantes, né? Estava com a cabeça, eu disse que tinha pegado lá no mato dos Flores, lá pra cima. Então eles me fizeram a proposta, eles assinavam o

negócio, se eu acaso perdesse ela eu ganhava indenização, né? Pô, e eu faceiro, mal de vida, ia ganhar uma nota, né? Quando é de noite aparece um senhor lá: “desculpa, me disseram que o senhor pegou uma jaguatirica.” Dizia que era um filhote de leão, de tigre, né? E era jaguatirica. Eu conhecia, era pintado. Ele disse: “peguei.” Ele disse: “é minha.” Digo: “mas como é que eu vou saber que é sua? Ele disse: “muito bem, eu lhe faço uma proposta: eu chamo pelo nome dela e o senhor abre a porta e eu meto a mão e ela vai subir no meu braço, vai vir no meu ombro.” Eu digo: “tá, aceito.” O cara morava naqueles edifícios ali na Barão de Amazonas. Ele era jornalista. Ai abri a porta, ele chamava “Neneca, Neneca.” E ela arreganhava os dentes. Ela cheirou a mão dele e subiu, veio pro ombro dele. Ai eu deixei ele levar. Digo: “putz, e eu pensando de ganhar uns 100 pila, ele me deu só 10 pila.

(E) Grana, né? Que coisa linda!

(N) E os visitantes, como é que era?

(E) Como é que era a visitação? A visitação aqui no Jardim Botânico, como é que era?

(J) Vegetação?

(E) A visitação, como é que era? Tinha muito visitante?

(J) De primeiro?

(E) É.

(J) No princípio, quando não tava aberto vinha pouca gente, depois quando foi inaugurado já vinha mais gente, né?

(N) Quando foi inaugurado?

(J) Vinha mais era malandragem, tinha que cuidar.

(E) Que ano foi inaugurado?

(J) Ahm?

(E) Que ano foi inaugurado? A inauguração foi que ano?

(J) A inauguração, eu não me lembro o ano. Eu sei que quem inaugurou foi o finado Hildo Meneguetti e o Major Triches. Eu tive que ir lá em cima, eu morava lá, o almoxarifado era lá, correndo buscar uma pá nova para eles plantarem a primeira árvore. Até o velho Meneguetti nem sabia pegar a pá. Agora, o outro era bom de pá, o Triches.

(N) E o Padre Rambo já... conhecia o Padre Rambo.

(E) O senhor conheceu o Padre Rambo? Padre Rambo.

(J) Como é?

(E) O Padre Rambo, o senhor conheceu?

(J) Não me lembro. Ele andava fardado ou não?

(N) Sim.

(J) Então eu não me lembro. Eu sei que tinha... vinha um senhor seguido aqui que ele colecionava foto de beija-flor. Então volta e meia ele vinha aqui me perguntar se eu não via beija-flor diferente, né? Um dia, eu disse pra ele: "olha, eu vi um beija-flor ai que eu nunca tinha visto, com as asas brancas. Ele disse que ele colecionava.

(E) Mais alguma pergunta? Aproveitar.

(J) Mas no princípio, no princípio...

(N) A gente podia dar uma volta com ele.

(E) Pois é, o senhor não quer dar uma volta? O senhor não quer uma volta por ai.

(J) Não. No princípio a coisa era braba aqui, a gente estava, quando a gente via vinham os ladrões correndo e a polícia atacava: pá, pá. Atravessava aqui pro Mato Sampaio, iam pro Mato Sampaio. Depois a gente largava as enxadas e se atirava no chão pra deixar eles passar.

(N) E o Mato Sampaio é a onde?

(E) Onde era o Mato Sampaio?

(J) Ahm?

(E) Onde era Mato Sampaio?

(J) Lá em cima. ____direto assim. Acho que ainda tem lá de certo. Mato Sampaio é lugar de puro... puro elemento mau, né? Até uma vez nós fizemos uma loucura, tinha um funcionário nosso que morava lá em baixo, e ele tinha uma menina muito bonita, uns 14 anos. E então de lá ela subia, só tinha uma baixadinha assim, que a gente não enxergava, né? Ele esperava ela ali e agarrava ela a unha e puxava pro mato e a gurria tinha força, né? Conseguí se safar do cara e subiu correndo, gritando, chorando, né? E nós saímos, toda turma, uns com foice, outros com gadanho, outros com garfo de atrás do cara, pra pegar o cara. E entramos, subimos, se fomos, entramos Mato Sampaio a dentro, andamos por lá tudo. Ninguém, ninguém se encovou com nós. Foi a nossa sorte não ter encontrado o cara senão nós tínhamos matado o cara, né? É, que todo mundo, uns de foice, uns de gadanho, outros com garfo.

(E) Vamos lá ver o pinheiro? Vamos lá ver o pinheiro? O pinheiro que o senhor plantou, vamos ver?

(E) Esse lago...

(J) Não, ali na frente.

(E) Esse lago já tinha Seu Julião?

(J) Tinha a lagoa só, o mato não tinha. O mato não tinha nada. Cresce ligeiro, né? Tem aquela outra picada que tem lá por trás, também aquilo não tinha. Eu entrei lá digo: “mas eu acho me perdi.”

(E) Vamos fazer uma foto aqui com o senhor na frente.

(J) As havaianas são velhas. E esse lago só tinha água na ponta de lá, pra cá não tinha água. Do lado de lá ele empoçava. Então, eu tinha carroça, cavalo, lavava o cavalo, lavava a carroça lá. E vinha a criançada, vinha tomar banho. Então eu tinha correr eles porque era água contaminada, né? Agora tá bonito, eu já atravessei ali esses dias. Aquela figueirinha ali tem mais de 40 anos?

(E) Essa aqui?

(J) É. Até eu não sei se não tiraram a placa, teve uma placa ali.

(E) Essa foi o senhor?

(J) Até aqui fui eu que fiz tudo. Daqui pra diante já... Aqui ainda tem uma linha de árvore que eu plantei até lá em baixo. Essa figueirinha é velha.

(E) Essa aqui?

(J) É velhinha. Eu não tenho ai até... tinha uma placa (inaudível. Por causa da (inaudível). (inaudível) É velha essa figueira. Eu acho que ela é capaz de ter mais de 50 anos. Era pequena.

(E) Essa o senhor plantou?

(J) Essa foi. Isso aqui quando... esse lado aqui foi... daqui pra cá quase tudo foi eu que plantei. Ali pra baixo também. Quer dizer, eu com equipe, dizer eu, né?

(N) Sim tá, estava presente. O senhor estava com o pessoal plantando, o senhor participou, estava plantando junto.

(J) Não, eu era o encarregado, né? Que isso aqui no princípio tudo foi aberta cova de um metro de fundura, que embaixo é um saibro brabo. E um tanto de pedregulho, essa pedra de obra assim, pra depois botar terra em cima que pra a umidade da água não ficar depositada ali na raiz da planta pra não apodrecer, né? Agora, aqui no meio eu não me lembro de ter plantado, não sei, de certo plantaram depois. Do lado tinha banco, também não tem mais.

(N) E chegava vir os políticos aqui Julião?

(J) Vinha algum.

(N) Era o governador, era...?

(J) A gente nem sabia, vinha assim sem...

(N) É? Sem falar, sem avisar.

(J) Até teve um ai que eu pra mim, eu não sei, mas eu acho que era o Pedro Simon. Naquele tempo eu era novo aqui ainda, né? Então lá embaixo eu plantei uma... aquela azaleia. Fiz uma plantação de lá até o orquidário lá. E ele veio com 2 crianças e as crianças estavam pisando em cima. E ai ele ia subindo a escadaria eu chamei: “senhor, essas crianças estão com o senhor?” Disse: “estão.” Digo: “elas estão me quebrando as plantas ali.” Ele diz: “vai tomar no cu.” Eu achei impossível, mas a cara era dele e era cheio. Ai eu disse: “se tu é acostumado a dar eu não sou, tu tá muito mal enganado.” Eu sei que discutimos ai, né? E ele subiu. Ai o guarda me disse assim: “bá, tu me chamou rapaz?” “Mas eu disse pra ele que não podia botar o carro desse lado ele me mandou embora, que quem manda aqui... que ele manda.” Eu achei muito... e depois eu fui trabalhar no Palácio com ele, né? Eu olhava e dizia: “mas eu acho que ele, se ele se lembrar.” E ai ele disse: “eu te boto pra rua dentro de 24 horas.” Eu digo: “pois então bota, o meu nome é fulano de tal.” Mas ele disse errado “eu vou na Prefeitura e te boto pra rua.” Eu pertencia à prefeitura, né? Ai eu digo: “pode me botar, meu nome é fulano de tal.” Ai quando o diretor chegou, era o Professor Urbano, cunhado do Ari. Eu disse: “professor, se passou isso, isso, isso e eu disse isso e isso de resposta pra ele.” Ele disse assim: “não é o secretário?” “Não, secretário não era.” “Não é o Azel?” “Também não era.” Diz: “então ninguém te bota pra rua. Só quem pode te botar pra rua é um dos dois.”

(N) Perdemos o Albano.

(E) Perdemos o Albano é. O Albano faleceu agora a semana passada, né?

(J) Ahm?

(E) O Albano faleceu a semana passada, né?

(J) Pois é, o Ari me disse agora, eu não sabia. Era um homem muito... uma pessoa muito dedicada, muito inteligente. Ele mandou descarregar uma carga de pedra, foi por ali, depois e vou ver a onde que é. E eu cheguei, tranquei o cara que ia descarregar “não, não descarrega ai.” Eu sempre andava de chinelo, nunca gostei de andar muito bem-arrumado, né? Andava de chinelo, calça suja. Ai o cara disse: “quem que tu é?” Eu digo: “sou encarregado, não descarrega ai que não é pra ser descarregado ai.” “Mas o diretor mandou.” Digo: “mas ele está enganado, deixa eu ir lá falar com ele.” Ai corri lá pro escritório, era lá embaixo. Fui lá e digo: “professor, o senhor mandou... encomendou um guincho pra botar as pedras pra cima?” “Não.” Digo: “mas como é que o senhor vai botar aquelas pedras pra cima, pedra com mil quilos, 4 homens não bota pra cima na rampa. E ainda arriscamos a quebrar um homem e ai e o responsável é o encarregado.”

(E) Ah, sim.

(J) Ai diz: “mas não tem outro jeito.” Eu digo: “tem, o caminhão caminhar quinhentos metros, fazer a volta e entrar por aqui de ré.” “Ah, mas vai amassar a grama.” Pra não perder, né? Eu digo: “não, eu já botei 18 pranchões em cima da grama pro caminhão ir por cima.” Ai ele me disse assim: “é verdade, eu aprendi aqui nos livros e o senhor aprendeu sofrendo na carne. Eu estou aprendendo com o senhor e o senhor tá aprendendo comigo.”

(E) É isso ai, uma troca, né?

(J) E é mesmo.

(E) A vida é...

(J) O cara aprende nos livros, é muito fácil. Chaves, primeiro, eu acho que era ai. Antigamente.

(N) Ah, Seu Julião.

(J) (Já taparam), continua até pra dentro dessa curva aqui. É o que subia pra sair na frente dos caras.

(E) E o senhor se lembra a onde está a pedra? E o senhor se lembra onde está a pedra que o senhor virou?

(J) Me lembro, é numa curva, vou achar ali.

(N) O Brizola veio aqui Julião?

(J) Não. O Brizola não chegou a vir... parece que não, não me lembro. Sei que o Brizola muito... deu muito pouca verba pra cá. E também ele teve pouco tempo, sempre cutucado, né?

(E) É.

(J) Eu... o padre, esse o Irmão Teodoro, já morreu, coitado, ele ia muito por aqueles dois, aqueles cupinchadel, né? Que faziam os truques junto com ele.

(N) O Irmão Teodoro o senhor conheceu bem?

(J) Eu conheci bem, no princípio ele era muito bom comigo, ai depois, por causa das intrigas... até colégio pro meu filho ele pagou, um ano lá do Santo Antônio. Depois, por causa das intrigas porque eu não acompanhava os outros ele foi ficando de mal comigo. Esses butiazeiros ai tudo é velho.

(N) Já eram grandes já Seu Julião?

(J) Aquele grandão é o doce parece. É, aquele lá era o mais doce que tinha.

(N) Já era alto assim? O senhor lembra se era...?

(E) Já era alto assim ele?

(J) Já. Era, era muito velho. E esses outros estão morrendo porque estão ficando abafados.

(N) Eu não tinha visto aquele grande ali. Enorme, né?

(E) Tamanho daquele outro, né?

(N) Não tinha visto.

(J) As pedras que eu falei estão ali na esquina.

(N) Uns três ou quatro _____ aqui.

(E) Tá ali a pedra.

(J) Esse quadro ai era pra ser pinheiro todo ele, já tava plantado só de pinheiro, mas arrancaram, cortaram quase tudo.

(N) Pinheiro da serra.

(J) É.

(N) Era o pinheiro da serra.

(J) E aquele outro pinheiro parece que não é dos nossos aqui, eu não me lembro bem. Eu não me lembro, mas parece que é. É debaixo dessa ai.

(E) Será que é essa pedra Seu Julião.

(J) Eu não me lembro bem, não tenho bem certeza, mas acho que é debaixo dela. Mandaram pra arrancar e eu agarrei e virei ela.

(E) Tem que tirar uma foto ai.

(N) Ah, essa nós vamos ter que ver depois.

(E) Tem que tirar uma foto dessa pedra ai.

(N) Nós temos que ver depois.

(E) Isso é um achado histórico, né?

(N) Se for mesmo, bá!

(E) É uma arqueologia, né? Isso é um achado histórico.

(J) Ahm?

(E) Isso é um achado histórico.

(J) É.

(E) Isso é... nossa! É uma coisa... uma história fantástica. Uma história que a gente tem que conhecer, né?

(J) Eu não sei se depois não viraram e não tiraram, mas eu acho que não porque eu até me admirei, eu me admirei...

(E) Essa é uma pedra pesada.

(J) Porque o diretor me dava ordem direto, né? E esse veio um recado pra mim arrancar. Eu fiquei meio intrigado, mas o cara era chefe de escritório, né?

(N) Sim.

(E) É, e é bem possível porque ela tem uma base aqui desse lado, ela é reta aqui. Ela foi deitada pra cá, né? Ela foi deitada pra lá só, né? O senhor só deitou ela, né? É, bem retinha aqui, bem pra ela ficar em pé mesmo. Que maravilha!

(N) Fica bonzinho ai.

(E) É.

(N) E o pinheiro que ele plantou?

(E) E o pinheiro que o senhor plantou?

(J) Eu estou olhando, eu acho que é esse aqui. Não é. A gente vai ficando velho vai ficando meio esquecido, né?

(E) E mudou muito também, né?

(J) E mudou muito.

(E) É.

(J) Fechou da...

(E) Sim.

(J) Isso ai, isso ai foi plantado por mim, lá ____ pequenininho.

(E) É.

(J) Até tinha muda dessas ai quando veio que eu quebrava e botava fora porque era tudo torcida assim, digo: "não, não vou plantar isso."

(E) É.

(J) É, eu acho que é esse. Eu acho que é esse. Eu descer lá em baixo pra ver.

(E) Tem um outro ali mais embaixo, ali, né?

(J) Ali em baixo tinha um lagarto que morava ali, até há pouco tempo eu ainda vi ele. Depois ainda do... no aniversário do... eu vim aqui e vi o lagarto ali, mas de certo já é filho daquele primeiro.

(E) É. Os outros bem alto ai também.

(J) Ah não, é aquele ali. Eu bem tava estranhando.

(E) Esse ai é bem mais alto também. É. É, bem mais alto.

(J) Parece que não é dos mesmos nossos.

(N) Parente, primo. É primo dos nossos esse. Esse é o que foi cortado.

(J) Tinha... tinha... desse tamanho quando eu plantei ele.

(E) Nossa!

(J) 15 centímetros tinha.

(N) E esses foi dos primeiros Seu Julião?

(J) Ahm?

(N) Esse foi dos primeiros?

(J) Não, a primeira árvore é lá. E ai depois, no outro dia eu plantei esse quadro todo, ai a onde eu plantei o pinheiro, no outro dia da inauguração.

(E) Nossa! A primeira árvore é qual?

(J) A lá da... na subida da bandeira lá. Quer ir até lá?

(E) Passear ai. Eu vou fazer uma foto aqui Seu Julião. A foto do pinheiro.

(J) Essa terra fica adubada, ela foi endurecendo. Ela foi estufando a terra. Como é que pode crescer tanto e eu não cresci nada.

(E) É verdade. Como pode, né?

(J) Tinha... uma (reboneira) de... a onde a gente fazia as necessidades porque não tinha nada.

(N) Essa é a primeira Seu Julião.

(J) A primeira. Cortaram por isso que ela saiu assim de lado.

(E) Essa foi a primeira árvore?

(J) Primeira árvore. Depois que botaram aquela outra ali descendo. Aquele butiazeiro também já tinha ali.

(E) Pinheiro bravo.

(J) Ah, é pinheiro... não é nosso, eu não sei...

(E) Pinheiro bravo, né?

(J) Eu não me lembro mais.

(E) É.

(J) Ali também, ali embaixo. É interessante ali foi quando... mandaram fazer aqueles canteiros ali. Tinha uma entradas pra bancos. Então veio um engenheiro e me deu a planta. Eu nunca tinha visto planta na minha casa. Ai peguei, olhei e fui pra casa, fiquei pensando. Ai compreendi o que que era. É casa, e de trecho em trecho tinha uma entrada assim, no canteiro que era pra botar um banco. Ai eu fiz como ele queria.

Agora, tem muita coisa ai que não fui eu que plantei, coqueiro, muito coqueiro ai que já não fui eu que plantei.

(E) Essa é a primeira então?

(J) Essa aqui que é a primeira.

(N) Fazer a foto.

(E) Vamos fazer mais uma foto.

(J) Um cabinho.

(N) Era tudo do campo.

(J) Era um cabinho, tem uma colônia só. Mas pra lá tudo era campo. Tinha uma casa por ali do finado Rodinel, pai daquele Nei, e ele nunca foi goleador. Não me lembro qual era o nome. Há muitos anos atrás. Até tinha uma filha dele que casou com um cunhado meu. E já morreu o meu cunhado, bem novo. O cara foi pra brigada, a primeira vez, foi fazer exame, ai botaram um prato de banana e um copo de leite e diz que o tenente comendo banana e tomando leite e ele não tinha tomado café em casa, ele disse que olhava e chegava a se lambar, né? Ai reprovaram ele. Ai eu disse: “Genilva, tu vai de novo.” Ai falei com um velho que tinha ali que mexia com os pauzinhos, o batuqueiro. Falei com o velho e o velho disse: “eu vou arrumar pra ele ir de novo.” Ai eu não sei o que é que o velho fez lá, ele foi de novo. Ai passou, passou 3 meses e pouco, 4 meses, ele já foi promovido a cabo. Ele tinha bastante estudo, né? Ai continuou, depois passou a sargento, depois já se reformou como tenente. Mas ai pegou a beber muito e morreu ligeiro. E a senhora dele deu o diabete, ai tiraram uma perna. Agora há pouco tempo eu tive conversando com um outro conhecido e ele me disse que ela já morreu também. Digo: “imagine, fechar o olho lá e eu fico aqui estorvando.”

(E) Quer ir lá visitar a Rosa?

(J) Ehm?

(E) Quer visitar a Rosa?

(J) Não.

(E) Não?

(J) A Rosa já nem me conhece mais.

(E) É? Tá ai ainda.

(J) Ela era muito amiga da finada minha mulher.

(E) É?

(N) Essa foi histórica, primeira.

(J) Impressionante!

(N) A número um.

(E) É. Muita folha, né?

(J) As pedras, tudo era botado pra cima, não tinha ai.

(N) Aqui era tudo limpo?

(J) Ahm?

(N) Era tudo limpo aqui Julião. Era tudo...

(J) Lá pra baixo era tudo grama aqui, grama ali, depois eu gramei tudo. Depois o basalto vai matando a grama. E plantamos ali. Tinha bastante planta que dava flor bonita ali. Agora não tem mais, tinha azaleia, tinha uma avenida de azaleia dali até o orquidário. Mais depois dessa parceria tiram elas. Cara abobado. Coitado já morreu também. Fizeram uma proposta, davam dez mil pro cara ir embora e uns quantos palhaços aceitaram. Até o Júlio se não fosse aconselhado tinha aceitado, né? Ai gastaram os dez mil e ficaram...

(E) Ficaram sem. Aquela época do plano de demissão, né? PD... PD... PDV.

(J) Podiam estar trabalhando até agora. Esse já morreu, mas os que não morreram podiam estar trabalhando até agora porque se aposentaram e ficavam, né?

(E) Sim.

(J) O Pedrinho, o Pedrinho quantos anos tá ai.

(E) É verdade. O Pedrinho está de férias ainda, né?

(N) Voltou ontem.

(E) Voltou? Ah, o Pedrinho tá ai. Fazer uma foto, juntar esse pessoal e fazer uma foto deles juntos, né? Seria uma...

(J) Butiazeiro velho. Isso aqui tudo foi trazido pra cá, não tinha, não tinha pedra aqui. No Palácio lá, que era emprestado da Prefeitura e era afilhado da madame, né? Então o cara arrancava grosso, né. "comigo aqui tropicou não caiu eu mando embora." Ai eu disse pra ele: "escuta, quantos anos de serviço o senhor tem?" "Eu tenho 12 anos." Digo: "fez concurso?" "Não, sou carteira assinada.", Digo: "ah, então tá bem seguro." Ai mandou fazer... preparar umas mudas pra ele plantar e é uma planta que se tu facilitar tu planta ela virada porque ela é reta, tu tem que olhar a onde é que tá o (crelinho) e eu botei, fiz as mudas e botei 3 punhados certo.

(E) Certo e tinha uns virados.

(J) Certo, virado pro lado dele. E depois os outros punhados botei tudo ao contrário. E ele plantou tudo, fez o canteiro e me chamou com entono, né? "Vou te mostrar como é que se faz jardim agora. É tudo torto." Eu disse: "isso eu sei, lá no Botânico a gente já

não faz mais jardim quadriculado.” De primeiro era tudo sob medida, agora não, agora tudo é torto que é direito. Eu digo: “mas só uma coisa que eu não compreendi.” “Diz o que que é.” Digo: “porque eu aprendi a trabalhar no jardim com o diretor de botânica, com o professor de botânica, o Irmão Teodoro e ele nunca me disse que essa planta pegava de raiz pra baixo. De raiz pra cima.” “Mas como?” Digo: “ai a metade tá plantado virado.” “_____” “Tu me disse que é profissional, que tem 15 anos.” “Ah, porque não o quê.” Digo: “olha aqui ó, não ronca muito. Tu tá enganado comigo, eu tenho 17 anos de serviço, sou nomeado por concurso público. Não é assim, não é com a tua lábia que tu vai me botar pra rua. Nem tu nem a madame. Porque se me botar vão ter que me pagar.”

(E) É.

(J) Ai ele baixou a bola. A gente aqui tinha 15 minutos pra tomar cafezinho de tarde, né? Batia o ferro, 15 minutos, tu sentava, tomava teu cafezinho, ai batia o ferro tu pegava. Então fui lá, lá ele não queria que tomasse cafezinho de tarde. Ai eu perguntei pro negrinho que era daqui que tinha ido lá que já estava anos, estava desde o tempo do Brizola lá. Eu digo: “Adão.” Já é finado também. Digo: “Adão, tem cafezinho aqui?” “Ter, tem, mas o Serafim não deixa ir lá. “Mas ele te agarra?” “Ah, mas ele não quer que vá.” Eu digo: “não quer é uma coisa, mas não deixa é outra. A onde é o cafezinho? Me mostra por onde é que se vai no cafezinho.” “Vai por aquela rua, bequinho ali, tu vai sair lá no cafezinho.” Me fui lá tomar cafezinho. Eu: “vamos, vamos, vamos negrão. Tu tá mixando, digo, ele não pode te botar pra rua.” O negrão não era concursado. Ai quando era no dia eu cheguei digo: “bom, vamos Serafim lá tomar cafezinho.” Ele meio sem jeito, né? Cheguei lá tinha uma bela lá, eu tinha um bigodão assim ó. Um bigodão de palmo e meio. Eu e o outro colega. E a velha pegou a puxar conversa e eu peguei a tomar cafezinho, fumar e conversar com a velha. E ele “vamos, vamos.” “Para ai, deixa eu terminar o assunto. Ele disse: “nós somos funcionários público, somos pião de estância.” Ai tá, fomos. Ai chegou um, ele mandou fazer uma rampinha dessa largura, mas assim, com a máquina que pesava uns 30, 40 quilos. Ai eu disse pra ele: “não, eu não vou fazer com essa máquina, muito peso pra mim, vai arrebentar os meus pulmões. O meu pai morreu de câncer, morreu de úlcera no estômago, não foi... não matei a soco.” Ai ele disse assim... Eu digo: “só se ele botar uma corda e o Adão pega pra não deixar ela virar e numa passada só tá cortada. “Não, é pra cortar assim.” “Assim eu não corto.” Ai ele pega, cortou tudo, né. Era mês janeiro, suava por tudo quanto era canto. Ai quando terminou disse assim: “precisa ver que eu sou de Bom Jesus.” E eu sou meio atrevido, né? Eu digo: “grande merda. Eu sou de Alegrete e não estou nem peidando.” E ai os caras desatavam a dar risada. Fui tomando conta dele que ele teve que se entregar pra mim, não deu. Foi chamar todo mundo que ele queria conhecer todo mundo novo que tinha entrado, né? Ai o cara foi lá, tinha um brigadiano que só molhava o jardim, pois ele foi lá e disse: “Serafim, eu vou me apresentar lá que o tenente quer que todo mundo se apresente.” “Não, meu pessoal não vai ninguém. O pessoal é direto com a Dona Ecléia.” Ai eu disse pro brigadiano: “então diz pro tenente lá que nós não nos apresentamos porque o seu o Seu Serafim não deixou.” Ah! Mas nem bem terminou a reunião o velho fez dois ofícios, um pra mandarem ele embora ou senão ele ia embora. A Dona Ecléia tinha mandado buscar ele porque ele era durão e o pessoal estava tomando conta, que lá

dentro trabalha vinte e poucas mulheres e homens, né? Então tinha que ter um cara duro ali, senão eles tomavam conta. Ai mandaram ele embora. Por direito. Nós trabalhávamos direitinho, eu e o outro, nós dois tinha um bigodão bem grande, né? Então nós fomos... o sinal fechou, ai nós esperamos, quando o sinal foi abrir, nós fomos passar e o motorista que era dela, que estava com ela ia arrancar ela disse: “Deus o livre tu meter o carro por cima dos meus bigodudos.” Mas nós nem ouvimos, fomos pro bar, almoçamos e voltamos. Ai o cara foi lá embaixo diz: “escuta, porque que a Dona Ecléia xinga todo mundo e vocês ela diz: os meus bigodudos?” Digo: “de certo porque nós andamos direito.” Ela nunca me xingou, nunca me disse nada. Ai passou-se um tempo, eu tinha que botar uma geladeira dentro de uma Kombi, então abri a Kombi pra olhar como é que eu poderia botar uma geladeira dentro de uma Kombi, que era pra levar pra arrumar, né? E tinha um tenente da Brigada ali perto, que ele não tinha nada a ver com nós. Nós era da família, era da Casa Civil, não era da Brigada. Ai o tenente... ai agarrou e disse assim: “é pegar e botar, olhar não adianta nada.” E ela estava na janela bem pertinho, nós não tinha visto. E ela gritou de lá pra ele: “pega e ajuda a botar porque tu não é melhor que ele, tu ganha do mesmo cofre que ele ganha. O que que tu tá pensando?” Puta, o cara saiu a bala. Digo: “por isso que dizem que ela é ruim, porque é pelo direito, né? O cara não tinha nada que se meter.

(E) É, sem meter, né? É verdade. Tem que ser o justo, né?

(J) Bá! As famílias, a coisa mais querida do... Finado Amaral, a família, a coisa mais querida, ela e as gurias. Do Jair também, a Dona Dionéia, era a coisa mais querida. O Jair é que era meio... O Jair tá vivo ainda, né?

(E) Tá vivo ainda.

(J) O Jair que é meio cheio. Nunca ninguém respondia, se animava a responder pra eles, né? Ai o mordomo me disse assim: “sobe junto com nós que ele quer uma modificação no jardim e eu não manjo de jardim. Vai pertinho pra ti ouvir o que que ele diz pra ti fazer.” Ai tá, eu segui, né? Pertinho. Ai subimos assim, no meio daquelas pedrinhas portuguesas tinha nascido capim e nós era oito então nós arrancava com ferrinho, mas ai ele mandou quatro embora, ficou só quatro, não dava tempo de limpar, né? E ele disse assim: “olha ai, isso ai é falta de vontade.” Ah não, não aguentei. Emparelhei com ele e disse assim: “me desculpe Dr. Jair, isso ai é falta de tempo, não é de vontade, eu tenho... es estou... posso estar aposentado, eu estou pagando pra trabalhar, eu trabalho porque gosto.” Digo: “não, aqui nós eramos oito e só senhor mandou quatro pra rua, ficou só quatro, não dá tempo.” Digo: “eu sou do tempo que o senhor era assessor de gabinete do Major Triches.” O tempo que ele era pé de chinelo, né. Eu digo: “eu cansei de levar documento pro senhor do Botânico, quando o senhor era assessor de gabinete.” Ai vermelhou e diz: “tu é daquele tempo?” Digo: “sou.” Foi embora, né? Ai o mordomo: “Ele te bota pra rua.” “Bota pra rua nada. Pra me botar pra rua ele vai ter que me pagar, eu já estou aposentado. Eu estou trabalhando só por...” ...que bonito estava ai. O que que a natureza faz, né?

(E) É verdade.

(J) O que que a natureza faz, né?

(E) Virou um banco, né?

(J) Um banco.

(E) É, um banco. A paineira.

(J) Paineira.

(E) Realmente, ficou muito bonito essa raiz mesmo. O senhor tem um olho clínico, né?

(J) Ahm?

(E) O senhor tem um olho clínico pra essas coisas, né? O senhor tem um olho clínico pra essas coisas. O senhor olha e já. E boa memória, né?

(J) Passei da outra vez aqui, olhei, achei bonito.

(E) É, tá bonito mesmo.

(J) E o que a natureza faz.

(E) É.

(J) Aquela entrou pra baixo, foi pra lá.

(E) E vai embora, né? Tá bonita, a paineira mesmo. Fica um recanto aqui. Só o senhor que morava ali?

(J) Aham.

(E) Era só o senhor que morava ali? Era só o senhor que morava ali, não?

(J) Não, morava... morava o Seu Isaías. Não, o Seu Isaías não. O Seu Isaías me deu a chave. Não, depois ele voltou, ganhou uma casa. O Senhor João, o Seu Anaro e depois tinha o galpão do futebol das Obras Públicas que tomaram conta de um pedaço ali. Ai depois, quando a Fundação tomou conta e tirou tudo.

(N) Sim. E os filhos foram criados ai?

(E) Os filhos foram criados tudo aqui?

(J) Quase tudo, uns saíram pequenos daqui, né?

(E) É.

(J) Quase tudo. O Júlio, eu acho que já nasceu aqui também.

(E) É. Ele conta bastante história, o Júlio, de quando era pequeno ai. Vamos lá tomar uma água?

(J) Nós pegava cada uma ai. Um dia eu vinha... um domingo, eu tinha acabado de cortar capim, era até por ali assim, tinha o capinzal gafanhoto, aquele que é um problema, e eu vim com as gurias, as crianças, né? E eu vi os capins se mexerem assim, disse pras crianças: "fiquem ai." Cheguei lá tava um cara em cima de uma

mulher metendo bala. Eu: “O meu chefe.” Digo: “as crianças ali.” “Ah, por amor de Deus.” O homem se ajoelhou, me pediu perdão, me pediu perdão. Diz: “É uma aventura que estou fazendo. Eu nunca fiz isso. Por amor de Deus não vai fazer reporte.” “Não, não, não, só te cuida, só te cuida por causa das crianças, porque vem muita senhora com criança, né?”

(E) Sim.

(J) Era uma hora, não era uma hora ainda, eu fui em casa, comi e dei volta ligeiro. Ai tinha um rapazinho chupando as tetas de uma guria deitada embaixo de um butiazeiro. E eu sentei no cupim, no terceiro como daqui a ali, perto dele. E ele tava tão entretido que não viu. Ai eu fiquei um pouco ali e depois gritei pra ele. Digo: “mas é tu e um terneiro.” Ai o cara saiu, se encocou e foi embora. Ai eu fazia muito biscate, sabe? Sábado e domingo, quando tava de folga eu fazia biscate porque a família era grande e o dinheiro era pouco. Ai fui trabalhar lá no Dr. Falcão e do lado da casa, olhei por cima do muro e enxerguei a guria. Eu digo: “oi, tudo bom?” Ela diz: “eu não te conheço?” Digo: “olha te lembra bem, te lembra bem que tu me conhece lá do Botânico.” Ali um machado que era botarem uma... uma... eu até plantei o pé de ambu, mas não deu, morreu, não se deu, não se dá aqui ambu. Conhece ambu?

(E) Sim.

(J) Iam botar toda a volta dele de mármore com propaganda de um... nem sei se era aqui de Porto Alegre, o Hotel Ambu.

(E) Hamham, sim.

(J) Ai... mas no fim não saiu. O ambu morreu e a propaganda...

(E) E o hotel também.

(J) As pedras, nunca botaram. Lá em cima nós tínhamos um lugar que ia ser um canteiro de rosas, mais ou menos com 50 metros só de rosas de tudo que era tipo. Eu tinha... pena que eu não guardei. Podia ter botado com pinolha e guardado, uma planta, parece que custou, naquela época, cento e poucos pra fazer a planta. Toda ela de madeira, né? As roseiras, as árvores, tudo. Ficou muito tempo atirado e o cupim tomou conta.

(E) Sim.

(J) Será que eles represaram mais lá embaixo? Porque virou tanto banhado e era só uma lagoinha.

(E) É.

(J) De certo represaram.

(E) Sim.

(N) Trancaram lá embaixo.

(J) É.

(E) Vai ter que fazer o manejo já dessas plantas aquáticas ai, né?

(J) Eu só me lembro daquelas do lado de lá. Eu não sei se plantaram depois ou a lagoa cresceu pra cá. Tá bem clarinha a água, né?

(E) Eles estão colocando do poço, né?

(J) Ahm?

(E) Eles estão colocando do poço a água. Eles enchem quando esvazia.

(J) Eles abriram um poço artesiano?

(E) É, e ai eles enchem com a água do poço.

(J) Ah, porque de primeiro a água era só da chuva.

(E) Isso, é. Que estava ficando muito raso e eles estão enchendo.

(J) Eu tava olhando e me lembrando, ai não tem perigo, mas como tá aparecendo mosquito da dengue, né? Mais de 90 já atingidos.

(E) É. É verdade.

(J) Mas lá pra vila onde eu moro, na rua onde eu moro na frente era uma área verde. Até eu me interessei, comprei terreno lá porque a gente saia de manhã, aquele perfume de planta, né? Ai depois... uma parte que não tinha árvore eu plantava aipim, plantava batata. Depois, uma noite invadiram, tomaram conta de tudo. Ah! virou uma anarquia, pegou a vir maconheiro. Tem um que faz depósito de lixo pra vender e vento avoa e deixa a rua tudo...

(E) É, tem gente que...

(J) Eles não pagam imposto e ainda querem ter mais direito dos que pagam impostos.

(E) É.

(J) Se a gente reclama ainda ficam brabos.

(E) É.

(J) Não dá nem de... De primeiro, de primeiro quando eu era novo, trabalhava, chegaram e pediram pra... logo que invadiram, sabe? Nessa área verde tinha quarenta e poucas plantas medicinais. Eu tinha tirado a relação, né? Das plantas medicinais. Ai, ai, ai, deu a _____. Então, chegou, pediram pra botar um telefone na frente da minha casa, que tinha umas árvores grandes, até está estorvando agora. É essas que tem ai, o cipreste esse. Passou dos fios, está lá em cima. Eu tenho um pinheiro lá que está dessa grossura também, também estava com perigo de cair com a tormenta. Ai pediram pra botar telefone ali. Eu digo: "por mim botar, eu tenho telefone não preciso, mas o pessoal ai precisa, né? Ai botaram o telefone, mas pra quê? Me dava uma

incomodação, era noite e dia as mulheres brigando com os maridos por telefone e vendendo droga e... dizia que faziam ligação de telefone pra outro telefone. Ai quando é uma noite meu cachorro tava furioso de brabo...